

EMESON TAVARES DA SILVA

**TRABALHO, MIGRAÇÃO E COMÉRCIO AMBULANTE NO OESTE PARANAENSE:
A EXPERIÊNCIA DOS REDEIROS EM CASCABEL-PR**

Uberlândia-MG
2016

EMESON TAVARES DA SILVA

**TRABALHO, MIGRAÇÃO E COMÉRCIO AMBULANTE NO OESTE PARANAENSE:
A EXPERIÊNCIA DOS REDEIROS EM CASCAVEL-PR**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em História.

Área de concentração: História Social

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo José Varussa.

Uberlândia-MG
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil

SS86t Silva, Emeson Tavares, 1988-
2016 Trabalho, migração e comércio ambulante no oeste paranaense : a experiência dos redeiros em Cascavel - PR / Emeson Tavares Silva. - 2016.
174 f. ; il.

Orientador: Rinaldo José Varussa.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História.

Inclui bibliografia.

1. História - Teses. 2. História social - Teses. 3. Trabalhadores - Cascavel - História - Teses. 4. Cascavel (PR) - História - Teses. I. Varussa, Rinaldo José. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 930

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rinaldo José Varussa
(UNIOESTE-PR / UFU-MG)
Orientador

Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais
(UFU-MG)

Prof. Dra. Fabiane Santana Previtali
(UFU-MG)

Prof. Dr. Paulo César Inácio
(UFG-GO)

Prof. Dr. Vagner José Moreira
(UNIOESTE-PR)

*À minha Mãe, Maria Cristina
Pelo espelho da sua luta e sua força.*

*Ao meu Pai, Edmilson
Pelo homem batalhador que é.*

*À Margarida, minha avó (in memoriam)
Pelo sonho de ter me visto chegar até aqui.*

*Aos meus irmãos e irmãs e meus sobrinhos
Parte de mim, semente da vida, pura alegria!*

*Ao Lucas Patschiki (in memoriam)
Um colega intelectual que me ensinou a não brincar no serviço.*

*À Adriana, ao Jiani, ao Andrey e ao Tadeu
Parceiros deste caminho.*

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não é resultado apenas de um esforço individual. Ele nasce de significativas contribuições que recolhi durante minha trajetória profissional, acadêmica e como cidadão, ao lidar com pessoas e instituições que foram fundamentais a essa construção.

Consciente de que é impossível listar todos que de uma forma ou de outra me acrescentaram conhecimentos e experiências essenciais à forma de ver o mundo e nele atuar - particularmente em relação à área da educação e enquanto professor, historiador e sociólogo preciso expressar meu agradecimento por ter convivido e aprendido com pessoas como meu orientador Rinaldo José Varussa, por ter acreditado na minha capacidade para a realização desta pesquisa, por ter me apoiado, por ter me aceito. Pelo tempo dedicado a cada conversa, por cada conselho, cada observação e pela dedicação e responsabilidade que guiou este trabalho.

Minha sincera gratidão aos membros da banca de defesa, professores Sergio Paulo Moraes, Paulo Cesar Inácio, Wagner José Moreira e Fabiane Santana Previtali que generosamente, cederam um pouco de seu tempo e atenção com observações que contribuíram imensamente na construção deste trabalho.

Agradeço imensamente aos meus colegas da turma ingressante de 2013 do doutorado: Andrey, Franciele, Carol, Jacques, Renan, Claudia Guerra, Claudia Cruz, Sandra, Floriana, Roberta, Roberto, Walter, Gerardo, Silvania e Ângela. Também agradeço a Pâmela e a Maria Cristina que faziam o mestrado. Foram muitas emoções e conhecimentos compartilhados.

Estendo os agradecimentos aos professores do PPGHis: Célia Rocha, Regina Ilka, Jacy Seixas, Adalberto Paranhos e Dilma de Paula pelos ensinamentos durante as disciplinas.

Aos secretários do PPGHis, Stenio e Josiane. Esses dois mineiros me ajudaram pacas.

Ao psiquiatra Dr. Genival Duarte, quando eu achava que estava louco esta pessoa me ensinou que posso ser mais louco do que poderia ser. E que mesmo louco a gente vive. A vida é leve!

Ao meus colegas, amigos e ex-alunos do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UNIOESTE, *Campus de Cascavel* em especial a Anadir, Cristiane Sander, Janaíne e Alex Verderio que torceram por mim na seleção do doutorado. Comemoraram comigo minha aprovação e foram parceiros no primeiro ano dessa jornada.

Aos meus colegas, amigos e ex-alunos do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, *Campus de Naviraí*. Como foi difícil.

Aos meus colegas e alunos do curso de Pedagogia e do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros da Universidade Federal da Paraíba, Campus III. Devo muito ao Rodrigo e a Rita Cristiana.

Aos meus alunos e colegas professores do curso de Ciências Aeronáuticas da Escola Superior de Aviação Civil do CESED. Juliano Brandt, serei imensamente grato por toda sua paciência, por toda sua atenção e respeito que teve comigo. Obrigado!

A todos os meus familiares que entenderam a minha ausência, que compartilharam comigo minhas angustias e desesperos para a conclusão deste trabalho.

Aos amigos Viviane e Alex Zanchin que por muitas vezes me pegaram e me levaram à rodoviária e ao aeroporto de Cascavel.

Ao amigo Tadeu que me abrigou em sua casa em Uberlândia.

Aos meus amigos do Oeste do Paraná: Devanir, Fábio, Fausto, Lair Junior, Vitinho, Simone, Jorge que foram uma família enquanto em Cascavel eu morava.

Ao Jonatas e ao Lucas meus vizinhos e ao Eder porteiro do prédio que eu morava em Cascavel. Não teria como não agradecer a vocês.

Ao Carlos Pacholok pela segurança, confiança, tranquilidade e força que sempre me passou. Cara, devo muito a você a visão de mundo que você me imprimiu.

Ao Lisandro, Klinger, Daniel, Victor, Zilda e Geovani que muito me alegraram nos dias que vivi em Naviraí-MS.

Aos amigos do grupo “Historiadores da UEPB”. A gente coisa, coisa, mas a gente também fala sério, né?!

A Ana Paula, Marcia, Francisco, Gessiandro e Wilker. Meus amigos da Paraíba. Não se esqueceram de mim.

Ao Junior Rufino pelo auxilio cordial, pelas conversas, pelos almoços, pelas jantas, pelas risadas e por ter alegrado os dias que passei no brejo paraibano.

A todos os entrevistados e entrevistados.

A meu Deus – a quem considero meu senhor, meu pai, meu amigo e meu amor. Sem a sua misericórdia e compaixão eu não conseguia chegar até aqui. Só Deus sabe as crises que passei, os aperreios que sofri e os medos que possuía por pensar que não cumpriria as missões que eu tinha em mãos. É inevitável fazer as lágrimas caírem no rosto por saber que mais uma missão foi cumprida com a ajuda Dele.

Estou feliz por fechar mais um ciclo em minha vida, apesar dos pesares, vivenciando dias de angústia. O presente trabalho ao seu modo encheu meu coração de energia, me fazendo aceitar e amar até mesmo meus dias mais tristes, sempre me fazendo companhia. Mais um degrau concretizado no caminho dos meus sonhos como pessoa e como profissional.

Findo meus agradecimentos com as palavras de Marcel Proust: “Sejamos gratos às pessoas que nos fazem felizes. Eles são os jardineiros encantadores que fazem nossas almas florescerem.” Sejamos gratos! Sejamos amados!

RESUMO

Silva, Emeson Tavares da. **Trabalho, Migração e Comércio Ambulante no Oeste Paranaense: A Experiência dos Redeiros em Cascavel-PR.** 2016. 165f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia-MG

Esta pesquisa investiga, no conjunto das práticas de trabalhadores nordestinos aqui configurados em *redeiros* que buscaram a região oeste do Paraná, mais particularmente a cidade de Cascavel, a partir de 1998, que fazem o chamado comércio ambulante na cidade, os sentidos e as condições de suas trajetórias, procurando compreender as ações desses sujeitos na transformação da região, bem como os conflitos e os estranhamentos vivenciados com outros grupos locais pela conquista do espaço e do direito de pertencimento ao local fazendo emergir a agenda de expectativas e valores desses sujeitos na dinâmica de suas experiências, evidenciando relações de identificações e dissidências, estabelecidas em suas condutas. Ao considerar a saída de um lugar e avaliar a mudança para outro, a questão que se coloca perpassa a compreensão do que se tem e se espera da moradia, dos laços afetivos, das possibilidades de alimentação e vestimenta, das atividades e relações de trabalho, das horas e situações de lazer, das relações preservadas ou intencionalmente interrompidas; enfim, das relações de poder presentes nas alternativas encaminhadas a partir da condição de classe desses trabalhadores. Nesta direção, dá-se atenção ao caráter planejado destas trajetórias, às tensões e aos estranhamentos diversos, lembrados e reelaborados pelos sujeitos. Do mesmo modo, aventura-se em dar visibilidade às redes destas trajetórias itinerantes, muitas vezes inconclusas, que permeiam a formação da paisagem social desta região.

Palavras-Chave: Redeiros, Comércio Ambulante, Cascavel-PR

ABSTRACT

Silva, Emeson Tavares da. **Work, Migration and Outbound Commerce in the West of Paraná:** The Experience of Redeiros in Cascavel-PR. 2016. 165f. Thesis (doctorate). Graduate Program in History. Federal University of Uberlândia. Uberlândia-MG

This research investigates, in the set of the Northeastern workers' practices here, set up in redeiros that sought the west region of Paraná, more particularly the city of Cascavel, from 1998, that make the so-called itinerant commerce in the city, the senses and conditions of Understanding the actions of these subjects in the transformation of the region, as well as the conflicts and estrangements experienced with other local groups for the conquest of space and the right of belonging to the place, thus raising the agenda of expectations and values of these subjects in the dynamics of Their experiences, evidencing relations of identifications and dissidents, established in their conduct. When considering leaving one place and evaluating the change for another, the question that arises lies in the understanding of what is expected and expected of the dwelling, affective bonds, possibilities of food and clothing, activities and labor relations, Of the hours and situations of leisure, of the relations preserved or intentionally interrupted; Finally, of the power relations present in the alternatives sent from the class condition of these workers. In this direction, attention is given to the planned character of these trajectories, to the tensions and the various estrangements, remembered and reworked by the subjects. In the same way, it ventures to give visibility to the networks of these itinerant itineraries, often inconclusive, that permeate the formation of the social landscape of this region.

Keywords: Redeiros, Outsourcing, Cascavel-PR

SUMÁRIO

Introdução:	12
1. Desloca-se como vida e trabalho:	
As memórias, Os redeiros e Suas Histórias de Migrantes.....	25
2. Rua e Sociabilidades:	
Trabalho, Legislação e a Mobilidade dos Redeiros no Centro de Cascavel-PR.....	60
3. O Bairro do Alto Alegre revisitado:	
A moradia, o lar e o viver dos redeiros	95
4. As Trajetórias Dos Regressos:	
Os Retornados, As Movimentações e o Trabalho em São Bento-PB	126
Conclusão:	
Os desejos esquecidos que renderão outras paisagens.....	161
Fontes	165
Referências Bibliográficas	168

INTRODUÇÃO:

[...]
*Sou um redeiro
 Vendo em todo lugar
 To lá no meio da feira
 Shopping center e beira-mar
 Tudo o que eu quero
 É o meu sagrado pão
 Mais muita gente indecente
 Pensa que somos ladrões.*

*Compre uma rede
 Meu bom patrão
 Sou Paraíba
 Sou redeiro do sertão
 É rede boa, tem Tieta
 E tem jamanta
 Tem manta crua e bordada
 Feita de puro algodão*

*A noite chega
 Tomo um banho para jantar
 Bato a poeira da rede
 Fico deitado a pensar
 Se eu pudesse
 Ficar lá no meu sertão
 Juntinho da minha gente
 Sem pensar na solidão*

[...]
*Pra ser redeiro
 Tem que ser bem radical
 Falar coisas que nem sei
 Beber cana e prosear
 Virá um inferno
 A vida do cidadão
 Com a alma e o corpo quente
 Vendo até um caminhão*

[...]
*Sei que mereço
 E não há jeito de mudar
 Foi porque não estudei
 Pra no futuro brilhar
 Mais sou honesto*

*Tenho deus no coração
Redeiro também é gente
É um digno cidadão.*

(Tihinho Almeida)

Tem se tornando comum pelas ruas de diversas cidades brasileiras observarmos vendedores ambulantes que comercializam objetos oriundos de tecelagens nordestinas. Objetos estes que se distinguem entre redes, tapetes, mantas de sofá, roupas de cama, toalhas de mesa e panos de prato. A venda se dá no deslocamento a pé pela cidade, proporcionando a comercialização de pessoa a pessoa, de porta em porta. As mercadorias são transportadas através de um carrinho de mão onde são empilhadas e ficam à mostra, ou carregadas no ombro. Esses vendedores ambulantes, chamados aqui de redeiros, são os mesmos que migraram da Paraíba para o oeste do Paraná vendendo esses mesmos objetos em cidade a cidade.

Migrar de um Estado para outro do mesmo país, deixando suas raízes para trás, podem definir o migrante, um sujeito que resolve aventurar-se em um novo lugar, na sedução do estranho e por diversas motivações – econômicas, políticas, sociais ou culturais. Em muitos casos, a migração pode ser pensada como uma estratégia de sobrevivência e o sujeito é um viajante que leva consigo todo seu arcabouço cultural do qual não consegue se desprender, lembrando-o de onde vem.

Neste novo lugar, o redeiro é o migrante que não era mais, pois passou por mudanças após migrar e agora é o estrangeiro, o alienígena, o estranho, o outsider, o *diferentão...* e tantas outras adjetivações positivas ou pejorativas, que servem para delimitar as diferenças, pois, se a migração aparece como estratégia de sobrevivência para o migrante, para os nativos este deslocamento humano pode parecer uma ameaça de invasão e dominação.

As disputas entre os grupos ganham forma e os nativos passam a elaborar discursos e criar lugares específicos para os migrantes que chegam a sua cidade, ao seu bairro, a sua rua... Dessa forma, o migrante, além de estar

longe de suas referências culturais, terá também que negociar e reivindicar o direito de na cidade viver.

Percebo que, apesar de existirem inúmeros trabalhos que trataram do tema de migração, principalmente no que se refere à migração no oeste do Paraná¹, verifiquei a escassez de pesquisas que tenham como objeto de análise o processo de migração de pessoas oriundas no nordeste para outras regiões do Brasil no período recente e mais ainda sobre o caso dos redeiros. Nesse sentido, estou contribuindo com o entendimento de uma realidade que não foi estudada numa perspectiva histórica social como me esforço em fazer.

Os redeiros são, portanto, o conjunto de trabalhadores oriundos na região nordeste do Brasil, mas especificamente da Paraíba e do Rio Grande do Norte, que vivem na condição de migrantes, de cidade em cidade, vendendo seus produtos nos locais por onde transitam. Posso classificar os redeiros de acordo com seu papel dentro de sua própria organização do trabalho: tem o redeiro proprietário, aquele que é dono das mercadorias a serem comercializadas e, as vezes dono do veículo no qual viajam os demais e o redeiro vendedor, responsável pela venda dos produtos.

Penso que, embora os trabalhadores aqui investigados não se auto titulam como redeiros, lembro-me que a expressão é expressão é mencionada sempre por aquele de fora, como a imprensa, os motoristas de ônibus, pelos compradores de mercadorias, pela prefeitura de São Bento e outros². Optei por fazer uso desta categoria por entender que ela expressa a condição de trabalho e vida destes homens que aqui analiso por eles compartilharem além da própria cultura, das mesmas experiências e condição de classe e neste sentido, o nordestino-migrante-ambulante.

Uma outra questão que coloco é que os redeiros aqui não abarcam somente os vendedores de redes de dormir, mas todos aqueles trabalhadores que são oriundos da Paraíba e que praticam o comércio ambulante,

¹ Dentre os trabalhos que se referem a temática no oeste do estado do Paraná posso aqui elencar três: a tese “Tempos diversos, vidas entrelaçadas: trajetórias itinerantes de trabalhadores no Extremo-Oeste do Paraná” de Robson Laverdi, a tese “Trabalhadores em movimento: horizontes abertos em Marechal Cândido Rondon - PR - Segunda metade do século XX e início do século XXI” de Carlos Meneses de Sousa Santos e a dissertação “A capital do oeste”: Um estudo das transformações e (re)significações da ocupação urbana em Cascavel – PR (1976-2010) de Maicon Mariano.

² Na cidade de São Bento, na Paraíba tem vários locais e manifestações que lembram esses trabalhadores: Nome de praça, festas, romarias, shoppings... que estão diretamente relacionados a esse conjunto dos redeiros paraibanos.

comercializando desde redes, tapetes, artesanatos no geral, mas também cintos, carteiras, material importado e etc.

Desta feita tenho como objetivo deste trabalho investigar as experiências vividas pelos redeiros que praticam o comércio ambulante na cidade de Cascavel, no oeste do estado do Paraná. Essa investigação foi feita a partir da produção de entrevistas orais produzidas com esses trabalhadores. Pretendo, por meio das memórias, trajetórias e viveres desses sujeitos, refletir como, ao narrarem suas trajetórias, atribuem significado ao ser da cidade, ao ser trabalhador ambulante, ao praticar o comércio ambulante, ao ser migrante e diferente na cidade de Cascavel-PR. Pretendo também refletir como os trabalhadores ambulantes re-elaboram suas experiências de contar/narrar suas movimentações.

Cascavel é um município localizado no Oeste do Estado do Paraná. Foi fundado em 28 de março de 1930, por José Silvério dos Reis de Oliveira. Emancipado política e administrativamente em 14 de novembro de 1951, pelo então governador Bento Munhoz da Rocha Neto, através da Lei nº 790/51, que depois sofreu subdivisões com a criação de novos municípios limítrofes.

Cascavel, atualmente, é a maior cidade do Oeste do Paraná, representando, assim, uma metrópole da região. Possui aproximadamente 305.000 habitantes. Destaca-se, na educação, como polo universitário, com cerca de 21 mil estudantes de 3º grau, através de universidades pública e várias particulares. É uma referência na saúde e medicina, contando com uma estrutura de hospitais, clínicas e postos de saúde, bem como de profissionais de diferentes especialidades, que atendem toda a região.

Distingue-se, também, pelo comércio, pela infraestrutura industrial e de serviços em diferentes áreas, que transparecem toda a grandiosidade da cidade. As forças que tornaram Cascavel um polo regional também estão ligadas ao agronegócio, desde a presença de culturas agroindustriais da soja, milho, trigo, aveia, entre outras, como da produção e o abate de frangos, suínos e bovinos, passando pela sua comercialização, até o desenvolvimento da oferta de serviços cada vez mais especializados.

A ideia de migração aqui pode ser sinônimo de movimentações, do ir e vir do deslocamento para o trabalho e é pensada a partir das reflexões de E.

P.Thompson que considera como “*processo ativo que deve tanto a ação humana como aos seus condicionamentos*” (THOMPSON,1987, p.9)³.

Esta passagem que E.P.Thompson está justificando a dinâmica do que propôs como o “fazer-se” da classe operaria inglesa nos séculos XVIII e XIX demonstra o caráter em movimento deste processo. E neste sentido concordo com a apropriação que Carlos Meneses de Sousa Santos faz, compreendendo este movimento fazendo relação com a migração:

Para trabalhadores, sair de uma determinada cidade pode ser mais que mudar de endereço, pode ser mais que deslocar números nas estatísticas. A partida pode ser acompanhada de ponderações sobre o que se espera deixar para trás, assim como de indicações sobre o que se avalia como possível de ser encontrado no novo destino.(SANTOS, 2016, p.119)

Assim, busco compreender os redeiros em suas movimentações, em suas idas e vindas, analiso as suas histórias e os sentimentos que os fazem pertencer a um lugar social e migrar para outro, para isso, busco aspectos que revelem como eles se sentem sujeitos de um lugar. Ora o estabelecido, ora o outsider (ELIAS & SCOTSON, 2000) e como que eles reivindicam para si o direito de pertencer à cidade, nas atuações diretas vividas no bairro do Alto Alegre em Cascavel. Isso fica expresso nas opções feitas por eles em relação à moradia, ao trabalho e à diversão. O que fazem esses trabalhadores deixarem sua cidade e se aventurarem pelo Brasil, alguns sem destinos definidos e chegam em qualquer lugar? Quais as motivações pessoais? Seria uma extensão do comércio local para o Brasil? Quais as relações estabelecidas na cidade pelos recém chegados? Que processo maior está por trás desta migração que se diferencia da “retirânciam” da seca da década de 1980, por exemplo?

³ SANTOS, Carlos Meneses de Sousa. Trabalhadores em Movimento. Horizontes abertos em Marechal Cândido Rondon-PR. Segunda Metade do século XX e inicio do século XXI. Jundiaí, Paco Editorial: 2016. Neste trabalho o autor busca entender a movimentação social de trabalhadores, evidenciando imagens expressas em suas presenças em Marechal Cândido Rondon-PR, a partir da segunda metade do século XX, essas presenças, para ele, visualizam ações e avaliações de homens e mulheres que chegaram, partiram ou retornaram de diversos lugares. Essas presenças seriam a afirmação propositiva de seus interesses e valores assumindo que suas movimentações são mais que deslocamentos, que suas ações expressam os modos de vida e luta estabelecidos por um conjunto significativo de trabalhadores e, neste sentido, o autor defende a tese de que essa disposição interpretativa abre a possibilidade de sair do marco emoldurado em que foi colocada a noção de “movimento social”, passando a dinâmica da “movimentação social” dos trabalhadores.

Estas inquietações partiram de minha própria experiência na cidade. Morei em Cascavel por 4 anos e no Oeste do Paraná, 6 anos e como nordestino que sou, antes mesmo de vir para a região, na ocasião para cursar um mestrado, tinha uma imagem um tanto quanto preconceituosa a respeito das interpretações que os nativos fazem ou fazia do redeiro.

Pensava que a opressão, o olhar discriminatório cairia bem mais forte sobre mim quando optasse por morar na região Oeste do Paraná sem ao menos ter me dado conta das relações de espaço e poder que permeiam as tramas sociais. Imaginava que seria mais um “cabeça chata”, “baiano”, “paraíba”... que decidiu ganhar a vida em outro lugar. Relações estas que não pairaram sobre mim. Isso me permite pensar que esta discriminação ou nos tratos diferentes que é tido em relação aos migrantes nordestinos é de acordo com os papéis sociais que venham estabelecer, ou seja, é uma questão de classe social.

Entre minhas idas e vindas a Salto Del Guairá-Paraguai passando pela cidade de Guaíra-PR tive contato com homens, em sua maioria jovens, que comercializavam desde cintos, tapetes, redes a capas de celulares, trabalhadores nordestinos, que deixam suas cidades natais para “ganhar a vida” na região Oeste do Paraná, a maioria deles residiam em Cascavel-PR e de lá se distribuem nas cidades da região. Ao saber que são nordestinos e a maioria paraibanos, assim como eu, decidi dialogar com esses homens com faixa etária de 18 a 40 anos de idade. Fui interpelado por jovens que me perguntavam se havia sentido em passar a vida vendendo “troço” na casa dos “povo”; fui advertido sobre a enorme diferença em ser nordestino e trabalhar no comércio ambulante como eles e ser estudante de mestrado como eu.

Nesse sentido, ao começar a pesquisa levantei alguns questionamentos que estavam diretamente relacionados com o meu viver nesta cidade e os espaços que nela eu ocupava. Pensei então em sair de mim e tentar me livrar das imagens e estereótipos que eu imaginava que esses redeiros sofriam na cidade é quando busco os sujeitos sociais que pudessem narrar às experiências vividas nesta cidade e neste sentido começa a fazer quase que o mesmo movimento destes trabalhadores e entrevisto tanto trabalhadores em Cascavel, no Paraná, como em sua cidade natal, São Bento-PB como se verifica nas narrativas.

Não me reporto à historiografia local para perceber como os nordestinos foram apresentados por estes trabalhos. Aliás, nem foram! Não é minha proposta fazer um estudo de História Regional nem do Oeste do Paraná, nem tampouco do Sertão Paraibano. Importa aqui estudar a vida destes trabalhadores nos seus projetos e também nos seus movimentos. Busco perceber como esses trabalhadores moravam, trabalhavam, investigo as experiências de vida dos mesmos e como a cidade constituiu-se por meio das experiências desses sujeitos, portanto, trata-se de um trabalho de História Social no sentido que toda sua generalidade permita compreender.

Não me vejo obrigado e também não acho de tamanha relevância buscar o tempo cronológico datado na historiografia. Percebo que, para responder as minhas inquietações, devo conduzir a pesquisa a partir da narrativa desses sujeitos para identificar o tempo referenciado em suas memórias.

Busco, então, o tempo histórico no relato das memórias e movimentações desses trabalhadores. Ao recordar o que era o viver no nordeste e o como estão vivendo no presente, isso faz com que a temporalidade venha a emergir em suas memórias. Para que possa aprofundar a pesquisa, pensando nas minhas inquietações, dialogo com o material bibliográfico existente, com as fontes orais e com reportagens de jornais que encontrei.

Nas entrevistas, procuro estudar as experiências adquiridas por esses sujeitos ao narrarem as suas trajetórias. Busco compreender em seus relatos como eles dão significados às experiências vividas ao longo das suas trajetórias, desde o momento de partida, da viagem, da chegada e do retorno. Neste interim, a pesquisa é focada em duas cidades, uma paraibana, São Bento e outra, paranaense, Cascavel. Ambas neste movimento de chegada e partida.

Desta forma, posso analisar o que foi e é significativo para esses sujeitos no decorrer das suas trajetórias. Tentar compreendê-las, recuperar o vivido por eles ao longo do caminho, constitui-se um dos objetivos desta pesquisa. Ao analisar as narrativas desses nordestinos, volto constantemente ao passado, porque ao relatarem suas histórias articulam o presente com o

passado e trazem à tona, em suas memórias, imagens e representações de lugares diferentes.

Percebo que estes trabalhadores atribuem significados a história vivida do ir e vir na cidade que se modificam ao longo das narrativas, que se renovam, se recriam de acordo com as necessidades imbricadas nas vivências da época. As narrativas vêm carregadas de sentimentos e valores que compõem a prática social desses nordestinos e esses valores mudam e devem ser analisados, respeitando a experiência de cada um dos sujeitos históricos com os quais estou trabalhando.

Os enredos não são os mesmos, embora com uma expectativa comum, a trajetória percorrida os diferenciam enquanto sujeitos sociais.

Portanto, o meu objetivo é analisar esses enredos diferenciados na tentativa de explicar as questões que levantei. A maneira como estes sujeitos sociais constroem o presente e passado está vinculada suas relações com o trabalho, com o migrar e com a cidade natal, retratados em temporalidades que estão pautadas em outros vínculos, que não o tempo do calendário. O que interessa é refletir sobre essas trajetórias e as relações que foram estabelecidas no cotidiano desses sujeitos ao fazerem este percurso.

O uso da fonte oral neste trabalho não é para preencher vazios, mas para que através da memória desses trabalhadores possa conhecer mais da história vivida por eles e, neste sentido,

(...) me refiro à maioria que encara a própria vida tal como ela é e sempre foi(...) aquelas pessoas a quem alguns dirigentes sindicais, quando lamentam a falta de interesses manifestada por essa maioria em relação ao movimento sindical, chama 'a vasta massa apática'; a que os autores de canções dão nome elogioso de 'o povo simples', que as próprias classes trabalhadoras descrevem mais sobriamente, como as 'pessoas vulgares' (...) (HOGGART, 1973, p.27)

Richard Hoggart, em "As utilizações da Cultura" chamou atenção para se investigar o modo como esses sujeitos, nominados como "a vasta massa apática", "o povo simples" ou "as pessoas vulgares" vivem enquanto protagonistas históricos. Este entendimento torna-se relevante na medida em que pesquiso aspectos da experiência de vida desses sujeitos.

Nesse sentido, ao realizar as primeiras entrevistas, percebi que além das minhas inquietações os entrevistados traziam outras, as quais não tinha

pensado. Esses sujeitos ao narrarem a vida cotidiana trazem muito da própria história de vida, de migrantes, de nordestinos, de paranaenses, de vendedores, de trabalhadores, de Cascavel.... Histórias essas que dizem respeito ao modo como vivem esta movimentação, como trabalham, moram e se divertem.

Esses trabalhadores-ambulantes-migrantes-nordestinos e aqui apelidados de redeiros são pensados, portanto, enquanto protagonistas da história, analiso os relatos de suas trajetórias, o ir e vir, e por meio de suas memórias procuro interpretar os significados constituídos na arte de narrar as suas experiências. Neste sentido, é interessante observar a abordagem feita por Yara Aun (2001) em relação ao tratamento que deve ser dado ao sujeito dentro da história social, com base no método de investigação da História Oral:

Abordando a história como um processo construído pelos próprios homens, de maneira compartilhada, complexa, ambígua e contraditória, o sujeito histórico não é pensado como uma abstração ou como um conceito, mas como pessoas vivas, que se fazem históricas e culturalmente, num processo em que as dimensões individual e social são e estão intrinsecamente imbricadas (...)(KHOURY, 2001,p.80)

Essa abordagem defendida pela autora – pensar a história como processo construído de maneira compartilhada, complexa, ambígua e contraditória é uma condição *sine qua no* ao desenvolvimento desta tese. Tanta cobrada e exigida por parte de meu orientador e dos professores vinculados à linha de pesquisa Trabalho e Movimentos Sociais. Atentar para esta complexidade de tal abordagem é sempre tarefa difícil, uma vez que significa abrir mão de uma visão que não levava em consideração o caráter contraditório, não linear das ações dos sujeitos, ao viverem suas demandas cotidianas.

As fontes orais possibilitam-me neste trabalho, entender a dinâmica das transformações ocorridas ao longo da trajetória desses sujeitos sociais. Somente por meio desta abordagem posso investigar o que é significativo para esses sujeitos. Como colocado por Yara Aun “As fontes orais são únicas e significativas por causa de seu enredo, ou seja, do caminho no qual os materiais da história são organizados pelos narradores para contá-la”(KHOURY,200, p.82)

Nesses enredos, que são únicos e diferenciados, os sujeitos entrevistados ao falarem do hoje, fazem emergir a temporalidade de cada um deles. Ao fazer menção desses enredos, considero importante referenciar a concepção de memória discutida em Raphael Samuel(1997) onde o autor coloca que:

A memória é historicamente condicionada, mudando de cor e forma de acordo com o que emerge no momento; de modo que, longe de ser transmitida pelo modo intemporal da “tradição”, ela é progressivamente alterada de geração em geração. Ela porta a marca da experiência, por maiores mediações que esta tenha sofrido. Tem, estampada, as paixões dominantes em seu tempo. Como a história, a memória é inherentemente revisionista, e nunca é tão camaleônica como quando parece permanecer igual. (SAMUEL,1997,p.44)

Nesta tese busco, por meio do trabalho da memória, as expectativas ou motivações que fizeram com que os nordestinos migrassem. Analiso, ainda, em que medida as trajetórias e histórias desses sujeitos foram modificando-se ao chegarem na cidade de Cascavel. Por isso, ao trabalhar com história oral e memória, preocupei-me com o fato de pensar a memória não como um “arquivo de lembranças”, e sim, como um tempo em que esses sujeitos, além de recordar atribuem significados ao passado e ao presente.

Nesse sentido, as entrevistas revelam-me aspectos das trajetórias narradas pelos nordestinos como expressão do viver na cidade, o modo como constituem os seus vínculos. Todos esses aspectos evidenciam o que eles pensam dos lugares ou territórios da cidade onde estão vivendo, pois segundo Thompson refletir sobre a “experiência” e a “cultura” significa compreender:

(...)as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como idéias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos, ou (como supõem alguns praticantes teóricos) como instinto proletário etc. Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou (através de formas mais elaboradas) na arte ou nas convicções religiosas. Essa metade da cultura (e é uma metade completa) pode ser descrita como consciência afetiva e moral (THOMPSON,1981, p.189)

Esses sujeitos trabalham com a memória e vão elaborando sentidos no decorrer das trajetórias, trazendo para as suas narrativas no presente muito do que foi vivenciado no passado, com os significados atribuídos a cada momento

em função de traumas, de expectativas e desejos, sentimentos que compuseram as suas memórias e fizeram parte de suas trajetórias emergindo em suas falas a medida que compunham os enredos.

Portanto, na minha pesquisa analiso essas experiências de sujeitos que ao chegarem a Cascavel, constituíram os seus espaços, deram importância às relações de trabalho e convívio social como fundamental para a permanência deles na cidade. Ainda, referindo-me a Thompson, procuro pensar o texto e o contexto intrinsecamente juntos, o contexto emergindo no texto por meio das análises sobre as evidências construídas e interrogadas pelo historiador.

Nesse sentido, no trabalho com as narrativas orais, a partir dos enredos construídos pelos sujeitos entrevistados fui tirando o contexto da minha pesquisa analisando os elementos constitutivos da realidade social e histórica vivida pelos sujeitos com os quais dialoguei. Pois na história, como bem discute Thompson, não existem regras definidas e nem laboratório de verificação, o que define a interpretação dos fatos está relacionado a escolha de valores e simultaneamente ao modo como se interpreta as evidências históricas.

Desta feita, estou pensando esta pesquisa dividida em quatro capítulos:

O primeiro capítulo: *"Desloca-se como vida e trabalho: as memórias, os redeiros e suas histórias"* busco investigar como foi a saída desses sujeitos do Nordeste, apresento alguns dos motivos que teriam impulsionado essa saída, bem como, a maneira como transcorreu a viagem. Busco explicitar, também, as diferenças apontadas em suas falas quando narram sobre a saída do nordeste, em que apresentam um nordeste multifacetado por isso são motivados a deixá-lo pelos motivos mais diversos desde um sonho de jovem até a necessidade de um trabalho e melhores condições de vida. A chegada, a saída e as expectativas dessas pessoas em relação à região de Cascavel não eram sempre as mesmas, trabalho com essa diversidade de expectativas apresentada em suas falas e procuro perceber qual o significado para eles de conviver com as mudanças ocorridas em suas vidas logo ao chegar na região e como transcorreu o ato do migrar.

No segundo capítulo: *"Rua e Sociabilidades: trabalho, legislação e a mobilidade dos redeiros no centro de Cascavel-PR"* busco entender como acontece o trabalho ambulante no centro de Cascavel, o embate e o

estranhamento desses trabalhadores com os lojistas, com seus clientes bem como com o poder público da cidade.

No terceiro capítulo: “*O bairro do Alto Alegre revisitado: A moradia, o lar e o lazer:*” apresento a mudança desses sujeitos para cidade. Momento em que eles têm que re-elaborar outras formas de viver, principalmente, em trabalhar em um mundo que era diferente do já experienciado por eles.

Busco, então, analisar como foi a vida deles nesse outro território, procuro os sentidos e as razões expressas em suas falas para buscarem a cidade. No entanto, por meio das memórias, procurei recompor o que era a cidade para esses sujeitos sociais, procuro problematizar os sentidos e significados atribuídos por eles em relação ao lazer no nordeste. O modo como discorrem a respeito das maneiras variadas de se divertir, levando em consideração a vida no nordeste naquele momento.

Esse capítulo serve também como uma justificativa para a escolha do tema de estudo ser focado na cidade de Cascavel, evidenciando o bairro como uma torre de babel.

Procuro analisar como foram processadas as mudanças e permanências nos hábitos alimentares e no lazer. Essas práticas estão relacionadas às experiências de vida diferenciadas, em espaços distintos um do outro e algumas dessas práticas cotidianas vividas no nordeste são invocadas pelos nordestinos em Cascavel.

No quarto e último capítulo: “*As trajetórias dos regressos: Os Retornados, as Relações e os Trabalhos em São Bento-PB*” é dedicado à análise das condições sociais e formas de sobrevivência dos trabalhadores que retornam ao lugar de origem. A esse respeito, é interessante dizer que os lugares de origem e destino se alternam permanentemente durante todo o período de vida ativa do homem na atividade laboral, em média até os 35 anos de idade, conforme observei a faixa etária deles. Para estes sujeitos, o ato de migrar inclui a perspectiva de retorno dentro de um período previamente projetado, de acordo como a atividade a ser executada.

Pretendo compreender o sentir e o agir de sujeitos aliciados no lugar de origem e levados ao trabalho. Não objetivo estabelecer um modelo fechado de migração, atitudes diante da condição de exploração, ações de resistência ou

conformismo. Mas essa migração em movimento e no movimento que a mesma proporciona.

1.

DESLOCAR-SE COMO VIDA E TRABALHO:
AS MEMÓRIAS, OS REDEIROS E SUAS HISTÓRIAS DE MIGRANTES.



Imagen: Rodoviária de Patos-PB. Foto gentilmente cedida por um dos entrevistados.
(Jan.2013)

A vida é móvel e presente: move-se ao longo do tempo, através da história de uma família e um povo, move-se em sentimentos e ideias, através de uma rede de relacionamentos e decisões (WILLIAMS, Raymond, 1989, p.19)

Se danar no mundo tá no sangue". Essa frase emblemática marca de forma profunda a narrativa de Pedro Maciel que, ao relembrar do histórico de movimentações que é a vida de sua família, serve de gancho para refletir o movimento destacado por Williams, movimento esse que não pode ser compreendido no sentido físico, mas na mudança de ideias e valores que a sociedade por vezes coloca aos trabalhadores como ele que se enquadraria em histórias de brasileiros que protagonizam deslocamentos. Pedro Maciel, ou Pedim como é conhecido, é o filho caçula de uma família de 6 irmãos de paraibanos, tem 46 anos e 6 destes, foram como trabalhador ambulante na cidade de Cascavel-PR. Tem 4 filhos, dois deles (Almir Maciel e Jurandir Maciel, 23 anos e 25 anos, respectivamente) são trabalhadores ambulantes também na região de Cascavel-PR.

Sua narrativa remete principalmente ao fato de que sua família tem o movimentar-se, no "sangue". Seu pai é a referência que traz dessa movimentação. Desde a sua infância, a memória de sua vida é marcada pela a ida de seu pai para São Paulo, o lugar de destino de grande parte dos nordestinos a partir da década de 1930. Assim, Pedro relata que :

Minha família toda vive pelo mundo, meu pai, meu avô mermo trabalhou nas plantações do café em São Paulo(...) Faz muito que a gente escuta falar que o melhor mermo é sair daqui. Meu pai que faleceu o ano passado contava pra gente como decidiram se danar [se deslocar] pra São Paulo pra trabalhar na lavoura né que era o que eles sabiam fazer (...)⁴

Ao conversar com Pedro tentei ainda saber que período ele fazia menção, mas ele não soube mencionar ao certo. Mas pela idade dele, do pai e do seu avô pode se inferir que trata-se da década de 1930.

Em se tratando de migração de nordestinos para o Sudeste, é a economia cafeeira que, a partir de 1930, absorve mão de obra estrangeira e

⁴ Entrevista realizada pelo autor. O entrevistado chama-se Pedro Francisco Maciel. A gravação foi realizada em 20 de setembro de 2015, na cidade de São Bento-PB

nacional, transformando a região no centro hegemônico de acumulação do capital (RUA, 2003, p.191). A fala de Pedro quando se refere à vida do pai e do avô lembra desse período.

A movimentação que Pedim relata me ajuda, no debate com a historiografia, a entender o processo de sobrevivência dele e de sua família. Em outra passagem da entrevista, me conta que não só foi na lavoura do café de São Paulo que o avô e o pai dele trabalhou,

Meu fi, depois que meu pai foi pra São Paulo ele não parou mais, disse que foi pro Paraná também (...) quem primeiro me falou do Paraná foi meu pai e também muita gente tava indo pra região de Brasília (...) meu pai nunca foi, mas tinha gente que ia (...) em Goiânia também e em outros canto porque eles só sabiam trabalhar no roçado, né. Não era nunca como hoje, né. Hoje se a gente não sabe fazer uma coisa, a gente faz outra, vai inventando até dar certo. Era muito difícil antigamente (...) eles não sabiam das coisas, né. Eu sei que meu pai contava que era muita gente que ia simbora⁵.

São Paulo, como podemos perceber, aparece bastante recorrente na fala do entrevistado, entretanto, são ainda apresentados outros destinos que foram seguidos. Assinalo que a expectativa de conseguir emprego e melhores condições de vida ao mudar-se para São Paulo, muitas vezes parecia falha, haja visto que a cultura destes trabalhadores, ao chegarem no destino, chocava-se com a cultura industrial emergente nas décadas de 50 e 60, o que pode ter direcionado estes trabalhadores a um constante movimento de deslocamento por outras regiões e estados.

Sobre essa questão Paulo Fontes (1997) tendo como objeto de estudo a Nitro Química. Fundada oficialmente em 1940, com a presença do presidente Vargas, foi anunciada em tom ufanista como a "CSN do setor químico", embalada pelo projeto industrializante do Estado Novo. Essa fábrica representou um dos grandes empreendimentos industriais numa conjuntura especial da história brasileira.

Para funcionar a Nitro Química precisava de operários. Homens, na sua maioria migrantes nordestinos que "vinham tentar a sorte" em São Paulo, submetendo-se às duras condições de trabalho. É sobre esses homens que

⁵ Ibidem.

Paulo Fontes fala. Como eles reagiram diante do sistema nitro de dominação, que incluía um grande aparato social, com amplos benefícios, devidamente articulado com toda uma "ideologia" da empresa que se expressava no Nitro Jornal, nas normas disciplinares, nos "tempos festivos".

O autor coloca que construía-se a idéia de uma família feliz, que tinha como essencial trabalhar para o progresso e felicidade da Nação, através da cooperação harmoniosa entre capital e trabalho. O nacionalismo estava associado à imagem de uma indústria a serviço do Brasil, uma das marcas registradas da empresa até 1964. Mas seus proprietários faziam questão de diferenciar o nacionalismo empreendedor da iniciativa privada do "falso nacionalismo" propalado pela esquerda, especialmente por intermédio dos comunistas. Seu amplo aparato assistencial foi também utilizado como um mecanismo de poder e de reforço da autoridade. Situada num bairro desprovido de infra-estrutura básica, com uma população vivendo de baixos salários, os diversos serviços oferecidos alimentavam o imaginário de uma empresa poderosa que exercia grande controle sobre a vida das pessoas tanto dentro como fora da fábrica.

De todo modo, essa pujança industrial atraiu uma leva de trabalhadores nas vários fluxos migratórios nacionais que marcaram o desenvolvimento econômico do País e da região.

A migração dos nordestinos para São Paulo, como demonstra a pesquisa de Selma Santos Borges⁶, não é uma história recente. O êxodo rural destes migrantes inicia-se desde a primeira metade do século XIX, quando dos primórdios do processo de crescimento capitalista no Brasil, em que São Paulo se destaca enquanto polo industrial de repercussão nacional. Esta migração se intensifica a partir da década de 1940 com o crescimento da indústria que requer uma crescente quantidade de trabalhadores (BORGES, 2007).

Pedim também relata um movimento de justificativa que me parece que foi definidor de algumas situações para que seu pai e seu avô, assim como tantos outros, deixassem o nordeste e fosse a São Paulo:

⁶ BORGES, Selma Santos. *O Nordestino em São Paulo: Desconstrução e Reconstrução de Uma Identidade*. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007

Meu pai falava que foi muita gente que saiu daqui mermo. Aqui era muito atrasado, a gente tudo vivia da roça e tinha período que num chuvia, sem chuva, sem nada, né (...). Ai todo mundo ia simbora pras cidade grande porque la tudo acontece. A gente aqui era tudo esquecido. Tu ta vendo que isso é de muitos tempo, deve fazer muito mais de 50, 60 ano e que foi ate muito tempo. Acho que a gente nordestino é desbravador, né, a gente viajamo o mundo desde cedo. Meus avôs, meus pai tudo já fazia isso. Ai a gente vai se acostumando(...)⁷.

A falta de possibilidade de manter-se no campo a partir de sua realidade, aliada a outros elementos, são considerados fatores decisivos para o inicio da trajetória de deslocamento, que não apenas marcou a “sina” desta família, mas como Pedim ressalta, de muitos homens, que sem expectativa de trabalho, saiam em busca de outras possibilidades. Ao discutir o tema Borges (2007) faz menção a esse movimento e coloca que o grande contingente populacional que se concentra na região Nordeste é marcado pela impossibilidade de sobrevivência no campo, cuja política, voltada para a concentração fundiária, favorece a agricultura de exportação e acaba por abandonar os pequenos agricultores que se dedicam às culturas de subsistência (BORGES, 2007).

Entretanto, esse movimento de migração não foi exclusivamente um fenômeno das décadas de 40, 50 e 60, mas se trata ainda uma realidade para os vendedores ambulantes, sujeitos desta pesquisa. Muitos dos filhos destes migrantes que cumpriram a trajetória dos estados do Nordeste para São Paulo, em 2016, buscam outros meios de sobrevivência e trabalho em outras regiões, como no caso das cidades do interior.

Esse movimento também foi relatado por Emanuel Firmino da Silva. Um paraibano de São Bento que mora em Cascavel desde 2014, tem 28 anos, solteiro e mora com mais três outros vendedores.

A gente sempre soubemo que é na cidade grande onde tudo acontece. Tudo mermo. Lá na Paraíba meus pai vivia do roçado, depois foram simbora pra São Paulo porque não dava pra viver só de roçado(...) além de não ter chuva pra lucrar, as terra maioria era dos fazendeiro e nem sempre se dava pra trabalhar né. Tinha gente que não tinha terra mermo ai era obrigado nera.⁸

⁷ Pedro. Op.Cit

⁸ Entrevista realizada pelo autor. O entrevistado chama-se Emanuel Firmino da Silva. A gravação foi realizada em 18 de agosto de 2014, na cidade de Cascavel-PR

Seus pais ficaram por um longo período em São Paulo e sabendo disso, aproveitei a deixa e perguntei ao entrevistado qual função seus pais quando chegaram a São Paulo desempenharam, ele responde que:

Eles trabalharu do que tinha nera. Nas construção (...) meu pai foi servente de pedreiro e minha mãe era dona de casa porque tinha a gente pequeno e meu pai não deixava era trabaíá fora. Meu pai também de tudo que tinha (...) fazendo as coisa né. Foi mais nas construção. Mas ele não sabia fazer bem os serviço nera e mudava muito de trabalho(...) Não sabia limpar piscina (...)⁹.

A narrativa de Emanuel é importante na medida em que nos possibilita perceber que o migrante nordestino em São Paulo, pelo fato de ter saído de um universo rural para um urbano, passaria, assim, pelo processo de desterritorialização. A socióloga Dulce Baptista (1998) coloca que esses sujeitos necessitam passar pelo

(...) processo de re-inclusão e/ou territorialização, que se processa de forma perversa no urbano e na economia, sofrendo dupla agressão. É desarraigado das suas origens e não se integra facilmente ao urbano, devido ao mercado de trabalho que não está aberto a recebê-lo" (BAPTISTA, 1998, p.268)

Desta feita muitos desses trabalhadores migrantes deixam de desempenhar aquelas funções que faziam em suas terras natais e passam a fazer outras. Rua (2003) coloca que entre os anos 1970 e 1980, grande número de nordestinos desloca-se para o Sudeste impulsionados pela mecanização da lavoura, pela pecuarização e pela continuação da dissolução das colônias nas fazendas para trabalharem em obras de metrô, estradas, pontes, represas, hidroelétricas.

Tendo em vista que o conjunto de trabalhadores que aqui investigo vive como vendedores ambulantes que vão e vêm se integrando à produção de forma diferenciada deste trabalhador da agricultura ou da construção civil da década de 1970 ou 1980, julgo necessário estabelecer essa diferença.

Quem narra um pouco desse momento pra mim é Antônio Carlos da Silva Sousa. Seu Antônio tem 61 anos, desses anos teve uma passagem

⁹ Ibidem.

rápida como vendedor ambulante no sul do país como ele insiste em falar. Hoje ele é aposentado, pai de 6 filhos, casado e reside em São Bento, Paraíba.

Oia, antes de eu ir vender com os meninos daqui no Sul eu já tinha viajado muito, trabaiei em muita coisa, trabaiei no roçado aqui, trabaiaava de alugado quando era criança, quando fui crescendo fui continuando fazendo a merma coisa (...) a gente vai trabaizando até o dia que Deus quer. (...) Eu me lembro que quando eu tinha meus vinte e poucos anos eu me danei pra São Paulo pra trabailiar lá (...) trabaiei nas construção das pista dos metrô, nas estrada, nas ruas mermo (...) Era muitas construção que tinha por lá (...) muito prédio. (...) Eu fui mai, sabe, porque aqui não tinha muito mais trabaio e eu não tinha profissão (...) Eu queria ser aparado sabe (...) Nunca tinha assinado carteira (...) Depois que cheguei lá assinei carteira e não queria mais voltar por que eu fazia o quê aqui, né. Não era mai agricultor¹⁰

Seu Antonio, assinala que a melhoria nas condições de trabalho recaia no próprio reconhecimento da legislação, que a partir da obtenção de uma trabalho formal, tinha seus direitos garantidos pela carteira de trabalho. Neste aspecto, indica como já mencionei a mudança da atividade de trabalho e rotina que este trabalhador tinha no campo e esta atividade não garantia o sustento, bem como as garantias que trabalho na cidade poderiam oferecer. Neste aspecto, lembro que o estatuto do trabalhador rural, salvaguardava algumas garantias ao trabalhador, entretanto, excluía deste direito todos aqueles que fossem meeiro, porcenteiros ou trabalhadores volantes, o que naquele momento, excluía grande parte dos trabalhadores rurais do estatuto da CLT.

Em busca de serem reconhecidos pela legislação do trabalho, muitos desses trabalhadores deixam ou são expulsos das fazendas de cana-de-açúcar (RUA, 2003). Os que retornam para sua região de origem encontram dificuldades de inserção na economia rural e na economia urbana como foi reiterado por Seu Antônio:

Meu fi, quando cheguemo aqui de volta não tinha mais o que fazer não. Aqui não tinha mais os trabalho de lá e o trabalho que a gente fazia antes não tinha mais (...) A gente fumo obrigado a fazer o que tinha ou voltar pra lá de volta (...) Era difícil. (...) e lá também já tava difícil por que mermo tendo muito trabalho tinha muita gente (...). Era tanta gente que não tinha trabaio pra todo

¹⁰ Entrevista realizada pelo autor. O entrevistado se chama Antônio Carlos da Silva Sousa. A gravação foi realizada em 06 de Agosto de 2015, na cidade de São Bento-PB

mundo(...). Era uma doidiça só(...). Até que o governo nem sem quem era na época criou um negócio lá pra ajudar a gente (...).¹¹

O “negócio criado pelo governo” que Seu Antônio fez referência é o Programa Nacional de Apoio às Migrações Internas que surge nos anos 80 com a incumbência de atuar na descentralização das atividades econômicas, ou seja, reduzir os fluxos em direção às Regiões Metropolitanas e ocupar as fronteiras. Que se fez necessário elaborar uma estratégia global de distribuição espacial da população, com uma idealização prévia de remanejamento: os fluxos migratórios deveriam ser orientados (VAINER, 2000).

Se para Antônio este programa funcionou como uma ajuda, uma vez que os direcionava para regiões onde tivesse oferta de trabalho fazendo de sua trajetória para um local definido, para Vainer(2000) este pode ter sido segregador, na medida em que “essa população excedente passa a ser vista como um verdadeiro obstáculo à valorização do território e é direcionada através de ações dispersas, algumas delas regidas por políticas de segregação e fechamento de território urbano a migrantes (VAINER, 2000, p.28)”. Muitos em busca de moradia e emprego são impedidos de desembarcar em terminais rodoviários, outros, com a ação de assistentes sociais, recebem para seguirem viagem ou retornar a seu lugar de origem (VAINER, 2000, p.29).

Foi o que aconteceu com o trabalhador já citado nesta tese, Paulino Antônio de Souza:

Eu não tinha pra onde ir. Aí, os meninos decidiram ir pra São Paulo e eu fui também. Chegando lá a gente não puderam descer na rodoviária (...). Mandaram a gente vir simbora porque não tinha mais trabalho porque lá tinha meu mundo de gente. Aí a gente vai fazer o quê, né. Nada. O difícil foi voltar sem dinheiro. Aí a gente disse que deixa pelo menos a gente fazer o dinheiro da boia de voltar (...). Mandaram a gente ir pra Minas, nem sei mais qual a lugar, mas a gente fumo(...)¹²

O governo, que até os meados do século XX estava determinado a preencher os espaços vazios do território e do mercado de trabalho, passa a confrontar-se com excedente de população, parte de um projeto nacional de

¹¹ Ibidem.

¹² Entrevista realizada pelo autor. O entrevistado se chama Paulino de Souza. A gravação foi realizada em 29 de Janeiro de 2014, na cidade de Cascavel-PR

desenvolvimento, que claramente não é preocupação das classes dominantes. Tanto não era que estes trabalhadores eram direcionados para qualquer outro local que faltasse mão-de-obra. Esse direcionamento do Estado das levas de migrantes se tornaram constante conforme as cidades passaram a inchar. Se no inicio do processo de industrialização ocorreu um incentivo a migração campo-cidade, com o tempo, observa-se que conforme aumentava o número de migrantes, estes começam a ser “barrados” ou redirecionados para outras regiões, onde era necessário a mão de obra como bem pontuou Vainer(2000).

Em sintomático desta situação havia as casas de migrantes . Ao chegar em São Paulo, Paulino remete-se à Casa da Imigração e à forma como se encaminhavam as pessoas para outros destinos:

Chegava em São Paulo esse pessoal ia pra um lugar que se chamava Imigração. Umas casas enormes, uns casarões (...) Lá as pessoas dispunham de quartos coletivos para homens e para mulheres e refeição. Ali as pessoas tinham também serviço de barbearia, cabeleireiro, tinha tudo (...) As pessoas ali faziam um plano para onde queriam ir. Funcionários do governo orientavam as famílias: Vocês querem ir para Alta Sorocabana? Tem serviço lá, os fazendeiros estão pegando pessoal para fazer derrubadas... Querem ir pra tal lugar? E apresentava a forma das pessoas irem. Em geral o destino era a Alta Sorocabana. Àquela época existia um inventivo do governo de São Paulo para o povoamento do Pontal do Paranapanema. Presidente Epitácio, tinha muita terra pública ainda nessa região (...)¹³

O direcionamento para interior, indicava os novos setores capitalistas que se desenvolviam na região com o foco no povoamento, derrubada de matas e desenvolvimento da agricultura.

Paulino de Souza é um dos trabalhadores que vive em Cascavel-PR desde 2011 e que realiza o comércio ambulante na cidade. Este trabalhador é oriundo da cidade de São Bento-PB. Ele me relatou que está nesse trabalho faz pelo menos uns 10 anos e que antes de vir para Cascavel já passou por outros lugares e já tinha feito outros trabalhos conforme o depoimento:

Como eu te disse né. Antes de vir para Cascavel eu já tinha ido pra São Paulo quando a gente foi expulso de lá fumo pra Minas. Aí eu fiquei uns tempos em Minas. Muito tempo. Só fui mimbora porque minha mãe ficou doente e não tinha ninguém lá. Aí eu fui. Fiquei uns tempo na Paraíba e depois decidi vender coisa nas casa por la mermo. Rede(...) essas coisas. Tu sabe né lá em

¹³ Ibidem.

São Bento faz muitas rede. Muita gente vive disso lá. Aí eu também né.¹⁴

Novamente São Paulo é indicada como destino da trajetória deste trabalhador, que buscavam um primeiro destino desta cidade, e depois deslocavam-se para outras regiões. O deslocamento ocorria pelos filhos mais velhos, que buscavam trabalho a fim inclusive de buscar melhores condições para família que ficava na região de origem, como caso do Paulinho.

Assim como Paulino, os entrevistados desta tese tinham local de origem comum, o município de São Bento, localizado no Sertão paraibano vista pelo imaginário popular como a “Capital Mundial da Redes”. Segundo dados de 2011 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), sua população era estimada em 31.236 habitantes distribuídos numa área territorial de 248,199 km², dispõe de uma economia crescente na Paraíba, como foco na indústria têxtil.

O destaque na produção de artigos têxteis como as redes de dormir fez com que a cidade se tornasse destino comum de brasileiros que buscam essa mercadoria. Segundo Sá (2005), a rede adentrou nas atividades econômicas deste município devido à difusão da informação e das técnicas já praticadas em outras cidades nordestinas, esta era utilizada como sobrevivência dos povos que habitavam o sertão paraibano, ou seja, foi mais um caso de “unir o útil ao agradável”. O empresariado se apropria do que era comum na região.

A comercialização desses produtos era realizados a céu aberto em meio às ruas centrais, como forma de atrair os viajantes que pela cidade passam. Além das redes é comercializado diversos produtos artesanais, artigos de vestuário e importados. A união das diversas bancas, com os produtos expostos a céu aberto, nesse município, é conhecida como “Feira da Pedra”, nome dado segundo os moradores devido às condições físicas onde os produtos são ofertados, ou seja, em cima das pedras de paralelepípedo das ruas.

A “Feira da Pedra”, local onde há a comercialização de vários produtos, com destaque para os de origem têxtil possui uma importância econômica bastante significativa, advindo principalmente, do fato de que os produtores dos

¹⁴ Ibidem.

artigos têxteis das demais cidades da região costumam vender aí seus produtos, disputando o mercado local e em alguns casos concorrendo com vantagem. Isso se explica pelo fato desses produtos serem geralmente baratos em comparação a produtos de mesma ordem de outras regiões, pois boa parte deles são produzidos de modo artesanal em oficinas no fundo de algumas casas e comercializados informalmente, sem arcar, portanto, com nenhum tipo de ônus como determinados impostos da prefeitura, barateando, assim o produto.

Além da venda desses produtos, Carneiro (2001) destaca a concentração de fábricas de médio e grande porte, que produzem a maioria dos artigos têxteis e comercializam os mesmos dentro e fora do município, através de lojas, com auxílio de vendedores ambulantes que viajam por todo o país.

A economia da cidade de São Bento-PB gira em torno da atividade têxtil, mais especificamente na produção de utensílios maquinofaturados e artesanais.

Os principais artigos têxteis produzidos nos estabelecimentos que formam o setor Industrial Têxtil no município segundo Araújo (2011) são as redes de dormir, tapetes, toalhas, guardanapos e outros derivados. Esses artigos são produzidos a partir de fios, esses que podem ser de algodão, nylon e outros materiais. São dotados de muitos detalhes e apetrechos que os tornam mais atraentes, diferentes e até mesmo mais sofisticados e caros.

Para alguns pesquisadores a produção de redes no município é responsável pelo crescimento da cidade como é caso de Alves (2010) que coloca em sua monografia que é comum caminharmos pela cidade e observamos nas calçadas e nas casas pessoas envolvidas em atividades de acabamento e personalização desses produtos.

Portanto, é uma cidade de pequeno porte mantida pelo comércio desses produtos que fica evidenciado só em chegar na cidade. Perguntei a Paulino como ele soube que poderia fazer esse trabalho que hoje desempenha na cidade de Cascavel-PR. Ele me responde:

Cara, eu soube disso no boca a boca mermo. Eu não sabia onde era Cascavel não. Só me falaram que pras essas banda daqui era bom pra vender. Quando eu comecei era pouca gente né.

Aqui também era diferente visse. A gente vendia mais. Mas também eu vivia em outros canto. Ia pra Minas também e pro Mato Grosso. Vendia que só(...)¹⁵

Cascavel é referenciada na memória do entrevistado como um lugar bom de vendas e rememora os seus 10 anos de venda lembrando que quando começou tinha mais ofertas até por que tinha menos vendedores.

Um outro aspecto levantado por outro trabalhador era a dificuldade de mercadoria. Pois as mercadorias eram trazidas da Paraíba para comercializar na cidade e quando elas acabavam tinham dificuldade para adquirir mais. Pode-se evidenciar isso pelo relato de Júlio Bernardo da Silva que está neste trabalho a menos de 2 anos e também natural de São Bento:

(...) porque assim eles levavam as mercadoria da Paraíba pra lá e quando acabava ficava sem vender porque não tinha né. Ai tinha que vir de novo pra cá pra pegar mais e as vezes nem compensava porque levava pouco. Nos ônibus não podia carregar muita coisa né. Ai fica nisso né. É um lugar bom pra vender, mas era ruim pra levar os troço (...).¹⁶

A partir desta narrativa podemos perceber certo imbróglio: Se por um lado há uma política no município para que as mercadorias de São Bento ultrapassem fronteiras estaduais e até nacionais (Alves, 2010), como já mencionei a prefeitura do município incentiva a produção e escoamento destas mercadorias poupando de certos impostos e fornecendo subsídios para a compra da matéria-prima. Por outro lado há também a dificuldade de transportar estas mercadorias, que no dizer do entrevistado, acaba sendo um fator que dificulta ao desenvolvimento desta atividade em Cascavel.

Júlio Bernardo, assim como seu pai são vendedores ambulantes em Cascavel e desta feita, embora ele esteja nesse trabalho recente tem a experiência do pai. Ele concorda que era um lugar para as vendas, mas tinha o problema de adquirir as mercadorias. Assim, não era necessário apenas querer trabalhar e vir para Cascavel que iria ter uma venda farta, era necessário ter outras condições, como: estratégias de trabalho e de manutenção das mercadorias que pudessem ser comercializadas. Desta feita, muitos vieram

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Entrevista realizada pelo autor. O entrevistado se chama Júlio Bernardo da Silva. A gravação foi realizada em 03 de Outubro de 2015, na cidade de São Bento-PB

para Cascavel atraídos por essa propaganda de um lugar de boas vendas. Os trabalhadores que se dirigiam a cidade nas décadas de noventa e dois mil, encontram esse solo fértil, como foi o caso de Antônio da Silva Santos, Neguim. Ele chegou em Cascavel em 2005 e na época ele me relata que “as compras bombavam. A gente não dava conta das mercadorias. Também porque era uma coisa diferente, mais artesanal. Uma coisa da Paraíba, né.”. Neguim talvez seja do conjunto de trabalhadores que entrevistei um dos mais antigos que está em Cascavel.

Neguim é casado, pai de três filhos e reside em Cascavel com sua família e juntamente com sua esposa comercializam tais produtos pelas ruas de cidade. Ele vendendo cintos, carteiras, tapetes, óculos e ela, panos de prato. Tiram o sustento da casa com essa atividade. Neguim fala que antes de vir para Cascavel já tinha passado por outros lugares:

Antes d'eu chegar aqui eu rodei visse. Eu fiquei muito tempo em São Paulo. Uns dez anos. A gente só esperava completar 18 anos pra ir embora n'era. Aí eu fiz 18 e me danei da Paraíba pra São Paulo. Depois eu voltei e inventei de vender coisa nas casas dos povo lá em São Bento mermo. Todo mundo lá vive de venda (...) Daí até hoje. Eu to com 36 anos e desde que me entendo de gente que a gente vende.¹⁷

Como se percebe a trajetória de Neguim é muito parecida com a da maioria que relata que antes de chegar a Cascavel passou por outras regiões. Mas algo se difere nessa trajetória, Neguim trouxe sua família da Paraíba para viver com ele em Cascavel e ela me relata como e porque decidiu isso:

Oia, eu vim pra cá em 2005, ficava indo e vindo por causa da minha esposa. Lá ela não tinha muito em que trabalhar (...) pra eu não está indo e vindo direto eu decidi trazer eles. Nesse tempo eu só tinha um menino o mais velho. Aí eu trouxe os dois. Foi aquele chororó danado lá, mas vieram. Eu acho que de família mermo aqui que é toda de lá só tem eu. Tem Maluco também, mas a mulher dele já é daqui né. (...)Aí a gente quando veio gastemo dia visse. Viemo de ônibus até São Paulo e de lá pra cá (...). Eu disse a mulher que aqui era bom. Dava pra viver. E nessa brincadeirinha a gente já aqui a mais de dez anos (...) eu né. Que eles vieram tem uns 8. Aí a gente fumo ficando e

¹⁷ Entrevista realizada pelo autor. O entrevistado se chama Antônio da Silva Santos, Neguim. A gravação foi realizada em 09 de Setembro de 2014, na cidade de Cascavel-PR

tamo até hoje. Há dez anos atrás era uma história. Hoje em dia é outra né (...)¹⁸

Parece que há certa resistência no conjunto desses trabalhadores em construir família por cá ou trazer sua família para residir em Cascavel talvez pela forma itinerante que exercem suas funções. Neste sentido, os laços de parentesco fazem com que estes trabalhadores constantemente se desloquem de volta a região de origem, levando informações sobre a região, levando as novas gerações, por vezes, optar pela migração e pelo trabalho ambulante.

Perguntei a Júlio Bernardo sobre a resistência de trazer toda a família para a região em que desenvolvem as atividades de comércio, e ele me responde que:

É visse. Todo mundo aqui tá só. Tem uns que é casado, mas a maioria dos minino são solteiros. Eu mermo sou. A gente namora só né. Eu ainda só tenho 24 anos então eu quero só namorar por enquanto. Os mininos que são casado que tem as esposas né. Eles não querem trazer porque tem gente que não quer ficar por aqui. Que não quer viver só disse por aqui. Eu acho que tem gente que trabalha nisso como uma coisa passageira. Tem muita gente que vem só uma vez e não vem mais. Ai né não adianta ter família por aqui porque a gente não sabe se vamo ficar.¹⁹

A fala de Júlio Bernardo sugere que esse é um trabalho temporário e de bastante rotatividade de trabalhadores e que mesmo aqueles trabalhadores que estão casados não se sentem seguros o suficiente para trazerem suas esposas para com eles morarem. Neste aspecto, o mesmo indica alguns elementos que nos permitem delinear quem são os trabalhadores que estão inseridos na venda ambulante: homens (gênero masculino), jovens (entre 18 e 30 anos), solteiros. Tal fato como assinalou o entrevistado, inicialmente pode ser definido pela instabilidade do trabalho informal, e do estranhamento entre a região de origem e a que se desloca.

Pensamento que difere do de Marcos da Silva, Maluco. Maluco constituiu sua família em Cascavel, tem duas filhas. Assim como maioria desses trabalhadores, Maluco não veio direto para Cascavel, mas não fez o percurso da maioria- São Paulo ou Minas Gerais, ele foi para o Paraguai e Foz

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ Julio. Op.Cit

do Iguaçu antes de se estabelecer, se fixar em Cascavel. Esse acunha de estabelecido²⁰ se apropria muito bem a ele, pois como ele mesmo diz “aqui é meu lugar. Eu não quero sair mais não. Faz mais de 20 anos que estou pelo mundo e aqui eu me encontrei.”²¹

Marcos da Silva, o Maluco, um homem de 41 anos, dos quais trabalha a 20 como vendedor ambulante. Maluco, como é chamado, diferentemente da maioria de seus colegas de trabalho, mora em Cascavel definitivamente com sua família, já que desde 2008, trouxe sua esposa e seu casal de filhos da cidade de Patos-PB. Antes disso, Maluco fazia o trabalho de vendedor ambulante pela Argentina e Paraguai. Ele relata que sua experiência serve de inspiração para alguns conterrâneos:

Tem muita de gente de lá que se inspira em mim. Eu sou muito conhecido. Aí eles veem vender e vão gostando. Tem uns que não gostam muito daqui e preferem ir pra outros lugares e vão vender nessas outras cidades ao redor daqui, né. Mas eles se espelham muito em n'eu. Quando vou pra Paraíba merro tem gente que vir comigo.²²

Maluco, nesse sentido atua como um receptor e captador de mão-de-obra para o desenvolvimento de tal atividade. Como já mencionei por manter laços parentais o constante deslocamento para rever a família, levar informações sobre novas possibilidade de trabalho, levando as novas gerações, que sem muitas expectativas nas cidades de origem, sigam caminhos já percorridos por conhecidos, amigos ou parentes. Aproveitei o fato desse trabalhador estar há 20 anos no exercício dessa função e perguntei como que foi o início da carreira e como é nos dias atuais:

Assim, quando eu decidi sair lá de Patos pro Paraguai eu já imaginava que lá tinha muito trabalho. Como eu sempre vivia de venda no Paraguai é claro que lá ia ter, né. Lá eu trabalhava de ambulante merro. A merma coisa que eu faço aqui. Só que lá era diferente, né. Quer dizer as pessoas era diferente, né. Porque lá se vendia a torto e a direito, mas tinha um problema

²⁰ A expressão *estabelecido* é pensada aqui a partir da reflexão de Norbert Elias (2000) quando ele define como aquele sujeito que independente de sua condição de pertença se fixou em um determinado local e construiu meios e formas de sobrevivência naquele espaço.

²¹ Entrevista realizada pelo autor. O entrevistado se chama Marcos da Silva. A gravação foi realizada em 09 de Maio de 2014, na cidade de Cascavel-PR.

²² Ibidem.

não era no Brasil(...) Aí não era bom por isso. E aqui é bom. Aqui não me falta nada. Pode ver ali minha geladeira. Tem de tudo. Só não posso dizer que tenho uma vida boa de luxo, mas vivo muito bem. Bem melhor do que em qualquer outro canto. Eu falo isso pra todo mundo mermo.²³

A propaganda de Maluco não tem o mesmo significado para todos os entrevistados, não cria neles as mesmas expectativas. Para Juliano Bernardo, a expectativa é de trabalhar temporariamente, juntar um dinheiro até que possa conseguir outro trabalho: '*Eu to por aqui por enquanto até eu conseguir outra coisa. Eu não gosto de tá viajando sabe. Quero mermo tá lá em São Bento. A única vantagem que tem o dinheiro que a gente ganha. Vai dando pra juntar alguma coisinha.*'²⁴

Já para Alexandre de Assis Sobrinho a expectativa é outra: "*Eu quero ir pra lá porque dizem que é bom tanto pra viver como vender. Dizem que é um lugar muito bom. Se for bom mesmo eu fico até por lá de vez*". Alexandre tinha 18 anos, também residente em São Bento, conversei com ele na referida cidade. Ele nunca saiu de São Bento para trabalhar, mas via nesse trabalho uma oportunidade.

Nesse sentido, o boca-a-boca propagandeado do trabalho de ambulante produz sentidos diferentes de acordo com os interesses e expectativas trazidos por cada um dos entrevistados. Os sujeitos sociais os quais foram entrevistados trazem em suas narrativas motivos variados que os fazem e ou fizeram deixar a região de origem como destacarei adiante.

Assim, uma pessoa que nunca tinha possuído uma determinada renda, também poderia almejar adquirir duas vezes o valor desta renda para garantir melhores condições de vida para a família. Maluco, por exemplo, pretendia continuar trabalhando como vendedor ambulante, porque era o seu trabalho tanto na Paraíba, como no Paraguai, o que ele fazia era vender. A expectativa dele, no caso, era de executar este trabalho como proprietário e não como empregado. Ele consegue ser dono de seu próprio negócio, uma vez que a mercadoria que por ele é vendida é comprada por ele mesmo, diferentemente dos demais conterrâneos que a mercadoria negociada é de alguém ou de alguma empresa.

²³ Ibidem.

²⁴ Juliano.Op.Cit.

Isso se acentua na narrativa de Alexandre de Assis Sobrinho, sua expectativa era de se tornar dono de seu próprio negócio:

Eu vou pra lá também porque é uma oportunidade de eu ter meu próprio negócio. Vou ganhando e experiência. Posso depois vender as mercadorias de mim mesmo e depois eu vejo se abro uma loja lá mesmo. É uma boa oportunidade e pra mim mais ainda porque é o primeiro trabalho²⁵.

Outro ponto importante a ser observado em sua fala, é a oportunidade do primeiro trabalho. Estes iniciantes desempenhariam funções diferentes ou a mais do que os demais. Muitos deles ficavam cuidando da casa no novo lugar para preparar o almoço e fazer os serviços domésticos, quem me relata isso é Paulino de Souza:

Tu sabe como funciona, né. Quando vem um novato pra trabalhar muitas vezes ele é testado, às vezes não sabe vender e aí fica dentro de casa pra ajudar nos serviços de casa, mas ele ganha também pra isso. Todo mundo se divide pra pagar algo pra ele até porque ele faz a comida, né. Mas não é sempre que isso acontece. Mas tem disso. Aí depois ele já se empolga e vai vender também. Se gostar fica, se não gostar vai simbora.²⁶

Neste sentido, é possível perceber que existe uma rede de colaboração entre os trabalhadores já alocados, e aqueles que se deslocam para a região. Neste sentido, a integração a nova realidade e o trabalho ocorre a partir do auxílio dos mais antigos que indicam as formas de desenvolver o trabalho, conhecer os locais de venda a freguesia etc.

Como relatou Paulino, antes de se dirigirem às ruas, ao comércio propriamente dito, tem alguns trabalhadores por ele chamados de novatos que passam um curto período de tempo exercendo outras funções. Isso não era uma regra geral para todos, pois alguns se dirigiram diretamente ao trabalho nas ruas. No entanto, como Cascavel é desconhecida dos recém chegados teriam que se dirigir para o local onde esses trabalhadores se concentravam, no caso na moradia que eles dividiam. Quanto a essas questões da moradia e as relações no interior delas pretendo trabalhar no terceiro capítulo desta tese.

²⁵ Entrevista realizada pelo autor. O entrevistado se chama Alexandre de Assis Sobrinho. A gravação foi realizada 09 de Maio de 2014, na cidade de Cascavel-PR

²⁶ Paulino. Op.Cit.

Em função disso, ficam em sua maioria no mesmo local ou nas proximidades, até que se adaptem ou não. Foi o que aconteceu com Francisco de Assis Nobrega que quando de fato foi trabalhar nas ruas, já fazia mais de um mês que estava em Cascavel. Francisco tinha deixado São Bento com o pai e um irmão, ele continuou em Cascavel. O pai e o irmão retornaram para o nordeste e ele não. O pai porque já estava com uma certa idade e o irmão porque não quis continuar nesse trabalho.

Nas entrevistas, outros motivos foram apresentados para que essas pessoas deixassem a região de origem. Antônio da Silva, o Neguim, por exemplo, quando relata os motivos da saída da Paraíba, relembra a história da família vivida em São Bento para poder sair de lá. Ele fala das expectativas criadas ao longo da sua vida, ele estava desempregado, com um filho para “criar”, e isso foi o que o motivou a sair, ou seja, a falta de expectativa em relação à vida que lá levava.

Neguim elabora, em suas memórias, o tempo da saída da região de origem e da chegada, em Cascavel associado às expectativas relacionadas ao trabalho e as condições de sobrevivência familiares e me relata sobre estes tempos vividos na Paraíba:

Não tinha muito o que fazer lá não. Eu até cheguei a trabalhar em firma né. Mas deram as conta. Aí fiquei trabalhando de ambulante, foi quando a gente passamo mais precisão porque eu tinha que vender as mercadoria, mas não achava a quem vender e o preço também não compensava(...) aí cada dia ficava mais difícil. A gente quase morreu(...) Aí eu vim me embora pra cá e depois que eu disse pra mulher, você vende essa casa e nós vamo batalhar por aqui(...) Mas antes eu decidi vim pra cá por causa de meu tio que dizia que aqui era bom.(...) Aí a gente veio né porque desse jeito né, não ia morrer de fome, porque né, não tava dando. Foi dali ela vendeu a carroça, vendeu a casa e veio simbora.²⁷

Na fala de Neguim percebi que a busca por emprego e as condições precárias de trabalho e de vida como a quase experiência da fome, foram os motivos que a levaram a deixar a Paraíba. Ele estava preocupado com a sobrevivência familiar, e tomou a decisão de sair, pois não queria esperar para

²⁷ Neguim.Op.Cit.

morrer de fome, por isso decidiu por uma mudança que pudesse dar a ele e aos filhos condições de sobreviver.

Neguim faz parte de poucos dos entrevistados que não tiveram a experiência de ter sido convencido e trazido por um “chefe”- sobre isso quero desenvolver melhor no quarto capítulo desta tese, ele veio sozinho influenciado apenas pelo que o tio falava. Em São Bento eles trabalhavam em feira vendendo frutas, de carroceiro, em firmas, como diz ele, isso quando tinham emprego, porém a cidade, naquele momento, não oferecia condições para sobrevivência básica das famílias. Nas lembranças sobre os viveres na Paraíba pode-se perceber que devido aos grandes períodos em que ele ficou desempregado, chegou até mesmo a faltar comida para a família.

Conversei com a esposa de Neguim, Maria de Lurdes, 36 anos e desses 9 anos que estava em Cascavel. Me pareceu que seu papel na família foi determinante para juntos deixarem a Paraíba, pois sempre trabalhava junto com ele,

Lá, eu ajudava assim eu vendia as coisa né, eu sempre gostei de vender, uma vez teve um dia que eu vendia manga, outra vez eu vendia caju, é batalhar pela vida né... nem lavação de roupa lá é difícil é só essas coisa assim vendendo, eu sei que eu me virava assim (...)²⁸.

Os motivos que justificam a mudança para Cascavel estão relacionados à sobrevivência da família. Foi Maria de Lurdes que tomou a decisão de deixar a Paraíba. Durante a entrevista, ela disse que tinha um filho e queria ter outros e ter condições de oferecer um futuro melhor para ele. Pois lá não tinha muito futuro. A expectativa dela ao vir para Cascavel na década passada era mesmo a de sobreviver às adversidades que vinha enfrentando. Queria ver os filhos “se criarem” como diz, já que havia sofrido muito quando criança com doenças, como a desnutrição e com a morte de alguns irmãos, não queria isso para seus filhos:

Minha mãe tem cinco filhos né, teve dez, morreu cinco lá, por isso que nós mudemo de lá pra cá né, eu não queria que acontecesse com os meus filhos também. Nós resolvemos por

²⁸ Entrevista realizada pelo autor. A entrevistada se chama Maria de Lurdes. A gravação foi realizada em 09 de Setembro de 2014, na cidade de Cascavel-PR

causa disso por causa dos filhos nós queria criar os nosso filho, acho que se nós não tivesse vindo pra cá, acho que esse menino mais velho tinha morrido né aí os dois que eu tive aqui essa daí e a outro se criaram tudinho, daí o caso que nós viemos foi esse né²⁹.

Na fala de Maria de Lurdes evidencia-se bem a sua expectativa em relação à mudança quando diz: "nós queria criar os nosso filho". Isto porque as adversidades as quais a sua família vinha enfrentando não dava a ela a possibilidade de poder ver os filhos sobreviverem. Então, resolveu mudar para lutar, não aceitou a submissão a essa situação. Estas adversidades estão vinculadas à falta de emprego, das condições de saúde, dentre outras privações vividas por algumas dessas famílias.

O motivo que impulsionou a mudança de Neguim e Maria de Lurdes não foi fator determinante para outros entrevistados, porque eles tinham outras experiências. É o caso de Gabriel de Souza Silva que recorda dos benefícios da terra onde nasceu. Ele destaca principalmente as chuvas e se entristece quando ouve as pessoas dizerem que no nordeste tudo é seco. Ele atribui essa imagem de seca do nordeste à imprensa: "infelizmente a imprensa só mostra esse lado, eles querem fazer uma coisa do nordeste, só mostra assim que veio por causa da seca que está morrendo de fome, eu nunca vi isso lá no nordeste, lá no nordeste de onde nós somos"³⁰.

Gabriel saiu da Paraíba com 18 anos de idade, quando entrevistado ele estava com 22 anos e relatou que muitos jovens de sua idade tinham um sonho, que era conhecer outros lugares. A mudança dele foi para concretizar um sonho, isso não deixa de ser também uma busca de melhores condições de vida. Onde ele estava era bom, mas em Cascavel poderia melhorar ainda mais, por isso, ele não voltou e continuou buscando melhores condições de vida. Em sua narrativa conta:

Lá na Paraíba, lá em São Bento de onde nós somos o meu pai era da roça, nós tinha plantação, nós tinha gado, e eu graças a Deus sou de lá e lá não chove tanto, mas chove e tem açude(...) Não faltava água(..) mais muita gente daqui do sul fala

²⁹ Ibidem.

³⁰ Paulino. Op.Cit

e pensa que todos os nordestinos que vem pra cá é fugindo da seca, isso é uma lenda, isso é uma coisa que não existe³¹.

A fala de Gabriel abre a possibilidade de pensar outro nordeste. Ele desconhece a seca e as privações pela qual o sertão paraibano sofreu nos anos 1970 que motivou em grande medida os fluxos migratórios daquele período. Ele, todavia, justifica a sua migração à concretização de um sonho. Ele não se reconhece nas imagens públicas criadas sobre o nordeste, em que todos deixam a região fugindo da seca. Pelo contrário, ele reage a este argumento e explica como funciona a divisão regional do nordeste.

Para poder explicar como os jovens do seu tempo realizavam o sonho de conhecer o sul do país, citou o exemplo dos jovens que na década de 1970 e 1980 queriam ir para São Paulo e na década de 1990, queriam ir para o Japão e para os Estados Unidos para trabalhar e ganhar dinheiro. Gabriel saiu para ir conhecer Cascavel, ficar um ano e voltar. Em sua narrativa disse que resolveu ficar em Cascavel porque quando saiu da Paraíba ele tinha um desejo de voltar com dinheiro. Em função disso, ficou em Cascavel trabalhando no comércio ambulante, gostou do serviço, fez amizades e ficou.

Daí quando foi daí uns tempo que eu pensei assim em voltar, mas eu disse eu não vou, quando eu saí de lá eu saí decidido que só iria voltar quando pudesse abrir meu próprio negócio, quando tivesse estudo e eu chegar lá sem nada eu não vou não. É chover no molhado. Aí por causa desse motivo também que eu não voltei. Agora também eu fui conhecendo gente também e fui gostando(...) Tô namorando e não sei quando vou voltar. Mas quero voltar sim. Eu gosto da Paraíba. Lá é um lugar bom também. Minha namorada quer ir lá.³²

Ele se referiu a esses aspectos do nordeste quando eu lhe perguntei o porquê tinha deixado à região. Não havia sido mencionado antes o fator da seca. Ele logo se justificou dizendo que não veio por causa dela. Essa atitude contrapõe o discurso da televisão e do jornal a respeito da seca do nordeste, pois não concorda com essa imagem e não se enxerga nela. Permaneceu em Cascavel porque não quer retornar para sua cidade natal sem ter conquistado

³¹ Entrevista realizada pelo autor. O entrevistado se chama Gabriel de Souza Silva. A gravação foi realizada em 09 de Setembro de 2014, na cidade de Cascavel-PR

³² Gabriel. Op.Cit.

seu objetivo, não quer voltar sem nada como ele fala. Na sequência de sua fala ele diz:

O povo por aqui mermo fala: Olha os paraíba, olha os baiano, olha os cabeça chata (...) tem gente ainda nessa época pensando que a gente ta passando fome lá na Paraíba e por isso vem pra cá. O povo ainda não percebeu que isso é escolha (...) que trabalhar nisso é uma escolha (...) vir pra cá também é uma escolha (...) Eu acho até uma burrice o nordeste deste tamanho e o povo ainda não sabe onde fica a Paraíba ou a Bahia e chama todo mundo de uma coisa só. É muito diferente lá (...).³³

Com isso pode-se perceber que não se deve tratar essa grande região como um todo homogêneo.

A ênfase em dizer que não veio de um lugar seco perpassa toda a sua fala. Ele faz questão de enfatizar que se diferencia da imagem criada, inclusive na cidade de Cascavel, de que os nordestinos que para lá se dirigiram eram mortos de fome ou cabeça chata. Ele se contrapõe a essa versão oficializada na cidade.

Para ele, a seca é tão desconhecida como o é para uma pessoa que mora em outra região chuvosa. Por isso, ele afirma que as pessoas não deixam o nordeste devido à seca, “*isto é uma lenda, isso é uma coisa que não existe*”.³⁴ Ele faz esta afirmativa para enfatizar que o lugar do qual ele está falando é diferente, na realidade que ele vivia isso não existia.

Percebe-se também em sua fala o quanto ele enfatiza o fato do pai possuir um sítio. Ele começou a sua fala justificando que o pai era sitiante e possuía o que tinha de melhor naquele momento. Usa essas palavras para dizer que não era miserável, que não existia pobreza em sua vida. Ter um sítio e criar gado da região que tem água, possuir os bens que o pai possuía, era manter uma posição social confortável. Ele disse que o pai tem até carro: “*Lá o povo não vive nessa miséria que o povo daqui acha que vive. O povo pensa que lá nem carro se usa. Lá em casa mesmo tem carro. A gente ia pra onde a gente queria*”.³⁵

³³ Ibidem

³⁴ Ibidem.

³⁵ Ibidem.

Percebo através das falas desses sujeitos que não se pode homogeneizar a região nordeste e sim buscar perceber as suas diferenças. Isso ficou claro nas falas de Gabriel de Souza e de Maria de Lurdes, esposa de Neguim, o que fica evidente em seus relatos são as diferenças em relação à vida e as expectativas de cada um. Dessa forma, emerge em suas narrativas as contradições e não igualdades.

A postura adotada pelo Gabriel em defesa do nordeste, fazendo referência ao estado da Paraíba, também foi percebida na fala de outros sujeitos como Francisco de Assis Macêdo que não atribuiu o motivo de sua saída do nordeste à fome e à seca: “*Não vim do norte por causa de fome, seca não, vim pra conhecer o lugar, o meu pai era proprietário e não voltei mais no norte né tô com 30 anos e acho que faz uns 5 que estou por aqui.*”³⁶

Tanto em sua fala como na de Gabriel aparece à preocupação em dizer que o pai era proprietário. O fato de ter uma propriedade é um argumento usado para deixar claro que não havia necessidade de deixar a sua cidade de origem por uma necessidade de sobrevivência, de fuga de uma situação calamitosa. Francisco e Gabriel começaram a dar essas explicações para responderem a respeito do porquê tinham deixado a Paraíba. A necessidade desses dois trabalhadores era conhecer novos lugares, viver novas experiências e ter outras experiências para além daquelas que São Bento pudesse oferecer. Tanto o é, que no caso de Gabriel, por exemplo, se coloca quase que como um estabelecido na cidade.

Ainda aos motivos da saída dos nordestinos para Cascavel outro fator que motivou essa mudança foi à presença do agenciador³⁷, que é citado nos relatos de Francisco de Assis que veio contratado para trabalhar para outro vendedor, ele disse que vinha de ônibus. Esse agenciamento, no entanto, não

³⁶ Entrevista realizada pelo autor. O entrevistado se chama Francisco de Assis Macedo. A gravação foi realizada em 26 de Setembro de 2014, na cidade de Cascavel-PR

³⁷ A pesquisadora Dalva de Oliveira Maria Silva, apresenta a figura do agenciador como uma pessoa contratada pelos fazendeiros da região para buscar pessoas no nordeste para trabalharem em suas fazendas. Nessa minha pesquisa o agenciador é próprio empresário, ou micro-empresário. É aquele vendedor que detém de uma maior posse dos meios e das mercadorias. A maioria deles trabalham e desempenham as mesmas funções dos agenciados. Estes, por sua vez, assim como na pesquisa de Silva, o agenciador atua como um fator determinante para vinda de um grande número de nordestinos para Cascavel e no caso da pesquisa dela para Ituiutaba- MG, e também para São Paulo nas décadas de quarenta e cinqüenta, cf. SILVA, Dalva Maria de Oliveira. Memórias: Lembranças e Esquecimento. Trabalhadores nordestinos no portal do Triângulo Mineiro nas décadas de 1950 e 60. São Paulo – PUC, 1997.

estava relacionado a uma propaganda enganosa. Francisco de Assis para responder a pergunta de como o vendedor chefe os contratavam e quem os fazia, ele disse:

Nós vinha por conta própria mais ele [o “agenciador”] mandava o dinheiro né, ou quando não a gente vinha tudo junto e ele pagava tudo. Ele mandou pra lá buscar uns dez esses dias (...) é outras pessoas mesmo de lá que tava por aqui né, ia lá e trazia né.³⁸

Francisco de Assis quando veio na primeira vez acompanhado pelo pai. Pela sua fala pode-se perceber que o agenciador não era uma pessoa que impunha e condicionava a saída dos mesmos da região. Diz ele: “nós vinha por conta própria”. As pessoas que iam buscá-los no nordeste eram parentes e amigos que já estavam por aqui. A pedido de alguém que estava precisando de gente para trabalhar voltavam no nordeste para trazer outros que pontuou na sua fala essa questão foi Gabriel de Souza:

A gente vem pra cá da seguinte forma: Através dos conhecidos. Tem um dos meninos que oferece a mercadoria e a gente trabalha pra esse(...) Tem vez que ele nem fica por aqui porque também ele precisa ir atrás das mercadorias né(...) Aí ele fica mais viajando. Mais quando ele ta por aqui trabalha com a gente (...) Ele que diz como a gente vende e onde vender. (...) É quase tudo uma família.³⁹

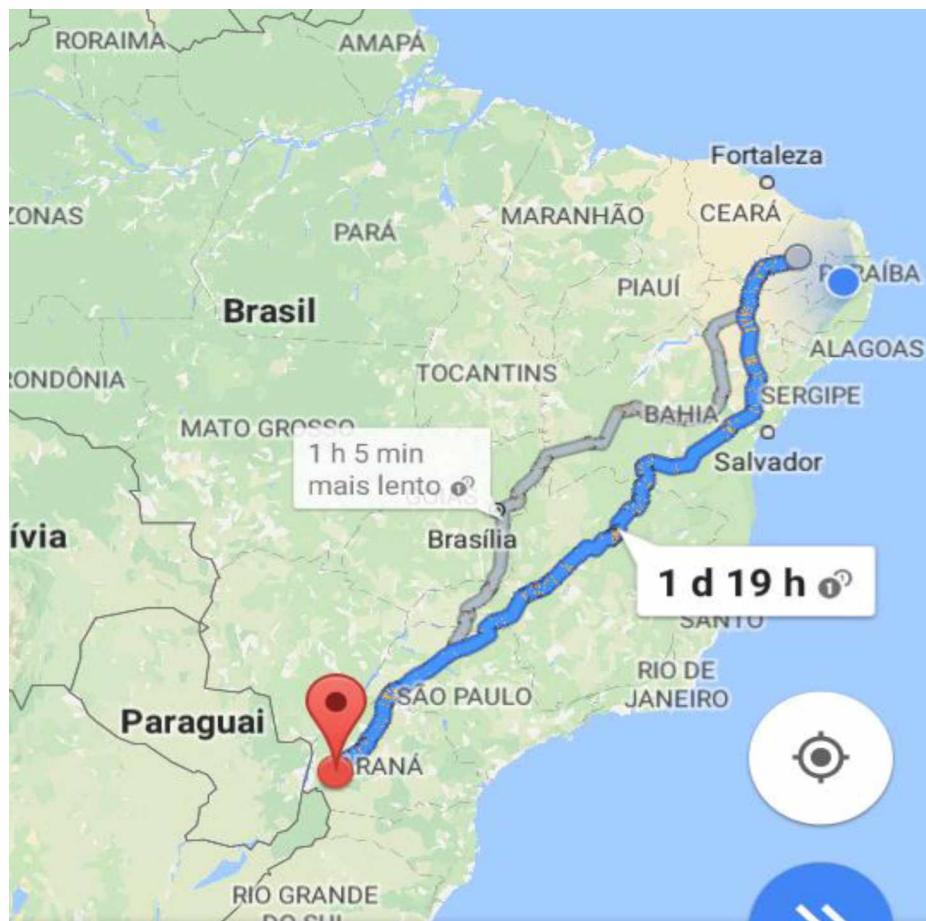
O agenciador ou o vendedor que era detentor da mercadoria. Esta pessoa era o próprio dono da oficina da produção de redes, por exemplo. Pagava as passagens do agenciado e também pagava as despesas que tem na cidade geralmente por um prazo de 3 a 4 meses, mas que não definido a priori. Ao chegar esses trabalhadores são instruídos como devem fazer o trabalho que no caso é a orientação onde deve vender, onde deve ficar e etc, porque o trabalho da venda eles conhecem. Essas questões serão melhores descritas nos próximos capítulos desta tese. Segundo Francisco de Assis, eles recebiam uma quantia em dinheiro que está condicionada a quantidade de vendas que recebiam mediante o pagamento integral das vendas realizadas.

³⁸ Francisco. Op.Cit.

³⁹ Gabriel. Op.Cit

Após ter apontado para alguns dos motivos que incentivaram a vinda desses sujeitos para Cascavel, passo então a analisar de que forma esses sujeitos faziam essa viagem. Qual era o percurso que faziam, quais os meios de transporte que utilizam, em quantos dias fazem a viagem, se essa viagem é em grupo ou individualmente, e, qual a razão em optar por um meio de transporte em detrimento de outros.

Em seus relatos os entrevistados contam que a viagem era feita de muitas maneiras e com muito sofrimento. Os meios de transporte usados por eles são em sua maioria ônibus. O trajeto mais comum segundo os entrevistados é pegar um ônibus de São Bento até Patos ou Cajazeiras, cidades maiores do sertão paraibano, de lá pegarem outro ônibus até São Paulo ou Brasília e de lá embarcam até Cascavel. No mapa a seguir é possível ver as duas possibilidades de rotas:



Fonte: Google. Acesso em 25 de novembro de 2016

Poucos foram os entrevistados que deixaram a Paraíba por outros meios e os que o fizeram foram somente até São Paulo quando foram de carro com outros desses trabalhadores que estão pelo interior de São Paulo. Em seus relatos sobre os percalços sofridos durante o trajeto deixaram evidentes as condições que se encontravam as rodovias. Como se verifica para se chegar a Cascavel tinha que, obrigatoriamente, passar por São Paulo ou Brasília.

Esses caminhos e o transporte por eles utilizados serviam também como objeto de barganha desses trabalhadores porque eles desenvolviam seu comércio por ali mesmo é o que aponta o redeiro de 32 anos, Alfredo de Matos Lima:

(...)Se a gente pegasse ônibus era sempre melhor porque a gente vendia ali mermo. Não precisava nem chegar ate Cascavel. Vendia lá mermo e voltava pra pegar outras coisas pra vender. (...) Já teve vez d'eu vender mais na viagem do que em um mês em Cascavel. Isso acontecia, mas nem sempre. (...) Dentro dos ônibus a gente já oferecia e onde parasse também(...)⁴⁰

Nesse sentido, o meio de transporte que eles utilizam pode ser mecanismo de utilização para essa prática comercial utilizada. Esta movimentação, portanto, também corrobora com o trabalho desses trabalhadores. Alfredo também coloca que não só o transporte como também o local de passagem deles:

(...)A gente vai mais por São Paulo(...) porque lá que a gente queira, que não tem venda sempre. A venda é certa. Só tem muita gente, mas a gente vende por lá e também a gente entrega algumas coisas por lá(...) É quase certo se passar por lá. As vezes ficava gente lá, as vezes não(...)⁴¹

O caminho por São Paulo era o mais comum acontecer. Além dessa cidade estar em uma localização estratégica de passagem e ser o grande centro político e econômico do país, era lugar onde de possibilidade e barganha e vende de suas mercadorias. De São Paulo a Cascavel o percurso é mais curto e dar uma média de 16 horas de ônibus. Restava ainda outra opção,

⁴⁰ Entrevista realizada pelo autor. O entrevistado se chama Alfredo de Matos. A gravação foi realizada em 12 de dezembro de 2015, na cidade de São Bento-PB

⁴¹ Ibidem.

“pegar carona” como fizeram alguns dos entrevistados. Alfredo de Matos Lima foi um desses que fez esse ultimo percurso assim:

Cara, quando eu vou pra Cascavel eu sempre vou pro São Paulo porque chegando lá eu já consigo vender(...) Eu não vou mermos pra São Paulo não. Eu desço noutras cidades. São José do Rio Preto, as vezes Franca(...)qualquer cidade eu desço. Ai desço e se eu tiver com mercadoria eu já vou vendendo e vou indo até chegar em Cascavel(...) Pago passagens de uns trechos e de outros vou pegando carona(...)⁴².

Quando ele diz que descia em qualquer cidade, pode-se imaginar quais eram as razões para o feito: vender suas mercadorias. Estratégia que muitos utilizam como o próprio Alfredo me relata:

Outro dia (...) uma das primeiras vez que eu fui(...) eu fui pra lá com mais 4 menino daqui. A gente vai com destino a Cascavel né, mas no caminho ninguém sabe. Eu lembro que nesse dia a gente foi direto pra São Paulo mermos. Chegando lá os menino decidiram ficar lá. Um deles tem uns conhecidos lá, mais não ia caber todo mundo lá. Ai eu e outro fiquei lá na rodoviária esperando um ônibus pra Cascavel(...) A gente chegou lá não tinha mais ônibus pra quele dia ai a gente ficou lá esperando. Eu fiquei meio perdido e um homem tentou roubar minha mala(...) pegou de de minha mão com a desculpa de me ajudar a segurar e disse que embarcaria no mesmo ônibus que eu. Esse homem entrou em um coletivo da cidade e eu entrei junto por causa da mala. A gente fumo parar em um lugar estranho, já estava anoitecendo e o homem continuava seguindo a gente. Ai a gente falei com uns policiais e eles levarão a gente de volta.⁴³

Na sequência de sua fala ele aponta o aprendizado das viagens:

A gente aprendeu bastante vendendo o sofrimento e ao mesmo tempo a alegria das pessoas. Você sair do seu espaço, o seu território, o seu habitat, ganhar o mundo como eles falavam, sem destino certo, provoca uma ansiedade muito grande. Por outro lado, provoca também uma alegria, as pessoas falavam: oh, nós estamos chegando! Chegando onde, eu não sabia, mas, estávamos chegando e isso era o que importava naquele momento. Era chegar e trabalhar(...)⁴⁴

Esse trabalhador ao narrar, articula o presente com o passado, por isso, volta a analisar sua trajetória e conclui que aprendeu muito com ela. Alfredo

⁴² Ibidem.

⁴³ Ibidem.

⁴⁴ Ibidem.

novato na função não sabia que expectativa era essa e já se apresentava cansado por estar tantos dias viajando. Para outros que com ele viajavam, vinha a expectativa de estar chegando em um novo lugar, com novas possibilidades de vida, onde um futuro anuncia-se por isso, esperavam ansiosos pela chegada.

Percebe-se em seu relato que ela dá grande importância ao trabalho, isso pode estar relacionado ao fato de que esteve desempregado na Paraíba. Portanto, para ele, se tiver trabalho tudo fica bem.

Essa evidência me leva a fazer uma relação com as principais correntes interpretativas dos estudos migratórios que tratam o migrante como sendo eminentemente uma força de trabalho persiste também: a perspectiva neoclássica e a perspectiva histórico-estrutural.

Na primeira, os movimentos migratórios são entendidos a partir de uma teoria do equilíbrio do mercado de trabalho. Dessa forma, Cascavel com escassez de mão-de-obra tende a oferecer mais oportunidade, inclusive de vendas para o comércio que esses ambulantes desenvolvem, portanto, tendem a atrair um maior número de migrantes de regiões com excesso de mão-de-obra e onde os salários são mais baixos. Assim, o equilíbrio dar-se-ia na medida em que o migrante fosse equalizando o contingente populacional. Nessa perspectiva, os migrantes são encarados como somatório de sujeitos autônomos e racionais que decidem migrar após fazerem um cálculo de tipo custo e benefício. Esse cálculo é simples: Como bem narrou Alfredo de Matos, onde tem mais oportunidades de trabalho, terão maior renda e consequentemente o maior número de vendas de mercadorias.

No Brasil como representantes desta perspectiva teremos os pesquisadores Ricardo Hirata Ferreira⁴⁵ e Wilson Fusco⁴⁶. Para Fusco(2005) "*O indivíduo migra porque espera um retorno financeiro que supere os gastos com a mudança e com investimentos em capital humano*" (Fusco, 2005, p.16). Esse movimento era entendido por muitos brasileiros como um investimento com retorno financeiro melhor (Ferreira, 2007)

⁴⁵ FERREIRA, Ricardo Hirata. Migrações internacionais: Brasil ou Japão. O movimento de inserção do dekassegui no espaço geográfico pelo consumo. 2007. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

⁴⁶ FUSCO, Wilson. Capital cordial: a reciprocidade entre os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. 2005. Tese (Doutorado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.

Embora essa perspectiva tenha o mérito de considerar o migrante como sujeito interessado e de destacar o retorno econômico como elemento determinante na decisão da migração, assenta-se em certos pressupostos que não condizem com as experiências e trajetórias dos redeiros. Em primeiro lugar, esses trabalhadores não respondem mecanicamente aos diferenciais de renda e emprego como é o caso de Maluco e Neguim e Maria de Lurdes. Em segundo lugar, esses sujeitos são heterogêneos quanto as suas preferências e motivações, agem em contextos diferenciados e nem sempre são capazes de elaborar e maximizar de forma ótima sua função de retorno esperado para medirem o benefício da migração como se pode perceber nas narrativas de Gabriel e Francisco de Assis.

A presença da abordagem histórico-estrutural foi marcante nos estudos populacionais latino-americanos em geral e, brasileiros em especial, notadamente no final do século XX. Isso porque, como destacou Singer (1973) em ‘Migrações Internas: considerações teóricas sobre o seu estudo’, essa abordagem teve o mérito de combinar os principais avanços da teoria demográfica sobre os deslocamentos populacionais com uma interpretação alternativa que contemplasse o processo de desenvolvimento socioeconômico que teve lugar em grande parte dos países da América Latina no pós-Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, segundo essa abordagem a migração é um fenômeno eminentemente social, no qual a unidade de análise é o fluxo composto por sujeitos pertencentes a classes sociais determinadas.

Aqui o processo migratório reflete uma mudança estrutural na organização produtiva da sociedade em um determinado contexto histórico que é condicionado, principalmente, pela industrialização e pela urbanização. Em outras palavras, tratava-se de um objeto privilegiado para se entender a passagem de uma sociedade rural-agraria para uma sociedade urbano-industrial. E nesse sentido, como bem destacaram Patarra e Cunha (1987), o estudo das migrações tornou-se o estudo da inserção da população em espaços econômicos em transformação, migração e emprego passavam a ser duas faces da mesma moeda nesse objeto de estudo, tal como predominantemente entre esses teóricos.

A abordagem histórico-estrutural teve, assim, o mérito de ir além da mera descrição dos fluxos migratórios ao associar as migrações a um processo

de desenvolvimento econômico e social latino-americano, que deferia, sobremaneira de forma como tal processo tinha se dado na Europa e nos Estados Unidos. Entretanto, a ênfase estrutural que singulariza essa abordagem reservava aos sujeitos migrantes um papel lateral, já que a solução teórica do quebra-cabeça histórico estava longe do seu alcance. Em outras palavras, os deslocamentos desses trabalhadores eram vistos como reflexo do movimento do capital que era o protagonista nessa abordagem:

O mais provável é que a migração seja um processo social, cuja unidade atuante não é o indivíduo mas o grupo. Quando se deseja investigar processos sociais, as informações colhidas numa base individual conduzem, na maioria das vezes, a uma análise psicologizante, em que as principais condicionantes macro-estruturais são desfiguradas quando não omitidas. No caso específico das migrações internas, o caráter coletivo do processo é tão pronunciado que quase sempre as respostas da maioria dos migrantes caem em apenas duas categorias: 1. Motivação econômica (procura de trabalho, melhora das condições de vida etc) e 2. Para acompanhar o esposo, família ou algo deste estilo. A forma estereotipada das respostas indica que a indagação não foi dirigida a quem possa oferecer uma resposta capaz de determinar os fatores que condicionam o fenômeno. (...) Quando uma classe social se põe em movimento, ela cria um fluxo migratório que pode ser de longa duração e que descreve um trajeto que pode englobar vários pontos de origem e de destino. É o fluxo migratório originado por determinados fatores estruturais que determinam o seu desdobramento no espaço e no tempo. A hipótese básica, no entanto, é que fluxo determina os movimentos unitários e estes só podem ser compreendidos no quadro mais geral daquele" (SINGER, 1973, p.51-52)

A despeito das divergências evidentes sobre as causas e efeitos da migração, ambas as perspectivas têm em comum o suposto de que o migrante desloca-se de seu lugar de origem para trabalhar. Entretanto, no meu entender, elas apresentam o limite de não considerarem as condições de vida desses trabalhadores, de não abordá-los como "indivíduos de carne e osso": ora o migrante é tido como protótipo de individuo que responde mecanicamente aos diferenciais de renda e emprego, ora ele é concebido como um receptáculo movido de acordo com as necessidades de acumulação do capital.

É evidente que essas situações são marcantes da definição das movimentações do conjunto desses trabalhadores, mas também há uma explicação que passa por um outro crivo que como já chamei atenção, me

parece que é determinada por uma situação: a emergência de expansão do comércio ambulante de São Bento para além de suas fronteiras como fica evidente na fala do redeiro Josemiro Assis de Moura:

Eu tenho alguns meninos que trabalham pra mim aqui em São Bento e por outras cidades(...)As nossas mercadoria não é vendida só aqui, né. Tem gente minha que vende em Campina Grande, em João Pessoa, em Cuité, em Caicó e por ai vai(...)É uma extensão sabe(...)por que não dar pra viver vendendo só aqui entendesse ai a gente vende por fora também(...)⁴⁷

Josemiro ou Miro como é conhecido é um comerciante da cidade São Bento, tem 48 anos, pai de três filhos, dois deles fazem faculdade em João Pessoa e sua filha mais velha assim como sua esposa trabalham na fabricação e venda de redes e demais artesanatos feitos da fibra do algodão.

Na sua fala, portanto, fica evidente que “sua gente” ultrapassa o limite da cidade para a prática do comércio de mercadorias genuinamente de São Bento e coloca ainda que esta prática funciona como uma extensão. Extensão esta que, ao meu ver, pode ser entendida como da própria cidade. O comerciante ainda faz a menção a oferta de mão de obra que ele dispõe:

Não falta gente pra trabalhar aqui e vem gente de todo canto e sempre tem vaga porque a gente precisa de gente pra vender sempre, né. Então sempre tem gente querendo trabalhar com a gente(...) Tem gente desses arredores todo(...)⁴⁸

No cenário extremamente desfavorável a estabilidade de outros empregos, os trabalhadores são induzidos a procurarem formas de subsistência ou de se adaptarem as existentes. Pode ser a justificativa para o excesso de mão-de-obra narrado por Miro em São Bento.

As cidades, que são ambientes de heterogeneidades, oferecem uma gama de possibilidades informais de trabalho e renda. Os ambulantes, por exemplo, dedicam-se a nichos existentes no mercado, onde possam atuar sem necessidade de grandes somas de investimentos ou de técnicas mais

⁴⁷ Entrevista realizada pelo autor. O entrevistado se chama Josemiro Assis de Moura. A gravação foi realizada em 05 de Março de 2016, na cidade de São Bento-PB

⁴⁸ Ibidem.

elaboradas, atuando, principalmente, em pequenos negócios urbanos como o comércio ambulante.

Neste sentido e entendendo esse processo historicamente é possível perceber que esse conjunto de trabalhadores representam uma força de trabalho, mas também e concordando com Oliveira e Jannuzzi (2005), são grupos humanos.

Se faz mister que nas abordagens mencionadas nesta tese percebe-se não só a multiplicidades de aportes teóricos que trabalharam o tema, mas também uma questão relevante: as linhas duas linhas interpretativas que analisam os deslocamentos humanos no contexto da migração ancoram suas idéias em linhas explicativas macro, enfatizando, em grande parte, os aspectos econômicos, as crises financeiras, os fatores de expulsão devido à oferta de mão-de-obra, catástrofes naturais como a seca, por exemplo, para entender o movimento migratório. As histórias individuais, singulares dos sujeitos pouco ou nada contribuem para a construção das explicações.

Entretanto, autores como Beatriz Sarlo (2007) salienta que a partir dos anos 2000 os estudos voltados a essa questão sofrem uma guinada subjetiva e, por isso, tende-se cada vez mais a privilegiar os estudos de migração a partir de estudos de caso e das abordagens ou fontes que favoreçam a possibilidade de investigar as estratégias individuais e/ou familiares que pressupõe os movimentos migratórios, que estão na base da escolha de migrar. Desta maneira, as explicações propostas pelos modelos clássicos de interpretação sobre os processos migratórios cederam lugar às questões que procuram construir compreensões acerca do fator escolha, dos porquês do migrar; isso implica por em relevo as trajetórias individuais, familiares ou coletivas, ligada as estratégias alternativas, demonstrando, assim, outras tendências, outras formas de o sujeito se movimentar (e compreender) dentro das estruturas do mercado de trabalho capitalista

No caso específico da migração dos redeiros é possível identificar alguns padrões estabelecidos historicamente que desafiam as interpretações derivadas das duas perspectivas analíticas comentadas – neoclássica e histórico-estrutural. De inicio vale dizer que esse deslocamento não foi composto por sujeitos isolados em busca de otimizar seu capital humano. Por outro lado, mesmo compreendendo que a maioria dos migrantes compõe a

ampla base da estrutura social brasileira, torna-se difícil identificá-los como uma classe social devido, em grande medida, ao fato desta diversidade de motivos e justificativas para decidirem migrar.

Pelos significados que esses trabalhadores dão à vida no trabalho, eles não se consideram vítimas, nem desbravadores e menos ainda fracassados. A todo o momento estão querendo evidenciar, por meio de suas narrativas, que chegaram, trabalharam e construíram suas vidas em outro local, diferente do lugar de origem. Eles passam a imagem de que podem não estarem realizados, mas estão satisfeitos com as pequenas conquistas cotidianas presentes no dia a dia.

Nesse sentido, a vida na Paraíba existiu para todos os entrevistados, mas chegou um momento em que eles não podiam mais viver só lá. Movidos pelas expectativas pessoais de melhorias e pelas mudanças ocorridas nas relações de trabalho impulsionadas pelo capitalismo, esses sujeitos começaram a abandonar a região dirigindo-se a outras.

Dado o ritmo de industrialização acentuando a desigualdade regional que marca o desenvolvimento do capitalismo no Brasil, seria esperado que a possibilidade de emprego em outras regiões aparecesse como uma motivação para a mudança. No entanto, me pergunto em que medida a predominância de uma interpretação que vislumbra o migrante somente como um trabalhador é tributária de uma ideia sedimentada da funcionalidade do fenômeno migratório na constituição da sociedade capitalista contemporânea.

Conforme os entrevistados me narraram parte considerável da problemática da migração desses trabalhadores deu-se em torno dos efeitos da participação (ora displicente, ora deletéria, ora redundante) do contingente populacional na composição da força de trabalho. Dessa forma, construiu-se uma imagem que o migrante era, antes de tudo, um trabalhador, nem sempre bem vindo, mas sem dúvida, necessário. A esse respeito se faz mister recorrer a Sayad, estudando as condições de vida dos argelinos na França, observou que o trabalho era o fator que legitimava a presença estrangeira do migrante no local de destino. Nas suas palavras:

(...) um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito (...),

revogável a qualquer momento (...). E esse trabalho, que condiciona toda a existência do imigrante, não é qualquer trabalho, não se encontra em qualquer lugar; ele é o trabalho que o 'mercado de trabalho para imigrantes' lhe atribui e no lugar em que lhe é atribuído; trabalhos para imigrantes que requerem, pois, imigrantes; imigrantes para trabalhos que se tornam, dessa forma, trabalhos para imigrantes. Como o trabalho (definido para imigrantes) é a própria justificativa, ou seja, em ultima instancia, o próprio migrante, desaparece no momento em que desaparece o trabalho que cria a ambos" (SAYAD, 1998, p.54-55)

Nesta relação percebemos que os trabalhadores nordestinos em Cascavel estão en quanto uma força de trabalho e desempenham uma função que é para eles. Isso fica evidenciado pela grande quantidade de ambulantes na cidade e que em sua maioria são nordestinos que, em ultima instancia, estão na cidade exclusivamente para isso. Sobre essa questão, em particular, e a forma de como se dar esse trabalho analisarei no próximo capítulo.

Essa migração aproxima-se bastante do tipo migratório denominado pela literatura como migração em cadeia. De acordo com TRUZZI (2008), por migração em cadeia entende-se:

o movimento pelo qual migrantes futuros tomam conhecimento das oportunidades de trabalho existentes, recebem os meios para se deslocar e resolvem como se alojar e como se empregar inicialmente por meio de suas relações sociais primárias com emigrantes 'anteriores' (MACDONALD & MACDONALD. 1964, apud TRUZZI, 2008, p.202)

Assim, o brasileiro migrante é um fato histórico e não uma simples experiência individual e transitória. De acordo com Maura Penna (1998), o conhecimento histórico social do processo de migração no Brasil é um relevante instrumento de compreensão dos aspectos sócio culturais presentes na construção de identidade do migrante nordestino em sua trajetória de vida. Nesse sentido os sujeitos entrevistados expressam em suas narrativas os sentimentos vivenciados por eles em relação ao trajeto realizado e as mudanças ocorridas. No entanto, eles não falam apenas de uma mobilidade no espaço, com saída e chegada em regiões definidas, mas narram às experiências vividas por eles nesse processo de mudança.

Esta constante é que faz a movimentação destes sujeitos, pelo vários espaços, uma nova forma de mobilidade com seus direcionamentos e

trajetórias diferenciadas desses redeiros que se faz presente no cenário da migração. .

A relação espaço e tempo produz um espaço específico, expressão da sociedade que organiza. É essa contradição do tempo atual aliada ao trabalho ambulante neste espaço específico no conflito pelo direito deste que me debruçarei a entender no próximo capítulo.

Tomando como o foco o centro da cidade de Cascavel recuperando como acontece de fato o trabalho desses trabalhadores, como eles comercializam, que espaço é este que usam para desenvolverem suas atividades e os embates direto com a legislação vigente na cidade são algumas das questões que trago no capítulo a seguir.

2.

RUA E SOCIALIZADES:

TRABALHO, LEGISLAÇÃO E A MOBILIDADE DOS REDEIROS NO CENTRO
DE CASCABEL-PR

Imagen: Calçadão de Cascavel-PR. (Maio-2013)

“A explicação histórica não revela como a história deveria ter se processado, mas porque se processou dessa maneira, e não de outra; que o processo não é arbitrário, mas tem sua própria regularidade e racionalidade” (THOMPSON, 1981, p.10)

No capítulo anterior discuti as memórias e os motivos que levaram os redeiros migrarem, que como bem pontuei o deslocamento foi determinado, em grande medida, pela necessidade de um emprego. Esses trabalhadores, portanto, representaram uma força de trabalho e que desempenharam uma função que é de exclusividade deles: o trabalho ambulante.

Para os trabalhadores ambulantes a irregularidade da vida é uma marca constante da sua trajetória. Quando se trata no caso de um trabalhador ambulante migrante de uma região geograficamente diferente do lugar que migrou maior ainda pode ser a irregularidade da vida e do trabalho. Ao analisar as entrevistas de Antônio Alves da Silva e Carlos Norberto de Assis acerca de como relatam a vida e os hábitos culturais dos redeiros podemos ler os sentidos e significados que atribuem ao trabalho ambulante e ao viver na cidade.

As trajetórias de Antônio Alves e Carlos Norberto são representativas para compreender os sentidos e os significados do trabalho ambulante dos redeiros no Oeste do Paraná. Trabalhadores recentes e alguns mais antigos que vieram e trouxeram outros posteriormente, constituindo nesse espaço o lugar da multiplicidade.

Antônio Alves da Silva, conhecido como Toim de Zé, mora em Cascavel há menos de 1 ano. Ele tem 24 anos e é oriundo da cidade de São Bento na Paraíba, o comércio ambulante em Cascavel marca, para ele, a primeira oportunidade que teve de trabalhar:

(...)Foi a primeira vez que eu viajei pra fora da Paraíba e também foi o meu primeiro trabalho. Lá na Paraíba eu já tinha vendido alguma coisinha, mas não era um lance como o de agora. Agora eu tenho esses troços pra vender, né. Eu tenho uma obrigação. É meu serviço. Trabalho o dia todim vendendo os troços(...)⁴⁹

Os troços que Toim de Zé se refere trata-se da mercadoria que ele comercializa: redes, tapetes, panos de pratos, carteiras, cintos e alguns outros

⁴⁹ Entrevista realizada pelo autor. O entrevistado se chama Antônio Alves da Silva. A gravação foi realizada em 24 de Setembro de 2013, na cidade de Cascavel-PR

importados. Esses produtos são oriundos da Paraíba, uma coisa ou outra que é de procedência paraguaia.

Para Toim a venda dessas mercadorias é seu serviço, sua obrigação ou em outras palavras “ele tem o que fazer”, exerce, portanto, um trabalho. É a obrigação que dar o sentido para o trabalho nas falas deste trabalhador:

Imagina se eu não tivesse esse serviço, né, eu ia viver de quê lá em São Bento? Esse trabalho é o meu ganha pão, é do que eu tiro o meu sustento(...) Trabalho pra mim é isso. É o meu ganha pão(...) Saio vendendo de casa em casa os troço e no final do mês eu tenho um trocado(...) É disso que eu vivo. É essa minha obrigação. É disso que eu trabalho.⁵⁰

O salário deste trabalhador ou o trocado como Toim se refere é determinado pela quantidade de vendas:

Eu ganho em media uns R\$ 200,00 por semana. Claro, né, que depende da quantidade de mercadoria que eu vender, mais é nessa faixa ai. E é livre. Eu não tenho despesa com mais nada. A casa eu num pago, a comida também não. Só algumas vezes que eu compro, mas não é direto não. Então é um trocadim bom que dar pra gente guardar um pouco e quem tem família ainda manda pra ela(...) Eu quando vou pra casa sempre tem um dinheirinho pra mainha (...)⁵¹

Neste caso no somatório proporcional ao mês, este trabalhador consegue, em média, um salário mínimo de pagamento que para ele parece ser compensador porque não tem outros gastos. Gastos que talvez tivessem mais em São Bento desenvolvendo outras atividades ou na mesma e assim, teriam os gastos de casa. Vale salientar que Toim já vivia fazendo esse trabalho desde antes de ir a Cascavel. Sua função sempre foi essa de vendedor ambulante e sempre ganhou desta forma.

Os outros gastos que Toim se refere são pagos pelo seu patrão ou aliciador que tem como função além de fornecer mercadorias, conceder moradia e alimentação.

Essa renda é praticamente a que Carlos Norberto de Assis também recebe:

⁵⁰ Ibidem

⁵¹ Entrevista realizada pelo autor. O entrevistado se chama Carlos Norberto de Assis. A gravação foi realizada em 11 de Março de 2014, na cidade de Cascavel-PR

Dar eu pra tirar uns mil real por mês. Eu vendo muito. Não paro e nem tenho preguiça. Vendo mermo. Saio de manhã e só volto de noite. Ai eu consigo vender até uma porção. (...) é um dinheirim bom, visse. Porque não é todo trabaio que paga isso né. Ainda mais pra gente que não tem estudo e não sabe fazer outra coisa(...) ⁵²

Carlos Norberto ou Carlinhos como é conhecido tinha quando entrevistado 42 anos e destes pelo menos uns 25 anos trabalhava como vendedor ambulante no inicio só na cidade de São Bento e região e depois ganhou o Brasil. Foi apenas alfabetizado e não seguiu nos estudos na busca de se aperfeiçoar e conseguir um outro trabalho. Tem 3 filhos, 1 deles, o mais velho que tinha 21 anos também trabalhava na mesma função de Carlinhos e que complementava a renda da família que era composta além desses três filhos também pela sua esposa:

Eu ganho uns mil e também tenho um filho que trabalha vendendo também. Então a gente dois se junta e dar pra mandar dinheiro pra casa, pra mãe dele, né. (...) e assim a gente vai vivendo(...) Tem mês que a gente consegue um trocado até bom, tem mês que não é muito bom, mas a gente vamo levando. (...) Eu vendo mais que ele. Porque eu também já tenho costume, né. Esses meninos mais novo não sabe ainda vender como a gente mais velho. ⁵³

A irregularidade do valor do salário é uma constante. Medida aqui pela quantidade de vendas que esses trabalhadores venham a fazer. Aliás, esta é uma característica desse tipo de trabalho que muitos destes trabalhadores vivenciam que aliado a condição de não ter se aperfeiçoado, ter estudado e buscado uma qualificação para o mercado de trabalho se ver na necessidade de se manter nessas condições.

Esses trabalhadores fazem parte de um processo produtivo que, como podemos perceber pelas duas narrativas, a inserção no trabalho promove o acesso à renda e possibilita a subsistência própria e da família, o acesso ao consumo e a recursos materiais. Carlinhos é mais enfático nesta questão:

⁵² Ibidem.

⁵³ Ibidem.

(...)Eu entrei nesse mundo de venda porque foi a forma que eu achei pra trabalhar, né. É o que eu sei fazer e o que eu achei mais fácil pra garantir meu sustento e o sustento do povo lá de casa. É o que eu sei fazer(...) É a partir do que eu ganho que eu consigo comprar meus negócios. Os troço de casa. (...) Imagina se eu não tivesse, né. Ia viver de quê. Eu levanto as mãos pro céu porque tenho esse trabalho e vivo disso(...) Sou um abençoado(...) ⁵⁴

Neste sentido, Carlinhos enquanto vendedor insere-se numa extensa trama: integrar-se economicamente na busca por meios de sobrevivência e reproduzindo-se como trabalhador que se inseriu no comércio ambulante.

Ainda que dentro de limites estreitos, a inserção no comércio ambulante é possibilidade de decisão e gestão das próprias vidas.

Além da questão salarial perguntei sobre a jornada de trabalho desses trabalhadores, Toim me deu o seguinte depoimento:

Eu não tenho hora para parar e nem para começar. Trabalho de domingo a domingo, de feriado a feriado. As vezes a gente paramo algum final de semana, mas não é todo(...) Quem vai dizer o ritmo do trabalho da gente é o povo, o tempo, né. Porque aqui tu sabe que é frio, né e ninguém vai ta na rua no frio ou chuveno. Mas a gente vamo sempre. A gente nunca sabemo o horário de acabar. É uma incerteza todo dia. Se o movimento tiver bom a gente vamo vendendo e se não a gente vem simbora pra casa (...) Tem gente que tem seus horários (...) tem menino aqui que trabalha só de manhã(...) acorda cedim e trabalha até o horário do almoço (...) Tem gente que vai vender só depois do almoço até anoitecer e tem gente que fica o dia todo. Tem gente que trabalha uns 6 horas outros 12 horas. Vamo de acordo com as vendas, se tiver boa a gente vamo ficando. O ruim é que a gente tem que vender pra garantir o sustento e se não vender é terrível. ⁵⁵

A jornada de trabalho varia entre seis e doze horas, podendo estender-se ao período noturno para alguns. Ainda que haja uma rotina de horários que se busca seguir todos os dias, há variações determinadas, em geral, pelas condições climáticas que por sua vez influem no movimento das vendas. O fluxo de vendas não é regular. Além das variações climáticas, não há horários previsíveis de maior ou menor fluxo de clientela. Esta imprevisibilidade gera tensão, pois nunca se sabe ao certo se é hora de encerrar ou se vale a pena

⁵⁴ Ibidem.

⁵⁵ Toim. Op.Cit.

ficar mais um pouco. A consequente instabilidade em relação aos rendimentos traz insegurança quanto ao pagamento das dívidas junto a fornecedores, ampliada pela presença da deficiência que se constitui em obstáculo e razão de resistência por parte dos fornecedores para a oferecer crédito.

A irregularidade do trabalho é também determinada pela conjuntura em relação à fiscalização e às pressões do governo municipal, havendo alternância entre repressão e tolerância ao comércio ambulante como se evidencia na impressa local.

Era 11 de maio de 2013, véspera do dia das mães, O Portal de Notícias Online Central Gazeta de Notícias, uma versão online do Jornal Gazeta do Paraná trouxe a seguinte matéria: “Nova lei dos ambulantes deverá receber emendas - Projeto quer banir ambulantes ‘paraquedistas’ e enquadrar ambulantes nativos.” O “CGN” perceberá o trabalhador ambulante enquanto sujeito da cidade:

Eles fazem parte da vida da cidade. Labutam de sol a sol. Não tem tempo ruim. Com chuva ou no frio eles vão assim, ganhando a vida no grito: “Patrão pode chegar que tá barato!” Outros entoam um “pode olhar comadre que não paga nada!” Ou ainda, “o produto é de qualidade e garantido. Se não gostar leva, o dinheiro de volta!”

Entre um bordão e outro, eles vão levando a vida. Sustentam suas famílias, ganhando seu dinheirinho nas ruas de Cascavel. E o ponto onde tudo isto mais acontece é o Centro da metrópole, o Calçadão, que atrai milhares de pessoas de cidades vizinhas, mas também atrai dezenas de vendedores ambulantes, ávidos em engordar a receita, com uma venda extra nos dias das mães.

⁵⁶

A matéria publicada um dia antes de umas das datas consideradas mais produtivas pelo comércio. Apesar de ser um meio de comunicação que representa os interesses de parte da população e empresários locais, é possível perceber as dinâmicas sociais promovidas por estes sujeitos na busca de sobrevivência, lotam as ruas da cidade. O reconhecimento que este grupo de trabalhadores “labutam” de sol a sol nas calçadas das cidades, nos permite pensar sobre novas dimensões que o espaço público toma para estes

⁵⁶ Nova lei dos ambulantes deverá receber emendas - Projeto quer banir ambulantes ‘paraquedistas’ e enquadrar ambulantes nativos.<<http://cgn.uol.com.br/noticia/52309/nova-lei-dos-ambulantes-devera-receber-emendas>> Acesso em 14 de abril de 2014

trabalhadores ambulantes. É no espaço público onde ocorrem as relações comerciais, e assim, são construídas novas relações que vão para além das expectativas desses sujeitos.

Tal fato, nos aproxima das acepções defendidas por Paulo Costa Gomes (2002) ao explicar que “*o lugar físico orienta as práticas, guia os comportamentos, e estes por sua vez reafirmam o estatuto público desse espaço, e dessa dinâmica surge uma forma-conteúdo, núcleo de uma sociabilidade normatizada*” (GOMES, 2002, p. 164), assim, todas as cidades dispõem de lugares públicos que correspondem à imagem da cidade e de sua sociabilidade, definindo relações, criando dinâmicas e conflitos no cotidiano do trabalho.

O “Calçadão de Cascavel”, como o centro da cidade não se refere apenas a um arranjo físico espacial de apropriação coletiva, com características próprias decorrentes de sua situação jurídica, urbanística e técnica: é também um espaço social que possibilita determinadas práticas sociais, econômicas e políticas, em que ocorrem processos mais abrangentes em virtude de particularidades e singularidades existentes na cidade. A rua, desta feita, não é simplesmente um lugar de passagem e circulação, é também o lugar do encontro, do movimento, que é apropriado pelos indivíduos de acordo com suas necessidades e interesses.

Assim, esse local ora é visto como local de lazer, ora como local de subsistência, onde os indivíduos realizam suas experiências e reproduzem seus interesses, como e. Estas diferentes percepções são resultado dos usos que os diferentes sujeitos realizam do espaço, assim para o vendedor Toim:

A rua, aqui no calçadão é onde tudo acontece. Tem mais gente, tem sombra, tem lugar pra sentar quando a gente ta cansado, tem essas lanchonete onde a gente come e mermo quando a gente ta sentado ta vendendo. Agora mermo ôh é onde estão esses professores da greve(...)aqui a gente encontra todo mundo, quem eu quero eu vejo aqui(...)as escolas trazem as crianças pra cá, tem essa escola ai perto. Tem muita gente, tem essas loja que todo mundo vem pra cá e qualquer hora. Às vezes também tem a fiscalização(...) ⁵⁷

⁵⁷ Toim.Op.Cit.

Toim me concedeu essa entrevista sentado em um dos bancos do "Calçadão", no centro de Cascavel. Para ele, o centro de Cascavel funciona como um espaço de comércio devido, sobretudo, ao grande fluxo de pessoas que por ali trafegam diariamente. O grande fluxo de pessoas e a dinamicidade das atividades desenvolvidas neste espaço ganham força em sua narrativa, pois para ele que acabou de chegar esse pode ser o lugar em que se sente bem recepcionado na cidade, afinal é nesse lugar que ele encontra pessoas para o seu e do seu trabalho e que passa boa parte do seu tempo.

É neste espaço que este cria suas vivencias, experiências e faz uso do cotidiano e formas de subsistência que esse trabalhador constrói a cidade, inventando e reinventando espacialidades e temporalidades⁵⁸.

O uso que Toim tem feito desse espaço através de situações e relações que se intensificam, marcando o desenvolvimento da cidade. Pois, não é mais possível "olhar" o centro de Cascavel sem "enxergar" o trabalhador ambulante nesse espaço como bem noticiou a matéria citada pelo CGN.

No espaço público da cidade contemporânea parece que os modos de consumo são os elementos determinantes, diferença e desigualdade articulam-se no processo de apropriação espacial, definindo uma acessibilidade que tem uma dimensão de classe evidente, que atua na territorialização desses espaços como se percebe em Cascavel. O vendedor Carlinhos, me fala que:

Todos os dias eu tô aqui na rua pra vender essas coisas e posso dizer que não tá fácil! Mas eu vou fazendo uns bicos aqui e ali e aos poucos a gente vai fazendo um dinheirinho, né? Apesar de muita gente preferir comprar na loja, tem muita gente que gosta de comprar aqui com a gente e sempre passa por aqui pra ver o que eu tenho de novo, aí leva! E aqui é muito bom o lugar.⁵⁹

Pela narrativa de Carlinhos o centro é um local de comercialização. É onde ele vende suas mercadorias composta por cintos, carteiras, tapetes e alguns materiais importados. Este centro que ele se refere é o Calçadão que representa quase 2km de áreas do comércio na cidade de Cascavel. É lugar dele fazer suas vendas e mesmo timidamente evidencia um certo conflito com os lojistas. Há neste intento como menciona Harvey ao destacar a ideia do

⁵⁸ Sobre essa questão se faz mister destacar o entendimento a partir da obra FENELON, Déa Ribeiro. Cidades. São Paulo: Olho d'Água . 1999. Dar voz e visualidade a essa multiplicidade de perspectivas significa perceber o espaço publico na inteireza da sua inteligibilidade forjada pelas experiências sociais.

⁵⁹ Carlinhos. Op.Cit.

direito a cidade que esse direito chegou ao ponto de concentrar-se “nas mãos de uma pequena elite política e econômica com condições de moldar a cidade cada vez mais segundo suas necessidades particulares e seus mais profundos desejos”(HARVEY, 2014, p.63) .

Sabendo disto busquei conversar com alguns nativos da cidade para tentar entender se eles frequentam o centro com a finalidade de compra de mercadorias, se são consciente que o centro da cidade presta este serviço e se há um conflito entre os lojistas.

A professora Marlene Vieira, moradora de Cascavel, em entrevista quando perguntado onde ela costuma ir à cidade ele me fala que “eu prefiro mil vezes ir ao shopping e comprar as coisas lá do que ir no centro, muito movimento e aqueles vendedores nos abordando no meio da rua. Todo mundo vai lá. Eu não gosto”⁶⁰.

Neste caso, para Marlene o centro não é um lugar bom para se frequentar justamente pela quantidade de gente que por lá trafega, ela, portanto, concorda com Carlinhos no sentido de que o centro é muito movimentado e por isso prefere o comércio do shopping.

Essa evidência aponta para o que Paulo da Costa Gomes em “A condição urbana. Ensaios de Geopolítica da Cidade”, defende que a situação dos espaços públicos na atualidade apresenta dois resultados. No primeiro, o uso dos espaços públicos se reduz, a área de sociabilidade tem uma pequena extensão, onde a convivência passa a ser apenas com os semelhantes. Esta situação corrobora para esclarecer por que os shopping centers estão constantemente lotados. O segundo resultado desse processo é que, ao abdicar dos espaços comuns e renunciar em partilhar um território coletivo de vida social, nasce o fenômeno da ocupação dos espaços públicos apenas pelos pobres (GOMES, 2002).

Sobre essa questão, conversei também com outro morador da cidade, também professor, Osvaldo Ricardo, 30 anos, perguntei a ele se ele já teria vivenciado uma situação de conflito entre lojistas e vendedores ambulantes e ele me dar a seguinte resposta:

⁶⁰ Entrevista realizada pelo autor. A entrevistada chama-se Marlene Vieira. A gravação foi realizada em 03 de Março de 2014, na cidade de Cascavel-PR.

Quase todos os dias eu passo por aqui. Dou aula no Marista daí tenho que passar por aqui. Todo dia tem gente por aqui vendendo (...). Vez por outra eu compro alguma coisa. Mas eu prefiro mais comprar nas lojas, tem mais garantia, às vezes é um produto melhor e tal (...). Sobre a questão que tu me perguntou eu nunca vi nada do tipo, mas um colega já viu. Uma vez ele disse que tinha uma pessoa de uma loja de tênis mandando os caras irem embora que ali não era lugar pra eles venderem (...)⁶¹

O professor Osvaldo também evidencia o fato do centro da cidade ser movimentado e pelo seu relato corrobora para ideia que há um conflito entre os trabalhadores ambulantes e lojistas.

Osvaldo buscando uma maior qualidade ou garantia de um produto melhor prefere a compra nas lojas a dos ambulantes. Nesse sentido, ambos os relatos, tanto o de Marlene quanto o de Osvaldo difunde a concepção de que esse comércio, a venda, os trabalhadores e o próprio espaço do Calçadão é visto por esse público ou mesmo este se identificará como algo que não tem qualidade.

Dessa visão e dessa estranheza existente nesta área da cidade de Cascavel e na lógica de apropriação deste espaço público pelos trabalhadores ambulantes, geralmente os pontos de trabalho são definidos pela presença de inúmeras repartições públicas e equipamentos particulares, até porque a permanência no espaço público geralmente está relacionada ao horário de funcionamento da atividade no comércio.

A condição necessária para a constituição da venda na rua diz respeito a "aparente" facilidade de acesso e os trabalhadores tornam-se sujeitos na construção de suas práticas sociais, buscando se apropriarem e conquistando o seu direito na e com a cidade.

Em meio a isso havia a necessidade que a legislação municipal assegure essa condição de trabalho.

Em Cascavel existiu a Lei No. 6147/2012 que dizia o seguinte sobre o entendimento do que é comércio ambulante:

Art. 1º Considera-se comércio ambulante a atividade temporária de venda a varejo, de mercadorias, sem vinculação com terceiros [sem vínculos com empresa] , sendo esta pessoa

⁶¹ Entrevista realizada pelo autor. A entrevistado chama-se Osvaldo Ricardo. A gravação foi realizada em 03 de Março de 2014, na cidade de Cascavel-PR

jurídica e/ou física em locais e horários previamente determinados pelo município.

Parágrafo Único - É proibido o exercício do comércio ambulante fora dos horários e locais demarcados pelo município.

[...]⁶²

Entretanto, este último parágrafo não havia sido regulamentado, com o estabelecimento de que não havia um horário e nem um local pré-estabelecido onde o trabalhador exerce sua função. Também não deixa claro quem são esses ambulantes e os veem de forma genérica.

Art. 6º Os Ambulantes deverão portar a Licença, ou sua cópia autenticada, quando for o caso, bem como apresentar crachá, com foto, e nome, quando em exercício de sua atividade.

§ 1º A Falta deste documento Licença, Crachá, implicará em sanções prevista nesta Lei;

§ 2º A reincidência, implicará em cassação da Licença;

[...]⁶³

A questão que se coloca no advento desse parágrafo é que se não há uma regulamentação em prática e nem há por parte do Poder Executivo uma política que distribua esses documentos aos ambulantes. Então como eles poderiam utilizar? Talvez esse seja um dos motivos que esses trabalhadores sofrem a repressão por parte de alguns lojistas como me relatou Osvaldo Ricardo.

Sobre o desenvolvimento da atividade a lei assegura o seguinte:

Art. 10. O Exercício da Atividade Ambulante dependerá de Autorização, "Licença" expedida pela Secretaria de Finanças, após análise e parecer da Comissão Permanente de Licença para Atividades Ambulantes - COPLAA.

§ 1º O pedido será efetuado junto a Secretaria de Finanças, no Setor de Alvará, por via de requerimento assinado pelo requerente, no qual deverá preencher compondo este com a seguinte documentação:

I – Nome

II - Endereço da Residência;

III - Indicação das mercadorias objeto da autorização;

⁶²CASCAVEL. Câmara Municipal. Lei No. 6147/2012, de 14 de novembro de 2012. Regulamenta o comércio ambulante e atividades afins, denominada de lei dos ambulantes, e dá outras providências. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/cascavel/lei-ordinaria/2012/6147/lei-ordinaria-n-6147-2012-regulamenta-o-comercio-ambulante-e-atividades-afins-denominada-de-lei-dos-ambulantes-e-da-outras-providencias> Acesso em: 05 de maio de 2014.

⁶³Ibidem.

- IV - Indicação do horário;
- V - Documento de Identidade;
- VI - CPF;
- VII - Comprovante de Endereço;
- VIII - Endereço identificado o local onde será ocupado pelo ambulante, com identificação:
 - a) Das ruas, em quais as ruas irá se estabelecer, Identificando as duas ruas e Bairro;
 - b) Local em frente a terreno, em frente a edificação, na calçada, no estacionamento (via pública);[...]⁶⁴

Como o ponto VIII do paragrafo 1º deste artigo assegurava, o ambulante passaria a ter um espaço fixo. Aspecto este que se tornou uma politica dos municípios brasileiros na tentativa de organização do espaço público das cidades.

Claudia Montessoro(2006)⁶⁵ coloca que a partir da expansão dos vendedores ambulantes cria-se um estabelecimento para que estes possam se organizar espacialmente, como os camelódromos ou shoppings populares que de acordo com ela são conceituados como centro comercial dos ambulantes, tornando-os fixos. Ainda de acordo com essa autora, pelo fato desses trabalhadores ficarem nas vias públicas (praças e calçadas), sempre foram vistos como uma anomalia do ponto de vista do planejamento da cidade.

No conjunto de narrativas dos trabalhadores que fiz Marcos da Silva, o Maluco, recordou que:

O governo tudo inventa pra tentar tirar a gente, mas a gente num sai. Tem essa lei aqui que tá só no papel (...) Não serve. Eles inventa isso só porque não outra coisa pra inventar. Se essa lei ai fosse válida a gente já tinha um cantinho pra vender e não fica nesse desmantelo. Uma hora é uma coisa, outra hora é outra (...)⁶⁶

Maluco evidencia que a lei não é cumprida. Pelo que se vê parecia bem pontual o artigo 10 desta lei de 2012. Desta feita, uma lei pode representar um projeto do poder político ou mesmo ser uma estrutura, que são o resultado das ações humanas, e as ações se realizam no seio da sociedade, sendo ate

⁶⁴ Ibidem.

⁶⁵ MONTESSORO, Cláudia Cristina Lopes. Centralidade urbana e comércio informal: os novos espaços de consumo no centro de Anápolis-GO. 2006. 332 f. Tese (doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2006.

⁶⁶ Maluco. Op.cit

capaz de modifica-la a partir de certo nível de tensão e com isso vêm à mudança no social e no histórico quando de fato ela sai do papel.

Maluco ainda reitera:

Meu fi, pode inventar o que quiserem. Não vai ser resolvido essa coisa. Porque isso é antigo. Desde de quando vim por aqui que se fala nisso. E quanto mais inventa, mas a gente continua. A gente vamo achando lugar e vamo se enfiando. Eu acho que é uma coisa que não tem controle (...) como que se controla os povo que vem de fora. Se se bloquearam as estradas e acho que nem assim consegue porque tudo mundo é esperto, né não. (...)⁶⁷

Maluco e o conjunto de trabalhadores que assim como ele são vendedores ambulantes seriam apenas um recorte de uma coletividade mais ampla que Michel de Certeau chama de praticantes ordinários da cidade, cujas táticas para tirar proveito “*das falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário, dependem de uma astúcia*” (CERTEAU, 2008, p.95). Estes sujeitos da ação anônimos alteram e produzem espaços, ainda que com outra potência e outro modo de operar, apontando a extensão deste domínio para além dos saberes e poderes de planejadores e políticos. Ainda que se mantenham dependentes das possibilidades oferecidas pelas circunstâncias, estes nas suas táticas não obedecem a lei, já que não são definidas ou identificadas por ele.

Não são mais localizáveis que as estratégias tecnocráticas que visam criar lugares segundo modelos abstratos. Mas o que as distinguem diz respeito ao mesmo tempo aos tipos de operações e ao papel do espaço: estratégias são capazes de produzir, tabular e impor esses espaços, enquanto as táticas podem apenas usar, manipular e subverter esses espaços. (CERTEAU, 2008, p. 92)

São táticas elaboradas para desviar, muitas vezes subvertendo as maneiras esperadas ou coletivamente aceitas de utilização dos espaços públicos.

Sobre essa questão e o entendimento de Leis, E. P.Thompson ao analisar a sociedade inglesa do século XVIII, percebeu a Lei como uma arena

⁶⁷ Maluco.Op.Cit

onde convergiam reivindicações e tensões diversas, sendo fundamental o conhecimento das tradições para o entendimento do seu processo de construção. O registro dos costumes e das tradições de uma dada sociedade podem evidenciar demandas sociais ou mesmo o repúdio da sociedade a determinadas leis oficializadas pelo governo. Daí, os embates entre o direito oficial e o direito costumeiro registrarem diferentes formulações sobre a Lei: uma pode sair predominante, tornar-se oficial, mas isso não significa que ela seja passivamente aceita ou incorporada pela maioria da sociedade. Mais do que isso: a Lei passa a ser entendida não como uma determinação por escrito da classe dominante no seu exercício de dominação, mas como fruto de lutas, embates e conflitos entre os diversos segmentos sociais, fundamentalmente, entre os interesses de dominados e dominadores.

Neste sentido, Thompson admiti que a Lei jamais pode ser julgada neutra ou imparcial, pois ela carrega em si a relação de dominação de classe:

(...) a maior dentre todas as ficções legais é a de que a lei se desenvolve, de caso em caso, pela sua lógica imparcial, coerente apenas com sua integridade própria, inabalável frente a considerações de conveniência (THOMPSON, 1987, p. 338).

Portanto, como o lugar da luta de classes, a Lei evidenciada na narrativa de Maluco e na compreensão de E. P. Thompson demarca uma ação conflituosa na sociedade.

Mas pelo que parece, essa lei de Cascavel não foi posta em prática ou foi objeto de transgressão por parte dos sujeitos que ela regulamentaria a ponto de, em 2014 ser criada um lei complementar que assegurasse e cobrasse do executivo uma maior fiscalização e uma politica para os trabalhadores ambulantes.

De autoria dos vereadores Robertinho Magalhães (PMN), Luiz Frare (PDT), Paulo Bebber (PR) e Marcos Rios (Solidariedade) que a época eram vereadores da base aliada do governo municipal, a nova lei, ou lei complementar, rotulada de a “Lei dos Ambulantes” regulamentou o comércio de ambulantes na cidade e passou a definir a atividade como lícita e com a proposta de estabelecer limites mais rigorosos. A mesma estabeleceu que:

[...]Art.2º. Para efeitos desta Lei considera-se comércio ambulante a atividade temporária, licita, varejista e geradora de renda, exercida por pessoa jurídica ou física, de forma móvel ou itinerante mediante licença expedida pela Secretaria Municipal de Finanças.[...].⁶⁸

Essa atividade passa a se configurar enquanto tal e definida o que é diferentemente da lei anterior que não deixava claro do que se tratava além de estabelecer o comércio ambulante como atividade licita. Este estabelecimento, a meu ver, indicou uma disputa de interesses e poder em relação a economia local. A promulgação da mesma, ao colocar em vigor estes trabalhadores no campo das atividades reconhecidas pelo estado criou formas de regulamentá-las segundo as normas do mercado.

Para exercício legal do comércio ambulante, os trabalhadores tanto, dependeriam de licença expedida pela Secretaria de Finanças, após análise da Comissão Permanente de Licença para Atividades Ambulantes, a COPLAA, prevista no projeto e composta de representantes de órgãos governamentais e entidades de classe:

Art. 6º O Exercício da Atividade Ambulante dependerá de licença expedida pela Secretaria de Finanças, após análise e parecer da Comissão Permanente de Licença para Atividades Ambulantes – COPLAA.

1º a licença expedida para o exercício da Atividade Ambulante deverá conter no verso as seguintes observações:

I – a classificação da categoria liberada para o exercício da Atividade Ambulante conforme previsto no Artigo 3º desta Lei e seus incisos;

II – o tipo de suporte, equipamento ou veículo utilizado para exercício da Atividade Ambulante, conforme previsto pelo Artigo 4º desta Lei e seus incisos;

III – e demais disposições previstas pela Secretaria Municipal de Finanças e Secretaria Municipal de Planejamento, baixadas por meio de ato próprio.

2º O pedido será efetuado junto a Secretaria de Finanças, no Setor de Alvará, por via de requerimento e apresentação dos seguintes documentos:

I – documento de Identificação, tais como: RG ou carteira de Habilidação;

II – comprovante de domicílio eleitoral em Cascavel;

⁶⁸ CASCAVEL. Câmara Municipal. Lei Complementar No. 78/2014, de 27 de agosto de 2014. REGULAMENTA O COMÉRCIO AMBULANTE NO MUNICÍPIO DE CASCAVEL, E DÁ OUTRAS PROVIDÉNCIAS. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/cascavel/lei-complementar/2014/7/78/lei-complementar-n-78-2014-regulamenta-o-comercio-ambulante-no-municipio-de-cascavel-e-da-outras-providencias>> Acesso em: 28 de setembro de 2015.

- III – comprovante de endereço residencial, que comprove residência em Cascavel;
- IV – autorização do proprietário do imóvel localizado em frente ao local que deseja estabelecer-se, devendo a mesma ser renovada anualmente.
- [...] ⁶⁹

Neste sentido, a lei nas relações entre esses trabalhadores e a sociedade na esfera do cotidiano se processa por uma coação coletiva, anônima, pela observação, vigilância e apreciação por parte do poder público, coação esta que reforçaria na medida em que para requerer a licença, o ambulante, terá que apresentar documento de identificação, título de eleitor de Cascavel, comprovante de endereço e autorização do proprietário do imóvel localizado em frente ao local que deseja estabelecer-se.

Ainda como forma de controle e fiscalização mais profícua:

Art.7º A Licença terá validade de 1 (um) ano a contar da data de sua emissão.

Parágrafo único. A solicitação de renovação da licença deverá ser protocolada até 30 dias antes do seu vencimento.

Art.8º A indicação dos locais é feita em caráter temporário, podendo ser alterada, a qualquer momento, em razão dos interesses público, do desenvolvimento da cidade, ou quando estes se mostrarem prejudiciais e inadequados, no qual serão notificados e deverão se retirar.

Parágrafo único. A alteração prevista no caput deste artigo, será comunicada pela COPLAA, com antecedência de 5 (cinco) dias.⁷⁰

Ao delimitar uma temporalidade fazendo com quê a licença seja temporária, a prefeitura passa a ter um maior controle sobre estas autorizações mediante ao fato que essas pessoas terão que se apresentarem sempre quando a prefeitura o solicitasse. Neste sentido, os trabalhadores passam a ter que se apresentar a cada ano, limitando o fluxo livre que anteriormente ocorria. Entretanto, assinalo que devido o grande fluxo de trabalhadores que

⁶⁹ Ibidem.

⁷⁰ Ibidem.

ocorre, jovens que vem experimentar a atividade, ou apenas juntar um dinheiro, nem sempre esta apresentação ocorre.

Em 09 de Março de 2016, o Jornal “ O Paraná” noticiou “Apenas um vendedor ambulante em Cascavel conseguiu Alvará”, a matéria trazia o seguinte:

(...) Cascavel - Elbis Junior Pereira exibe pelo Calçadão o alvará que obteve da Prefeitura de Cascavel para atuar como vendedor ambulante. Desde a implantação da lei para a regulamentação deste trabalho em 2014, apenas ele, que integra a Associação dos Camelôs Ambulantes, conseguiu o documento (...)⁷¹

A matéria sinaliza que embora o caso de Elbis Junior ser o único com licença para desenvolver o trabalho, a lei tem se estabelecido. Na matéria ainda consta depoimentos por parte da Comissão Permanente de Licença para Atividades Ambulantes justificando os porquês de apenas um trabalhador ter autorização:

(...) ‘Estamos orientando todos a atenderem os requisitos da lei, porém falta esclarecimento e o valor cobrado pelo alvará inviabiliza algumas atividades’, comenta Pereira.

Ajustes que precisaram ser feitos, mesmo após o início da legislação, interferiram na agilidade do processo.

‘Por se tratar de novas rotinas para adequação à nova lei, eventualmente, se fazem necessários ajustes quanto aos procedimentos realizados’, afirma a presidente da Coopla (Comissão Permanente de Licença para Atividades Ambulantes).(...)⁷²

A justificativa, portanto, por parte da COOPLA é que há ainda um desconhecimento por parte dos vendedores ambulantes que não buscam a suas respectivas autorizações e pelo fato de ser um documento que tem um custo elevado.

O valor cobrado para a licença varia de 2 UFM (Unidade Fiscal do Município) a 30 UFM, cujo valor atual unitário de cada unidade fiscal do município é de R\$ 32,04. Para os ambulantes que utilizam veículos, a taxa é de

⁷¹ “Apenas um vendedor ambulante em Cascavel conseguiu Alvará”. “O Paraná” online. Disponível em: <http://www.oparana.com.br/noticia/apenas-um-vendedor-ambulante-em-cascavel-conseguiu-alvara/4882/> Acesso em 02 de maio de 2016

⁷² Ibidem.

30 UFM's e todos os demais, que atuam como comércio itinerante, comércio móvel usando suporte ou equipamentos como barracas, bancas, reboque, a taxa é de 15 UFM's.

Uma questão a destacar é o fato de quê o trabalhador que adquiriu sua licença ser o presidente da Associação dos Ambulantes de Cascavel, inclusive, Elbis foi um dos trabalhadores que acompanhou todo o processo de aprovação da lei, à época, em 2014, conversei com ele sobre a expectativa da aprovação da lei e ele me falava que estava muito confiante e na certeza que a lei iria garantir melhores condições de trabalho para os trabalhadores que como ele estão na rua.

Não gravei entrevista com esse trabalhador porque me recordo que, quando marquei, ele não pode e depois disse que não gostaria de ser entrevistado. Todo a conversa que tive com ele foi na Câmara dos Vereadores de Cascavel, em abril e maio de 2014, quando o processo de votação da Lei estava em vigor.

Elbis Junior é natural de Cascavel, portanto, é um nativo e comercializa artesanatos, pulseiras de couro, relógios importados, colares, cintos de couro dentro outras mercadorias.

Este trabalhador preside a associação dos vendedores ambulantes de Cascavel desde 2011, associação esta que ao que parece não representa os trabalhadores sujeitos desta pesquisa como Maluco narra quando o questionei a respeito da associação:

Cara, nunca ouvi falar disso. Nunca fui informado disso. Nunca me chamaram pra fazer e olha que já to aqui a tempo. Moro na cidade. Tenho família aqui a um bom tempo. Todo mundo me conhece, mas nunca me falaram nada. Isso é coisa pra esses comerciantes mesmo. Pra esse povo que tem loja ou querem abrir loja do seus comércio. Não é pra gente não. Era pra ser da gente. A gente eles querem que vamo simbora (...).⁷³

A narrativa de Maluco reforça o caráter seletivo da Lei e atuação da Associação dos vendedores ambulantes da cidade que ele não se sente representado por ela.

⁷³ Maluco.Op.Cit.

Caráter este que não se fez presente na narrativa do vereador Robertinho Magalhaes, um dos idealizadores desta lei :

Esse conjunto de regras como você vê é pra garantir uma certa organização. Porque do jeito que tá. Tá tudo desorganizado. Tudo isso foi pensando por eles próprios. É uma lei que supri a demanda. Todo mundo se juntou e elaborou esse documento. E eu torço pra que o Executivo execute o mais rápido possível. O ambulante não pode tá largado em qualquer quanto.⁷⁴

A lei de acordo com Robertinho seria resultado de um processo movido pela sociedade civil e o poder público, reconhecendo a importância do trabalho ambulante na conjuntura econômica da cidade: “*dentro da cidade é importante à atuação desses trabalhadores, pois eles exercem uma atividade independente de movimentos da economia e que se apresenta como alternativa para vencer a crise no país*”⁷⁵.

Além do mais, os ambulantes teria uma licença da prefeitura que prevê que para trabalhar, esses trabalhadores precisariam passar na prefeitura para serem liberados à prática. Há certa cooperação comercial nesse sentido na medida em que parece que há uma permissão por parte dos comerciantes para que a venda dos produtos desses ambulantes sejam efetivadas, uma vez que eles estão por toda parte, inclusive em frente às lojas. Permissão esta que não é tão amistosa como chamarei atenção adiante. O espaço utilizado pelos ambulantes facilita a transação comercial dos produtos. A visualização e a diversidade de produtos dos ambulantes no mesmo espaço é um grande atrativo para os que trafegam pelo centro.

Eu sempre passo pelo centro e sempre vejo uma coisa ou outra que estou precisando comprar, seja pra comer ou pra levar pra casa mesmo. Nem sempre a gente acha bons preços nas lojas e por isso o jeito é comprar por aqui mesmo. E acho importante que esses ambulantes estejam por aqui (...)⁷⁶

Esse é um relato da dona de casa Solange Diel, cliente do vendedor Antônio Carlos, que estava comprando panos de prato quando eu decidi

⁷⁴ Entrevista realizada pelo autor. O entrevistado chama-se Robertinho Magalhães, vereador de Cascavel, idealizador da Lei dos ambulantes. A gravação foi realizada em 18 de outubro de 2014, na cidade de Cascavel-PR

⁷⁵ Ibidem.

⁷⁶ Entrevista realizada pelo autor. A entrevistada se chama Solange Diel. A gravação foi realizada em 08 de abril de 2014, na cidade de Cascavel-PR

conversar com ela. Em outra entrevista o micro empresário cascavelense Zacarias Azevedo, transeunte e esporádico cliente do comércio ambulante me diz o seguinte:

De vez em quando eu compro muita coisa por aqui mesmo com eles, e eles têm um bom papo, são pessoas batalhadoras, merecem mais incentivo, né? As vezes tem muita gente por aqui, atrapalha um pouco a passagem das pessoas, mas, é tranquilo. Se eles estão ganhando a vida honestamente, tem mais é que continuar mesmo⁷⁷.

Apesar de alguns moradores da cidade optarem pela compra em lojas como já mencionei aqui, o comércio realizado pelos vendedores ambulantes, vem de encontro aos interesses da população que busca ali, uma opção comercial aos preços altos que podem ser oferecidos no comércio tradicional. Neste aspecto, veem na presença dos ambulantes uma possibilidade de negociar e conseguir obter menores preços. Neste sentido, as relações comerciais que transcorrem neste espaço, inserem-se nas relações comerciais do sistema capitalista. Essa inserção se dar até de forma impositiva: Na medida em quê, impulsionados pelo aumento de preços e os custos mais elevados dos produtos nas lojas, os clientes compram dos ambulantes por que há possibilidades de mais negociações.

Depois de dialogar com dona Solange e Zacarias sobre o que eles acham dessa prática de comércio ambulante, conversei, ainda, com Rodolfo Bortoloto, vendedor de uma loja de calçados no Calçadão de Cascavel. Na ocasião perguntei o que ela achava do comércio ambulante e da lei dos ambulantes:

O que a prefeitura está fazendo para cadastrar e organizar os ambulantes e, depois, o centro é muito bom, eu acho! Se cada um tiver seu espaço garantido, sua segurança etc, então vai ficar bom pra gente que compra e pra eles pra ganhar o sustento deles em paz. Eu conheço alguns desses caras que vendem esses cintos e carteiras pelas ruas, sempre encontro por aqui um bando (...) Eu acho muito sofrido, eles estão muito vulnerável, é um trabalho incerto⁷⁸.

⁷⁷ Entrevista realizada pelo autor. O entrevistado se chama Zacarias Azevedo. A gravação foi realizada em 08 de abril de 2014, na cidade de Cascavel-PR

⁷⁸ Entrevista realizada pelo autor. O entrevistado se chama Rodolfo Bortoloto. A gravação foi realizada em 08 de abril de 2014, na cidade de Cascavel-PR

Parece que a relação destes moradores e ambulantes nem sempre foi pacífica, em certos pontos da cidade os transeuntes têm encontrado dificuldades de circular, dado o grande número de ambulantes que ocupam o centro.

Dentre as vulnerabilidades que envolvem o trabalho ambulante, as que são mais apontadas por grupos que dividem o espaço da área central com vendedores ambulantes como o entrevistado Rodolfo Bertoloto chamou atenção são, a ocupação de áreas públicas, a ausência de notas fiscais nas mercadorias comercializadas ou o fato trabalharem com mercadorias consideradas “piratas”.

No caso da mercadoria dos redeiros o fornecimento é dado sem notas fiscais, o artesanato é oriundo da Paraíba e os custos são determinados pela manutenção e deslocamento da mercadoria. Ao entrevistar Carlos Normando, o Carlinhos, ele destacou esta questão. Informou-me que até existe a possibilidade de compra com nota, mas não é economicamente importante, pois a própria prefeitura do município de São Bento não cobra como já mencionei no primeiro capítulo desta tese. Sobre este assunto ele destacou o seguinte:

Essa nossas mercadoria a maioria vem da Paraíba(...) De São Bento e lá merro a gente não precisa dessas nota. (...) no caso das rede e desses tapete(...) Pros cintos e essas carteiras tem loja lá para a gente comprar com nota, mas a gente não compra, que por exemplo: a gente vai lá é mais caro. Lá na Paraíba, pirataria é dez, aí chega na loja com nota ela é vinte. E aqui a gente vai vender por cinquenta? Não é lojista! Aqui não tem loja!⁷⁹

A declaração de Carlinhos corrobora com a relação que Fernando Rabossi estabelece, em sua tese “Nas ruas de Ciudad Del Leste: Vidas e Vendas num mercado de fronteiras” que “a possibilidade de conseguir produtos que não se encontram ou cujos preços são menores que outro lugar sempre foi um dos motores do comercio, das grandes viagens e das caravanas” (RABOSSI, 2004, p.12). No caso dos ambulantes nordestinos isso se acentua na medida em que não há necessidade de todos os trabalhadores irem, mas

⁷⁹ Carlinhos. Op.Cit

alguns vão e trazem as mercadorias para os demais. O que ainda ajuda no custeio de tais mercadorias.

As viagens para a Paraíba em busca de mercadorias oferecem uma gama de possibilidades. Eles podem comprar tanto com nota, como sem. Além de comprar uma mercadoria com preço mais baixo do que na sua cidade de origem. Esta condição faz com que o vendedor ambulante possa oferecer produtos mais baratos em relação ao oferecido nas lojas. Com relação a este aspecto Carlinhos declarou o seguinte:

O lojista fica imprimindo com a gente, por que a gente vende tudo mais barato. Eu tenho um cinto, e tem uma loja que vende, aí eu boto mais baratinho merda e eles não leva vantagem, que eu vendo dois ou três por dia e ele vende duas por semana, entendeu?!⁸⁰

Estas questões colocadas por Carlinhos tem uma série de implicações para a condição jurídica dos ambulantes, o que faz com que eles sejam alvos de uma série de ações policiais. Estas ações são algumas vulnerabilidades presentes na fala dos meus entrevistados. É um medo que envolve o trabalho do vendedor ambulante. Pude notar isto em demasia em meu trabalho, embora os sujeitos de minha pesquisa não sejam presa fácil para a fiscalização, pois os mais perseguidos são os vendedores de CDs e DVDs. Estes tem um lucro excessivo sob a mercadoria, pois na maioria das vezes, é produzida por eles.

No tocante a comercialização das mercadorias sem nota, ou consideradas piratas, existem uma série de implicações que responsabilizam o vendedor ambulante judicialmente por estar violando o Código de Propriedade Industrial⁸¹. A lei protege o registro de patentes e marcas de bens móveis. A violação desta lei é uma das vulnerabilidades que o vendedor ambulante enfrenta na carreira, pois está constantemente sofrendo apreensões das mercadorias e até mesmo levado a delegacia para prestar depoimento sobre a posse da mercadoria ilegal.

As características apontadas nos parágrafos que precedem, referentes às vulnerabilidades do trabalho desses redeiros, favorecem a estigmatização

⁸⁰ Ibidem

⁸¹ Lei nº. 9.279, de 14 de maio de 1996, que regula os direitos e obrigações relativas à propriedade industrial

destes na cidade, pois essas são colocadas como principais defeitos dos vendedores ambulantes, por comerciantes e alguns setores da mídia. Elias (2000) destaca a realidade de uma pequena cidade onde grupos sofrem uma série de estigmas. Na relação do considerado estigmatizado, colocado como outsiders e estabelecidos, ocorre a sócio-dinâmica da estigmatização. A citação que segue destaca como ocorre tal relação:

(...) o grupo estabelecido, tende a atribuir ao conjunto do grupo *outsiders* as características ruins de sua porção pior de sua maneira anômica. Em contraste, a auto-imagem do grupo estabelecido tende a se modelar em seu setor exemplar, mais nômico ou normativo na minoria de seus melhores membros. Essa distorção *paris pro toto*, em direções opostas, facilita ao grupo estabelecido provar suas afirmações a si mesmo e aos outros; há sempre algum fato para provar que o próprio grupo é .bom. e que o outro é .ruim. (ELIAS, 2000, p. 22-23)

As evidencias apontam para um conflito entre os comerciantes lojistas como já mencionei e aqui reitero, que se consideram legalmente estabelecidos e os vendedores ambulantes, os outsiders, que são representados como invasores. Assim há uma corroboração a citação acima, pois os lojistas insistem em colocar as vulnerabilidades jurídicas dos ambulantes, que é um fato, como uma característica do grupo de forma geral.

Nesse sentido, a lei serve como agente regulador do espaço público da cidade e talvez como uma solução para esses problemas.

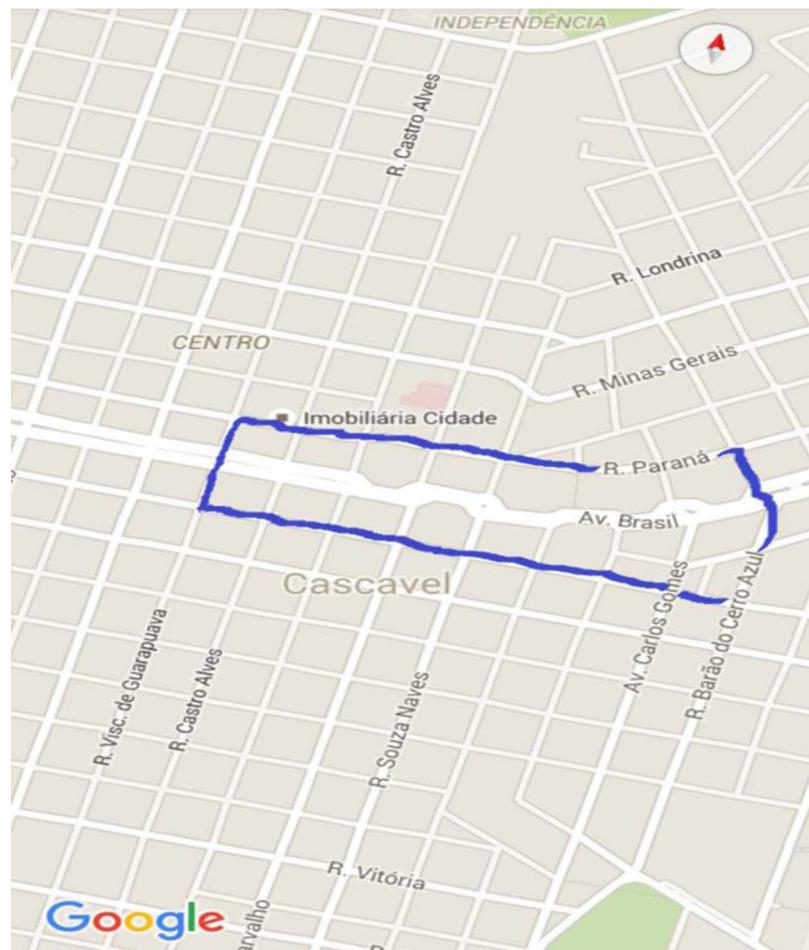
. A Lei ainda prevê que os ambulantes regulamentados deverão portar, o tempo todo, licença autenticada e crachá com foto e nome. A regulamentação prevê também que estes ambulantes trajem jaleco colorido, ainda a ser definido, para distingui-los de eventuais ambulantes “estrangeiros” que estarão de acordo com a lei banidos da cidade.

Art.13 A autorização para o comércio ambulante é de caráter pessoal e intransferível, servindo exclusivamente para os fins nela vinculados, devendo o ambulante atender os seguintes requisitos:

- I – portar crachá com foto, emitido pela Secretaria de Finanças, contendo o nome do licenciado, número do Alvará de Licença, data de emissão e validade;
- II – portar seu Alvará de Licença, data de emissão e validade;

III – utilizar jaleco na cor e modelo padrão conforme determinado pela Secretaria de Finanças, devendo conter o numero do Alvará e ano da licença.
[...]⁸²

Outra novidade da Lei é que serão criadas “áreas de exclusão” onde os ambulantes não poderão atuar. De acordo com a lei, está proibido o comércio ambulante na Avenida Brasil entre as ruas Rio Grande do Sul e Paraná e nos trechos compreendidos entre as Ruas Visconde de Guarapuava e Barão do Cerro Azul.



Fonte: Google. Acesso em 26 de abril de 2016

Art.27. Fica vedada a atividade de comércio ambulante nos seguintes locais:

82 **Ibidem.**

- I – na Avenida Brasil, no trecho compreendido entre as Ruas Visconde de Guarapuava e Barão do Cerro Azul;
- II – na Rua Rio Grande do Sul, no trecho compreendido entre as Ruas Visconde de Guarapuava e Barão do Cerro Azul;
- III – na Rua Paraná, no trecho compreendido entre as Ruas Visconde de Guarapuava e Barão do Cerro Azul;
- IV – na Rua Padre Champagnat entre a Avenida Brasil e Rua Mato Grosso;
- VI- na estação rodoviária;
- [...]⁸³

Na estação rodoviária os ambulantes também estarão proibidos de atuar. Também estarão impedidos de trabalhar em distância de 20 metros no entorno dos templos ou unidades de preservação permanente. Em distância de 50 metros no entorno de estabelecimentos de saúde e de ensino.

Além disto, os ambulantes terão que observar distância de cinco metros das esquinas e abrigos de ônibus em calçadas de largura inferior a três metros. Estas delimitações são pensadas com o intuito de facilitar o fluxo de pessoas nessas principais ruas da cidade, impedindo que esses trabalhadores no desenvolvimento de suas atividades tumultuem essas áreas.

Embora esta lei já esteja sendo posta pelo menos para fins de licença de Alvará, esses trabalhadores continuaram sofrendo punições, historicamente, a relação dos trabalhadores ambulante com as diferentes gestões municipais foi caracterizada por intolerância por meio de alianças entre trabalhadores com o poder público, como também pela repressão e por ações violentas realizadas pelo "rapa". Ações como essas a imprensa publicou no dia 15 de abril de 2014 a matéria intitulada "Fiscalização termina em pancadaria e detenção de vendedor", o jornal O Presente⁸⁴ noticiava o seguinte:

Durante ação de fiscalização da prefeitura aos ambulantes que ficam próximos a Caixa Econômica Federal (CEF) no centro de Cascavel, uma pessoa acabou detida pela Polícia Militar (PM) e vários produtos foram recolhidos. Os servidores, com o apoio da PM, abordaram alguns ambulantes, entre eles Fernando Gabriel Freitas, de 14 anos, que vendia alho no local. Indignado, o rapaz conta que o dinheiro que consegue utiliza para ajudar a mãe nas despesas da casa.

"Eu trabalho aqui para ajudar minha mãe, não to fazendo nada de errado", contou o garoto. "Ei eiei, aqui vocês não colocam a mão, eu tenho documentos da minha mercadoria", gritou outro

⁸³ Ibidem

⁸⁴ Jornal o Presente tem sede no município de Marechal Cândido Rondon, no oeste do Estado do Paraná. As notícias veiculadas neste jornal são da região e apresenta uma página online além do jornal impresso.

ambulante. Outro rapaz que teve toda a mercadoria apreendida é um artesão. Há algum tempo ele comercializa os produtos no local e nesta tarde foi detido. Ele se negava a entregar o artesanato aos fiscais e chegou a ameaçar um dos servidores.⁸⁵

O trabalho ambulante representa uma oportunidade aberta para a manutenção dos lares, para o pagamento da alimentação da família, dos serviços de água, luz e telefone que abastecem as moradias, do custeio da educação dos filhos, do pagamento do aluguel ou da prestação das casas, entre tantos outros direitos.

Alguns destes trabalhadores também estavam nas ruas, pois nela não havia os portões das fábricas ou as cercas das fazendas para privatizar os meios de subsistência barrando suas passagens em busca de sobrevivência nos centros urbanos ou quando lutam para garantir o futuro de suas famílias. O comércio realizado nas ruas é uma atividade histórica. O espaço público é um espaço eminentemente de trocas: trocas de mercadorias, trocas de informação, trocas de conhecimento, trocas de experiências de vida, trocas pessoais e coletivas, trocas de valores, entre outras.

Em uma sociedade absurdamente desigual e sem emprego para todos, reprimir trabalhadores ambulantes é tão contraditório quanto manter as grandes fortunas imunes de tributação.

Em Cascavel, aos trabalhadores ambulantes, restavam como estratégias de ocupação dos espaços públicos: deslocarem-se para as regiões periféricas; continuarem na área ocupada mesmo com o perigo de ter sua mercadoria apreendida pela fiscalização; permanecerem nas colunas das portas e entrada das lojas, na maioria das vezes, com o pagamento de uma taxa ao dono e/ou responsável pelo estabelecimento ou a ocupação de áreas onde não existia a fiscalização ostensiva e que dispunha de um fluxo considerável de transeuntes como bem me relatou Maluco:

Menino, eu nem te conto! Quando os fiscais chega é uma situação tensa. Eu nunca tive minhas mercadoria apreendida, mas já teve gente que já. O bom da gente é que as coisa não é do Paraguai(...) tem algumas coisinha, mas não é tanta. Então

⁸⁵ *Fiscalização termina em pancadaria e detenção de vendedor.* O Presente. Marechal Cândido Rondon-PR. 15 de abril de 2014.

ele nem fazem muita questão, tem vez que fizeram e levaram as mercadorias de um dos meninos.⁸⁶

No relato de Maluco fica evidente que a fiscalização não tem sido tão acirrada no desenvolvimento de seu trabalho e dos colegas nordestinos já que a mercadoria que eles comercializam não são importadas do Paraguai ou pelo menos não demonstram ser já que como ele mesmo falou “*a gente compra uma coisinha aqui e outra acolá e mistura(...)*tem coisa aqui que eu comprei no Paraguai, mas ninguém ver não”. Na sequencia Maluco ainda reitera:

(...) Não gosto de ver esses cara da fiscalização porque eles pegam mesmo. Tem uns que são bom, mas tem outros que não querem nem saber (...) e tenho certeza que é a mando dos próprios comerciantes daqui porque a prefeitura mesmo não liga. A gente no já tem o documento de lá. (...) Esses comerciantes ai são ruim(...)já teve tempo de ter que se pagar pra puder vender aqui(...)⁸⁷

Sobre essa questão em entrevista realizada no dia 09 de outubro de 2014, na Câmara dos Vereadores de Cascavel, o vereador Robertinho Magalhães, autor da Lei me disse o seguinte:

A lei é um projeto bem amplo (...) mas foi pensada com o apoio e participação de todos os setores da sociedade (...) muitos ambulantes pagavam uma espécie de propina pro comerciante registrado pra que esse trabalhador pudesse vender suas mercadorias na porta da loja, por exemplo. Então o ambulante não tem vez no nosso município. A lei vai ajudar nisso. Regulamentar esse trabalho pra que eles possam exercer suas funções sem necessidade de ficar com medo da fiscalização da prefeitura e terem seus lugares pra garantir seus sustentos (...)⁸⁸

Parece tão ingênuo o depoimento do vereador e a lei como solução para o fim das fiscalizações da prefeitura.

Convém frisar que os trabalhadores ambulantes conforme já chamei atenção formam um grupo vulnerável submetido à violência, às perseguições e às repressões, principalmente por não fazer parte do sistema de proteção material, estando, portanto fora da ordem de direitos, dependendo de uma política de "vistas grossas" por parte das autoridades. Essa mescla de fatores

⁸⁶ Maluco.Op.Cit.

⁸⁷ Ibidem.

⁸⁸ Robertinho.Op.Cit.

revela como os trabalhadores e os poderes públicos operam dentro de certa "invisibilidade social"

A lógica seria talvez "ilegalidade consentida" ou uma normatividade extralegal, autoregulação, estratégia de sobrevivência, afirmação do direito ao trabalho (MALAGUTI, 2000). Nesse sentido o comércio ambulante é um continuum do tradicional, havendo uma clivagem entre ambos que é econômica, social, política e não tão-somente legal, pois me parece que a chamada "ilegalidade" é mais que uma consequência do que uma causa.

A desorganização do Estado, a sua incapacidade de fiscalizar e controlar, aliada aos altos custos da economia em termos de impostos e encargos trabalhistas, leva o acelerado crescimento da economia informal a todos os níveis da sociedade urbana. Nessas atividades, as pessoas envolvidas ficariam mais à vontade se a lei não for cumprida. Poderíamos dizer que a informalidade acontece quando o *"direito impõe regras, que excedem o limite nominativo socialmente aceito, não ampara as expectativas, escolhas e preferências de quem não pode cumprir as regras e o Estado não tem a capacidade coercitiva suficiente"* (SOTO, 1986 apud LOPES, 1996, p. 29).

O vereador Robertinho tem ciência disso ao narrar:

(...) Eu sei que já existe uma lei no executivo sobre os ambulantes, mas ela não dar conta, ou pelo menos não tem dado conta. O prefeito tem que cobrar mais da população para que essa nova lei seja cumprida e assegurada pela população cascavelense. Senão vira só uma monobraria do governo e a lei é engavetada. A gente tá tendo essa preocupação de agora fazer jus a lei. Pra isso que ela foi criada, né.⁸⁹

Desta forma a inoperância das leis revela o quanto elas podem se descolar da realidade e se transformar em uma peça ideológica mediante uma visão tecno-burocrática que desconsidera os conflitos vividos por esses trabalhadores.

O aparelho da repressão do poder público mostra o quanto a criminalização do trabalho nas ruas é autoritária e arbitrária. A apreensão das mercadorias sistematicamente é uma das faces da truculência usada nesses

⁸⁹ Ibidem.

casos, justificada por medidas de higiene, segurança e de revitalização dos espaços públicos, por exemplo.

Vale salientar que, em Cascavel existiu projetos de revitalização da cidade. Segundo a Secretaria de Obras do município no dia 27 de dezembro de 2013, a prefeitura assinou um contrato de operação de crédito externo com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Esse contrato prevê o empréstimo no valor de 28,7 milhões de dólares, com juros de 1,2% ao ano, cinco anos de carência e mais 25 anos para o pagamento. O recurso financiou as obras do Plano de Desenvolvimento Integrado(PDI) de Cascavel, portanto a política de “limpeza” da cidade também é uma medida por parte da prefeitura.

A limitação do espaço de ocupação dos trabalhadores ambulantes, o caráter seletivo da Lei e o conflito existente entre os ambulantes e os lojistas me permite refletir sobre alguns aspectos da ocupação deste espaço por diferentes sujeitos e fazer algumas questões que desconfio serem necessárias neste momento. a) Por que exatamente o espaço, que coincide com centro comercial da cidade foram excluídos das zonas de comércio ambulante? b) Quais as pretensões do poder público ao limitar este espaço? c) Quais grupos e interesses estariam por traz da criação da lei que limitava este espaço? d) Por que o presidente da associação dos ambulantes de Cascavel aparentemente seriam a favor da regulamentação enquanto, os ambulantes migrantes não estão participando deste processo?

Quanto a primeira questão, é necessário pautar que a área central delimitada pela Lei, passou recentemente por um processo de reforma e “modernização. Este espaço, historicamente ocupado por lojistas, poder público e religioso, está sendo remodelado sob novas perspectivas, onde, no final da reforma prevista para 2017, não constará mais o “Calçadão”, aliás ele já mais tirado, ocupado pelos comerciantes ambulantes. Nas entrevistas realizadas e na documentação verificada sobre a lei, em nenhum momento é referido que a limitação do espaço ocupado pelos ambulantes, passaria por reforma. Entretanto, ao comparar o documento com a área que tem passado por estas reformas, é possível ver a coincidência desta limitação. Embora esta reforma no centro de Cascavel tenha outro embate que envolve outros grupos/classes e não tem os ambulantes como centro da questão. Mas isso me permite pensar sobre a forma como poder público veem estes sujeitos dentro

do projeto de modernização da cidade e quais sujeitos deveriam ocupar este espaço.

Ao limitar este espaço, o vereador Robertinho Magalhães, refere-se que a lei seria o melhor para todos. Quem seriam todos? E porque seria bom? Ao limpar o espaço da presença destes sujeitos, os lojistas, pagadores de impostos e que contribuem para sistema estabelecido, estariam ainda livre da concorrência dos ambulantes. Assim, coincidiria ainda com a proposta de modernidade do projeto de revitalização e ocupação do espaço central da cidade.

E por fim, a adesão dos vendedores locais a lei, reflete um processo de regulamentação pelo poder local, visto, como já mencionei que os vereadores eram da base aliada do prefeito, enquadrando estes trabalhadores, que mesmo não vivendo sob este projeto de modernização, cumpririam as leis e papéis estabelecidos pelo mesmo, em outros espaços.

A não participação dos redeiros, por outro lado, seriam difícil de enquadrar a estas leis já que uma de suas características é exatamente a circulação inconstante de mercadorias e pessoas. Diferente do presidente da associação dos ambulantes, Elbis, que tem seu lugar, e neste ocupa um determinado espaço constantemente, os redeiros, ocupam espaços que nem sempre são constantes, e circulam pela cidade. Além disso, o produto pode divergir entre produtos vindos do Paraguai ou os de São Bento. Este ainda, se integra a fluxo de homens em busca de trabalho e mercadoria, que com raras exceções, como já assinalei anteriormente, integram rede de comércio.

Assim, a partir do que foi mencionado, o comércio ambulante é construído sob a ótica do trabalho precarizado, com regras, intercâmbio entre os seus pares, que são conhecidos tão somente por seus integrantes, e o estabelecimento de princípios de solidariedade, de hierarquia, com a legitimidade de líderes que devem buscar mediar os interesses dos trabalhadores com os diversos segmentos da sociedade civil e do poder público que é o que se observa no tocante a própria organização da Comissão Permanente de Licença para Atividades Ambulantes (COPLAA). Realidade que se destoa em relação aos redeiros e os ambulantes estabelecidos. Se por um lado há uma unidade entre os redeiros, conforme chamarei atenção no próximo capítulo. Por outro esta COPLAA não os representam.

Em novembro de 2014 a Comissão Permanente de Licença para Atividades Ambulantes - COPLAA foi implantada e teve os 28 membros (14 titulares e 14 suplentes) indicados pelas entidades governamentais e não governamentais que a formam, para o início efetivo das atividades e teve como objetivo cadastrar os ambulantes para renovação ou emissão de licença de regular funcionamento, em adequação à Lei. Segundo a presidente da COPLAA, Maria Filomena André, havia em 2014, 179 ambulantes cadastrados.

Um fato que a mim pareceu intrigante é que do montante de cadastrados na COPLAA nenhum deles era trabalhador que investigo nesta pesquisa. Busquei saber da presidente da comissão e ela afirmou o seguinte:

(...)Eu não saberia te responder porque eles não estão cadastrado. Acho que é porque são poucos, né. Eles estão a pouco tempo por aqui e alguns estão pelas outras cidades e não apenas em Cascavel, né. Eu acho que é isso. Ou então eles não interesse mesmo porque claro que devem saber. Eu acho também que pode ser pelo fato deles não serem de Cascavel, eles acham que não precisam(...)E mesmo que o foco tem sido nos vendedores de lanches que estão a mais tempo comercializando em Cascavel (...)Então assim, não saberia mesmo te dizer, mas se eles procurarem a gente vai cadastrar sim.⁹⁰

A ausência do cadastramento desses trabalhadores foi justificada pela COPLAA como sendo um numero inexpressivo de ambulantes e que seu foco não tem sido nesses sujeitos. Parece desconhecer que parte desses trabalhadores residem em Cascavel a quase uma década, construíram família na cidade e que inclusive toda a família comercializa produtos pelas cidades como é o caso da família de Maluco. Perguntei a Maluco porque ele não se cadastrou na COPLAA e ele respondeu o seguinte:

Nem sabia dessa comissão. Sei que estão criando uma associação e que tem uma lei pra ser aprovada sobre os ambulante na prefeitura. Não sei de mais nada. Se eu soubesse eu teria me cadastrado porque eu sou morador daqui a muito tempo, faz quase 10 anos que estou aqui e desde aquele tempo que vendo coisa pela rua e nunca soube disso. Mas , as vezes, parece que eles não sabe que a gente existe, sabe. Tu ver por ai que tem mei mundo de gente vendendo na rua como eu e eles acham que a gente não existe. So na hora da fiscalização ai eles

⁹⁰ Maluco.Op.Cit.

veem pedir nota das compra e endereço da gente. Mas eles não veem a gente não. Dessa lei mermo que ta rolando na prefeitura em não sei de nada. Por uma parte eu acho até bom(...) agente não precisa ta metido nessas coisa tudo.⁹¹

Tanto pela COPLAA como pelo trabalhador Maluco, há um desconhecimento das duas partes, a primeira desconhece ou omite a presença desse trabalhador na cidade e o segundo da própria comissão. Existe, me parece, uma invisibilidade no trato com esses trabalhadores específicos e estes “invisíveis” e/ou “desviantes” parecem desenvolver um conhecimento específico que se ganha na própria experiência. Aprende-se na tentativa e no risco o que os gregos chamavam de métis e Michel de Certeau (2009) de “astúcias da inteligência”.

A métis, este saber-fazer envolvido na prática do desvio, estabelece relação com três elementos fundamentais, segundo Certeau (2009): a ocasião, os disfarces e uma paradoxal invisibilidade. Elementos estes que o trabalhador ambulante se debruça cotidianamente na prática de seu trabalho. Em outra passagem da entrevista Maluco relata como é sua mobilidade no centro de Cascavel e faz menção ao caráter da invisibilidade não em relação ao poder público, mas aos transeuntes de uma maneira geral:

Eu to aqui todo dia, na chuva, no frio, no sol. Nunca deixo de vir aqui. To todo dia ate no domingo. Tem dia que a gente vende, tem dia que não, tem dia que as pessoas são legais, tem dia que não e assim eu vou vivendo. (...) Já teve um dia de domingo que eu tava aqui vendendo passou uma senhora eu ofereci a mercadoria e ela disse que não era pra eu ta aqui, tem dia que passa gente e nem me ver, faz de conta que não ver. É como se eu não existisse, mas eu já me acostumei(...) Se você perguntar as menino tudim ai eles vão dizer essa merma coisa. Tem gente que faz de conta que a gente não existe. Mas vai fazer o quê, né. Tamo aqui (...) faz parte do trabalho(...) a gente vai aprendendo(...) é muito tempo de labuta(...)⁹²

No trabalho desses sujeitos, o movimento é a ferramenta que conecta esses três elementos. É o movimento uma vez que esses trabalhadores não estabelecem pontos na cidade que faz surgir as oportunidades (clientes, objetos de valor, passagens proveitosa, pequenos ganhos, relações afetivas),

⁹¹ Ibidem.

⁹² Ibidem.

assim como é ele que contribui muitas vezes para a dissolução do próprio, geralmente associado, na lógica sedentária, à fixação.

Além disso, a realização desse movimento de forma lenta e no espaço “desviante” produz uma ação perdida em outro tempo e em um espaço intermediário de definições imprecisas, que faz parte apenas do sujeito em questão, conquistando aí sua invisibilidade.

A configuração de um espaço próprio, mesmo que em condições ilegais ou semilegais ou marginais como a dos vendedores ambulantes tem implicações mais complexas na cadeia institucional- mercadológica. Adentra-se no campo da lei, do uso e do valor do solo, das regulamentações e normas técnicas como já mencionei e que de maneira geral, exigem um capital inacessível a grande parte da população, o que muitas vezes podem ser inviabilizadas essas práticas pelas vias legais, talvez por isso Maluco goste de sua aparente invisibilidade por parte do poder público e na sua mobilidade pela cidade vão emergindo artimanhas que desviam dos mecanismos de controle com seu saber-fazer que sabe aproveitar as ocasiões, lançar mão de disfarces e quando necessário ganhar certa invisibilidade.

Assim, ao se apropriar dos espaços públicos, a cidade aparece para Maluco como produto apropriado de formas diferentes por seus habitantes, mostrando que é um espaço contraditório, lugar dos conflitos permanentes, renovados, lugar do silêncio e dos gritos: *“o conflito não aparece sempre nem é dito. Evita-se falar dele e torná-lo manifesto. Mas ele está aí, constante, latente, implícito”* (LEFEBVRE, 1991, p.87).



Imagem2: Reprodução do Jornal Central Gazeta de Noticiais. Cascavel-PR. 05 de Maio de 2014

A fotografia acima é relevante no sentido de que pode representar como a cidade aparece para seus moradores, na relação entre Estado e sociedade. Essa relação torna-se fundamental para revelar as mediações estabelecidas e construídas pelos diversos segmentos sociais, que se organizam reivindicando seus direitos. No que diz respeito à participação do poder legislativo de Cascavel, observa-se um conjunto de frentes de intervenção que revelam a sua dinâmica contraditória. Ao mesmo tempo em que assume funções de regulador do comércio de rua, incorporando parte das reivindicações dos trabalhadores, também responde demandas dos lojistas. Os trabalhadores que resistem e lutam para assegurar seu espaço de trabalho, e consequentemente de sobrevivência, enquanto os segmentos dos lojistas reivindicam ações enérgicas para "resolver", fiscalizar, normatizar esta situação considerada como um "grave problema" que afeta diretamente a economia formal da cidade.

Um coisa que parece agravar mais é a falta de oportunidade no mercado formal de trabalho (aquele de carteira assinada e assegurado o direito do trabalhador) é a baixa escolaridade e a reestruturação econômica que resulta

na diminuição e na eliminação de postos de trabalho. Sobre isso o vereador Robertinho Magalhães também mencionou:

(...)Há um problema muito grande dos ambulantes que a falta de tempo pra estudar, por exemplo, eles não tem dia e nem hora pra vender. Alguns nem nunca foram a escola. Fica até difícil conseguir um trabalho de carteira assinada. A gente tem que ver isso e garantir o sustento deles(...)⁹³

A narrativa do vereador indica que a esfera política reconhece a existência destes trabalhadores e as disputas pelos espaços que eles ocupam, ao mesmo tempo que tenta delimitar um espaço de viabilidade de comércio destes ambulantes, reconhece, de certa forma, a condição deles de trabalhador e que estes necessitam sobreviver e porque estes se mantêm nestes espaços e mediante suas condições sociais e econômicas não teriam outras alternativas que se apresentassem a estes sujeitos para que não fossem um vendedor ambulante.

Mas, todavia, isso não implica dizer que estes trabalhadores seriam inseridos e aceitos na cidade de forma tão ajustada. Sobreviver na rua subverte as leis e os padrões formais do mercado na sociedade capitalista, esta apropriação dos espaços públicos pelo trabalhador ambulante altera usos esperados com um contra-uso que é estabelecido por disputas/tensões/resistências pelo direito ao trabalho.

Essas disputas/tensões/resistências voltam à tona no próximo capítulo, só que direcionadas ao direito a moradia e ao viver no bairro.

⁹³ Robertinho.Op.Cit

3.

O BAIRRO DO ALTO ALEGRE REVISITADO:
A MORADIA, O LAR E O VIVER DOS REDEIROS.



Imagen: Rua Cuiabá, Bairro Alto Alegre, Cascavel-PR(Junho-2016)

“O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos opõe, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...] é um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres.[...] O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível...” (CERTEAU, 1996, p.31).

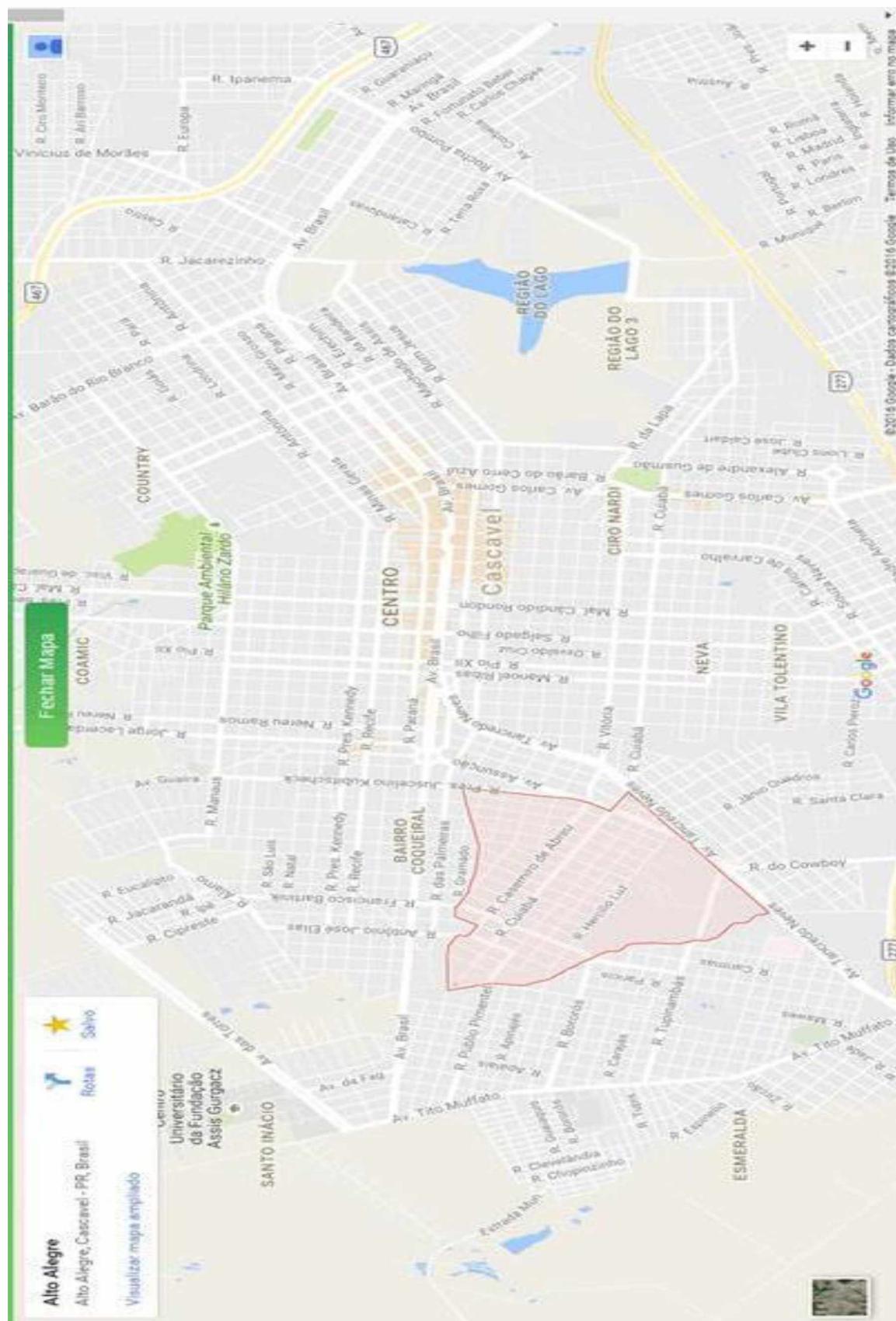
No capítulo anterior discuti o espaço da rua como local de trabalho e neste o do bairro do Alto Alegre como espaço de moradia, do cotidiano e do viver da cidade de Cascavel, apontando, assim como fiz no anterior, que é um lugar de sociabilidade dos redeiros.

Neste capítulo, como forma de lidar como esses trabalhadores que são os “de fora” e a relação com aquele morador da cidade ou os “de dentro”, elenco uma categoria que para mim parece bastante oportuno para tratar esses trabalhadores – os outsiders⁹⁴.

Pensar os redeiros enquanto outsiders é perceber as condições vida de deste conjunto de trabalhadores que aqui investigo. Há uma consonância, inclusive do ponto de vista da estigmatização que esses moradores sofrem no viver do bairro Alto Alegre de Cascavel, conforme Nobert Elias chamava atenção no seu estudo em Wiston Parva.

Portanto, o objetivo deste capítulo é promover reflexão sobre a possibilidade de tomar o cotidiano como fonte de análise histórica. Neste aspecto, busco a partir de uma reflexão acerca dos locais de moradia e vivência dos trabalhadores ambulantes pensar nas relações que estes trabalhadores estabelecem no lugar que ocupam na cidade nas relações sociais que são vividas no bairro.

⁹⁴ A obra *Estabelecidos e Outsiders* é o resultado de aproximadamente três anos de pesquisa no qual Nobert Elias analisou uma pequena cidade da Inglaterra (Wiston Parva). Nesse local existia uma divisão entre dois grupos: os antigos moradores (estabelecidos) e os recém-chegados (outsiders). Os estabelecidos se classificavam como superiores aos recém-chegados. Os Outsiders passaram a ser estigmatizados, se sentido muitas vezes inferiores e carentes de virtudes humanas. Dessa forma os estabelecidos acabaram excluindo os novos residentes do seu convívio social, com exceção do relacionamento profissional. Todo esse incomodo contra os outsiders era reforçado através de fofocas elogiosas e depreciativas. Através desses apontamentos, Nobert Elias investiga sistematicamente os motivos que levaram um grupo manter a crença de superioridade perante o outro é marginalizado. Na verdade, a exclusão e coesão eram causadas como forma de os estabelecidos preservarem sua identidade e manter o status quo. O autor relata que não se trata exclusivamente de um preconceito de caráter individual, mas principalmente de um preconceito social. Segundo Elias “Um grupo só pode estigmatizar o outro com eficácia quando está bem instaurado em questões de poder dos quais o grupo estigmatizado é excluído”. Como consequência os estabelecidos acabam criando explicações fantasiosas acerca dessa realidade social.



Fonte:Google. Destaque para a localização do bairro Alto Alegre em Cascavel-PR demarcado na cor rosa. Acesso em 27 de outubro de 2016

O bairro do Alto Alegre está localizado na região leste de Cascavel-PR, nele segundo dados do portal do município acessado em outubro de 2016 residem cerca de 10 mil habitantes do total de 300 mil da população da cidade. É um bairro tipicamente residencial. É cortado por uma das principais e antigas avenidas da cidade, a Avenida Tancredo Neves e também é no bairro onde se localizava o antigo aeroporto da cidade e onde hoje é o Terminal Rodoviário de Passageiros Dra. Helenise Pereira Tolentino, um terminal municipal de passageiros, o chamado Terminal Leste e dois grandes supermercados de uma rede local.

Em busca do cotidiano a fim de entender melhor o cotidiano em que viviam esses redeiros, fui até o local de moradia destes. Na manhã do dia 09 de março de 2014, um domingo chuvoso fui ao bairro do Alto Alegre em Cascavel onde residem o conjunto de trabalhadores desta pesquisa. No dia anterior já tinha conversado com Maluco, que me convidou para jogar um truco com ele e seus conterrâneos em sua residência.

Peguei um ônibus no centro e desci no terminal de ônibus que fica ao lado da rodoviária de Cascavel situada no mesmo bairro que Maluco e os demais trabalhadores nordestinos residiam. Ao descer do ônibus, caminhei à rua Érico Veríssimo, uma rua paralela a Avenida Assunção onde fica a rodoviária da cidade. Ao chegar na rua me deparei com um dos outsiders do bairro empurrando uma carroça com mercadorias que ele comercializa.



Fig.4: Fonte: Emeson Tavares da Silva. Trabalhador ambulante. 2014

Tratava-se de Alexandre de Assis Sobrinho. Me aproximei e perguntei se ele trabalhava também aos domingos.

Nada. Eita aí é demais, né? Dia de domingo pelo menos a gente para. Fui pegar essas coisas ali na casa de um parceiro e tô levando pra casa. Ontem trabalhei até tarde e fiquei lá na casa dos meninos(...)⁹⁵

O domingo para esse trabalhador parece ser o dia do lazer, o dia de socializar com os demais conterrâneos, mas não desenvolvendo atividades laborais e sim de diversão. Neste sentido, embora não tenha atividades limitadas ou reguladas por horários fixo de trabalho, percebo que estes seguem uma rotina semanal onde são previstos dias de trabalho e dias de folga, semelhante ao horário comercial que é imposto pela própria lógica do capitalismo conforme já mencionei no capítulo anterior. Entretanto, como

⁹⁵ Alexandre .Op.Cit

também já mencionei, o horário destes trabalhadores é flexível, sendo que a jornada depende do fluxo de compradores e movimento nas ruas.

Assim, Alexandre ao falar sobre as atividades realizadas por ele e os companheiros nos dias de domingo, me explicou que:

Dia de domingo a gente se diverte, né. É dia da gente se reunir, tomar “uma” e jogar carta. É dia da gente tá junto. É o melhor dia da semana. É dia da gente namorar, é dia da gente conhecer os outros vizinhos. É dia pra tudo. Agora mermo vou deixar essas coisas em casa e vou jogar com os menino.⁹⁶

O cotidiano desses trabalhadores moradores do bairro do Alto Alegre se apresenta um tanto quanto pitoresco. Como Prost (1992) observou, são sorrisos, saudações, cumprimentos que fazem dos bairros verdadeiros palcos de reconhecimento, de ser conhecido e reconhecido, apreciado e estimado. Com isso, não pretendo fazer uma análise funcionalista durkheimiana⁹⁷, separando rua como espaço de trabalho, como abordei no capítulo anterior, e casa como local de lazer e família. Entretanto, acentuo que é no local de moradia e no bairro que estes trabalhadores se colocam na condição de moradores do bairro, não apenas como trabalhadores ambulantes, como averiguei anteriormente.

É na sociabilidade construída cotidianamente que os diversos atores sociais vivem e convivem com seus iguais, participando de várias atividades em conjunto; principalmente quando estas atividades estão voltadas para o lazer. Como afirmou Alexandre é aos domingos que estes trabalhadores se reúnem para realizar atividades lúdicas como trabalharei adiante, interagindo-se a rotina dos moradores do bairro realizadas tanto pelos estabelecidos, quanto pelos redeiros.

Acompanho Alexandre até sua casa. Ele mora em um prédio de quitinetes. Além de Alexandre outros trabalhadores outsiders vivem no mesmo

⁹⁶ Ibidem.

⁹⁷ O método funcionalista de análise da sociedade proposto por Emile Durkheim, trás como referência à visão da sociedade como um organismo, ou seja, "semelhante a um organismo vivo, um todo integrado, onde cada parte desempenha uma função necessária ao equilíbrio do todo". O corpo e suas características passam a ser visto como um modelo para a sociedade, a harmonia de suas diversas funções passa a ser um "espelho" para o conhecimento da sociedade capitalista, que "como um corpo biológico, precisa ser bem observado, para em seguida, conhecer-te sua anatomia e aí descobrir as causas e as curas de suas doenças".

prédio. Averiguei que das oito quitinetes do prédio, sete são ocupados pelos trabalhadores nordestinos.

Alexandre me convidou a entrar na sua casa. Deixou suas mercadorias e foi conversar com um dos colegas que encontrou no quintal. A conversa trata-se de um jogo de cartas que costumeiramente eles realizam. Enquanto os trabalhadores se organizavam para realizar o jogo de cartas, fiquei conversando com Alexandre sobre sua mudança e rotina na cidade de Cascavel. Sobre local de moradia e tempo de estadia na cidade ele explicou que:

Rapaz, eu tô por aqui já tem quase 3 anos e desde que vim moro aqui. Aqui é o local onde a gente se abriga. Onde todo mundo se conhece e todo mundo se ajuda. É mais fácil quando estamos juntos no mermo canto. Aqui mora eu, ali mora Neguim, ali mora Pedim. A gente tudo moramo aqui. Qualquer problema a gente resolve por aqui mermo. (...)⁹⁸

Como puder observar, ao deslocar-se para Cascavel, Alexandre se acomodou em um espaço que anteriormente já era ocupado por outros trabalhadores, que na mesma situação social haviam se instalado neste bairro. Percebo que ao se referir ao local de moradia, Alexandre remete-se a uma condição compartilhada pelos outros redeiros. Mediante as mazelas e possíveis situações de conflito e problemas estes se ajudam e reafirmam como grupo, dando auxílio e assistência aos que ali já estão instalados, ou ainda, aos trabalhadores que chegam de tempos em tempos.

Situação como a que o próprio Alexandre me narrou:

(...)Teve um dia mermo que um dos menino foi ameaçado por um cara ai (...) nem lembro mai quem era. Deu policia, deu o maior muído. Porque disseru que o menino aqui tava dando em cima do mulher do cara lá. Ai teve briga e a gente teve que ir separar. Depois teve policia, teve delegacia e a gente fumo lá servir de testemunha. Fumo ajudar um aos outro(...)⁹⁹

Além disso, observei que embora o morador esteja há algum tempo no mesmo bairro, todos estes trabalhadores têm com espaço de moradia e de vivencia familiar nas cidades de origem. Assim, as quitinetes reúnem condições

⁹⁸ Ibidem

⁹⁹ Ibidem

de sobrevivência no período em que estes trabalham na cidade de Cascavel. Por isso, o local de moradia mesmo que temporário acaba por reproduzir novas relações de sociabilidade mediante as novas condições de trabalho e uma identidade de classe para estes trabalhadores.

A sentença do “todo mundo se ajuda” parece definidora dos laços de sociabilidades que ocorre em um bairro e ou neste caso entre os trabalhadores que moram nas quitinetes.

Ainda sobre isso, Emanuel outro trabalhador que estava no local para o jogo de carta, me relatou que jogar cartas no dia de domingo era quase uma obrigação entre os moradores das quitinetes. Ele explicou que:

Todo domingo que chova ou faça sol a gente se junta pra jogar truco. É a nossa diversão. Só a gente mermo daqui, sabe. A gente se junta ou cinco ou seis e fica aqui jogando. A hora vai passando (...). A gente toma uma cervejinha e depois assiste o jogo na televisão (...). Mas o truco é um hábito da gente mermo. Passamo o dia todo jogando. Até anoitecer.¹⁰⁰

Para estes trabalhadores que estão longe da convivência familiar, o jogo de cartas é um momento de socialização entre iguais. Socialização esta que se estabelece inclusive comigo, na medida em quê, jogamos cartas interagimos e dialogamos sobre as diferentes situações vivenciadas. Todos que estavam no local eram trabalhadores, que viviam longe da família e que estavam morando em Cascavel a algum tempo como trabalhador ambulante. Por não conhecerem outros sujeitos e não integrarem outros grupos, as atividades de lazer, como afirmou Emanuel era realizada entre este pequeno grupo de trabalhadores moradores das quitinetes. Assim, nos tempos livres, se reunião para reproduzir atitudes que fariam no ambiente familiar.

Nesse sentido, a construção da identidade de classe desses trabalhadores pode ser pensada através das relações no ambiente de trabalho, ou seja, a rua e no viver familiar na relação com o bairro, nas crenças e experiências primárias, disposições ligadas à trajetória social destes trabalhadores com seus pares.

Nesta perspectiva, identidade constitui-se a partir de referências em torno de valores, modos de vida social e configurações sócio-culturais. Reforça

¹⁰⁰ Emanuel. Op.Cit.

a realização e constituição de processos, fatos e comunidades, incluindo possibilidades fragmentárias desses trabalhadores no cotidiano.

Parece oportuno fazer menção que enquanto processo histórico, a identidade pode de acordo com Eric Hobsbawm (1997) ser decorrência de uma tradição inventada quando podem representar coesão social como se apresenta no conjunto dos redeiros, legitimar instituições e a pretensão de “socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento” (p.17).

A socialização segundo o trabalhador Emanuel transforma os indivíduos isolados em formas específicas de ser com e para outro.

(...) Como tu pode ver por aí a gente mora tudo junto aqui. Porque a gente é do mermo lugar, falamo do mermo jeito (...). Aqui também é um lugar de apoio (...) da gente tá junto e nos fortalecemo (...) porque tu sabe, né. A gente é de outro lugar e junto a gente fica mais fortalecido.¹⁰¹

Pela fala de Emanuel se pode perceber que os mecanismos centrais do processo de socialização são constituídos pelas relações, pelo viver junto com os seus pares e articulam-se formando a chave para a compreensão da construção das identidades desses trabalhadores. Emanuel, portanto, reafirma a identidade construída por estes trabalhadores pelo processo socialização construído pelas relações e pelo viver junto com seus pares. Isso também foi mencionado na narrativa de Alexandre e também é recorrente na fala de Maluco:

Cara, a gente tudo se conhece (...) sabe o nome de cada. É uma família, né. Os meninos vivem aqui em casa eu vivo na casa deles. Tudo mundo é um mermo pensamento (...) pensando igual pros mesmos objetivos que é trabalhar, vender as coisas da gente (...) mas acho que essa união é porque é da gente mermo que somo da Paraíba. É uma herança da gente (...), do que somo. Não há muita diferença entre a gente mermo. É diferente com os outros daqui da cidade, né¹⁰².

A relação em que Maluco estabelece entre as identidades herdadas, aceitas ou recusadas pelos indivíduos, e as identidades visadas, em

¹⁰¹ ibidem

¹⁰² Maluco. Op.Cit

continuidade às identidades precedentes ou em ruptura com elas, depende dos modos de reconhecimento pelas instituições legítimas e por seus agentes que estão em relação direta com os sujeitos envolvidos. O reconhecimento do outro não depende unicamente do lugar de origem mais ainda, pelas relações sociais e condições de trabalho que são partilhadas por estes homens. Como Maluco explica, eles têm mesmo objetivo – “trabalhar, vender as coisas”. Neste aspecto formam assim uma nova identidade forjada a partir das experiências vividas por estes homens nas ruas e nos outros locais em que realizam o comércio e reproduzem seus laços de sociabilidade

Ainda no que tange a sociabilidade Simmel (2006) situa que ela estaria nas combinações de inúmeras maneiras divergentes de interagir em função de seus interesses. Para o autor:

Toda sociabilidade é um símbolo da vida quando esta surge no fluxo de um jogo prazeroso e fácil. Porém, é justamente um símbolo da vida cuja imagem se modifica até o ponto em que a distância em relação a vida o exige. Da mesma maneira, para não se mostrar vazia e mentirosa, a arte mais livre, fantástica e distante da cópia de qualquer realidade se nutre de uma relação profunda e fiel com a realidade. (SIMMEL, 2006, p. 80)

Nesses termos, a experiência desses trabalhadores no bairro do Alto Alegre, a partir da própria fala de Maluco expressa essa sociabilidade. Simmel situa que para que haja a socialização deve existir o agrupamento dos indivíduos em unidades que irão satisfazer suas necessidades. Assim, a sociabilidade desses trabalhadores, também está presente no espaço de suas moradias que são literalmente agrupadas em pelo menos três lugares específicos do bairro Alto Alegre, como pode ser observado a seguir:



Fig.5: Fachada da Entrada do conjunto de quitinetes. Cascavel-PR. 2014.

A imagem anterior é da entrada do conjunto de quitinetes onde moram pelo menos 30 trabalhadores em sete dos oito quitinetes. Cada quitinete tem 4 cômodos sendo uma sala, uma cozinha, um quarto e um banheiro. Averiguei que cada quitinete é dividida por 3 ou 4 trabalhadores que dormem em colchões no quarto e entre as mercadorias espalhadas pelas quitinetes. Além de dormirem, lavarem as roupas e realizarem suas refeições é nas quitinetes que os trabalhadores guardam as mercadorias que são comercializadas. Os objetos e moveis de uso continuo misturam-se as mercadorias e homens, o que demonstra o carater provisório das moradias. Alexandre falando sobre a escolha de moradia e dos moradores com que divide a quitinete me explicou que:

Aqui comigo agora tá Manuel e Paulino, mas já teve tempo d'eu tá só e tem tempo de ter mais gente. A gente divide tudo com o dono do prédio. Ele já é parceiro da gente e faz um pacote (...). A gente pagamo R\$ 350,00 fora a água e a luz. É um lugar mais em conta que a gente achamo (...). Eu mermo nem sei quem achou aqui (...), sei que quando vim direto pra cá ¹⁰³.

¹⁰³ Ibidem.

O caráter provisório ainda pode ser compreendido pela grande rotatividade de moradores. Na socialização estabelecidas entre os redeiros que estão em Cascavel, e aqueles que periodicamente retornam ou chegam da Paraíba, passa pelo acolhimento nestas moradias onde residem o que já estão instalados. Por isso, por vezes a mesma pode ter mais ou menos moradores. Neste aspecto, o local escolhido por estes trabalhadores refletem as condições econômicas que chegam ao se instalar: frequentemente com pouco dinheiro, buscam locais que permitam se instalar e gastem o mínimo possível para isso.

Emanuel Firmino, conhecido como Manuel, que divide a quitinete com Alexandre, dá uma outra justificativa pela escolha do bairro:

Aqui onde a gente moramo é perto da rodoviária e do terminal de ônibus. Tudo fica mais fácil pra gente, né. Se a gente quer ir ali em Santa Tereza ou em Toledo a gente vamo como muita facilidade porque já estamos bem perto da rodoviaria. E também porque muitos da gente vende por aí mermo na rodoviaria¹⁰⁴.

A escolha do bairro se insere nas trajetórias e percursos realizados por estes trabalhadores em busca de vender seus produtos. Assim, o bairro está entre o centro e a rodoviária, o que facilita o deslocamento de um lugar a outro dependendo do público o que evidencia o caráter itinerante do trabalho ambulante. As mercadorias são carregadas em carroças e expositores portateis, que são empurrados e carregados pelos trabalhadores que se deslocam a pé ou usando transporte coletivo. Por isso a importância de morar em locais estratégicos como o bairro Alto Alegre.

Segundo dados da Companhia de Engenharia de Transporte e Transito (CETTRANS) obtidos no site da mesma, o terminal rodoviário de Cascavel é o segundo maior da região oeste do Paraná, por ele passam mais de 200 mil passageiros por mês. Por esse motivo é utilizado pelo conjunto dos trabalhadores ambulantes como espaço de venda de suas mercadorias.

Além da rodoviária também tem um dos terminais de ônibus municipais da cidade. O Terminal Oeste é o mais utilizado pelos moradores que utilizam o transporte público do município.

¹⁰⁴ Emanuel Firmino. Op.Cit

Existem ainda outros dois locais onde residem esses trabalhadores. Um é onde mora Maluco, sua esposa e seus dois filhos.



Fig.06: Entrada do Prédio onde reside o trabalhador Maluco. Cascavel-PR. 2014

Esse prédio também é localizado na rua Erico Verissimo no bairro do Alto Alegre em Cascavel. É uma parte anexa de uma loja de Atacado de miudezas da cidade. Fica aos fundos da loja que possivelmente foi construído para armazenamentos das mercadorias da loja de atacado, mas que com tempo foram divididas em quitinetes e alugadas para trabalhadores.

Neste local residem cinco famílias, em cinco quitinetes. Uma dessas famílias é de Maluco. Como já mencionei nessa tese, Maluco é um dos poucos desses trabalhadores que construíram família e se fixou em Cascavel. Maluco é o único trabalhador que mora nesse prédio.

Eu moro aqui sozinho, né. Tu ver aí. Os meninos que vendem com a gente moram tudo noutro canto. Eu moro sozinho aqui

com minha esposa (...). Lá nos meninos é muito acanalhado (...). Aqui é mais reservado (...). Tem os vizinho aí, mas ninguém pertuba ninguém não (...). Também porque eu sou casado e não dar pra tá morando com ninguém. Aqui é tudo família (...) É mais tranquilo e organizado (...)¹⁰⁵.

Maluco se coloca em condição diferente dos companheiros de trabalho. Por ser casado e morar com e filhos, mora em outro local, que embora também seja conjunto de quitinetes, é um ambiente ocupado unicamente por famílias. Em condição contrária aos demais Maluco tem uma família estabelecida na cidade, e por isso, necessita morar em um ambiente mais organizado e “de família” no sentido literal da palavra. Diferentes dos outros trabalhadores que tem moradias provisórias onde se amontoam nas pequenas quitinetes.

A expressão “acanalhado” utilizado por Maluco para descrever a moradia de seus conterrâneos demonstra a visão hostil que ele tem. Acanalhado pelo linguajar nordestino é algo bagunçado, desorganizado e sem ordem. Talvez esse “acanalhamento” seja recorrente da própria organização do local onde reside a grande parte dos trabalhadores, conforme já mencionei anteriormente, pelo caráter provisório do trabalho e do morar desses trabalhadores.

Na casa de Maluco reside ele, sua esposa (que também comercializava mercadorias de forma ambulante) e dois filhos, um de 8 anos e outro de 10 anos. Como dos outros trabalhadores a quitinete que ele mora também tem quatro cômodos: uma sala, uma cozinha, um quarto e um banheiro. Embora a moradia de Maluco e sua família seja em certa medida muito parecida com a dos outros trabalhadores, ele faz questão de ressaltar a diferença das condições que vive com a família:

Minha casa é pequena como tu tá vendo, mas é organizadinha. Aqui não falta nada. Olha aqui a geladeira [abre a geladeira e me mostra o interior da mesma]. Não falta nada pros menino e nem pra mulher. Aqui não tem amundiçamento(...) Eu me dou bem com os vizinho e todo mundo me respeita¹⁰⁶.

Embora Maluco partilhe das mesmas condições de trabalho e também more em uma quitinete, o local de moradia não tem um caráter provisório como

¹⁰⁵ Maluco. Op. Cit

¹⁰⁶ Ibidem

os outros trabalhadores. Como ele afirma “na casa tem tudo”. Sua casa embora pequena é organizada e fornece condições de moradia e certo conforto para os filhos. Por ter se casado com uma moradora da região, Maluco estabeleceu relações familiares que o ligam o local, e assim, o permitiu ocupar outros locais e ter outras relações com os moradores do bairro e da cidade.

Mas nem sempre foi assim como Maluco reitera:

Quando eu vim pra cá pra Cascavel eu não morava aqui nesse canto. Aqui eu estou a quase 2 ano. Eu morava ali mais pra baixo, perto do colégio. Lá era ruim visse? Era seboso, nojento. Os vizinho mermo e olhavam diferente pra mim. Tudo pobre, mas tudo metido, sabe? ¹⁰⁷.

Ao se deslocar para Cascavel, Maluco partilhou as mesmas condições transitórias que ainda são experimentadas pela maioria dos trabalhadores ambulantes que se encontram na cidade. Após se casar e ter filhos este trabalhador passou a ter novas experiências e integrar outros locais e grupos sociais já que se casou com uma nativa, mantendo inclusive outras sociabilidades com os parentes e familia da esposa.

A narrativa de Maluco também evidencia que a relação dele com alguns nativos nem sempre foi amistosa. Foi construída também no conflito demonstrando o próprio cotidiano do bairro.

Além desses dois locais de moradia dos trabalhadores, havia um terceiro. Localizado na mesma rua Érico Veríssimo, esse prédio que tem seis quitinetes residem pelo menos mais sete trabalhadores outsiders. Eles ocupam duas quitinetes. A imagem a seguir mostra a entrada desse prédio.

¹⁰⁷ Ibidem



Fi

g.7: Entrada do conjunto de quitinetes. Cascavel-PR. 2014

Gabriel de Souza Silva e Francisco de Assis Macêdo moravam na mesma quitinete. Gabriel tinha 22 anos e Francisco 26 anos quando entrevistados, ambos eram solteiros e estavão em Cascavel somente para realizar o trabalho de vendedor ambulante.

Alias, este era o perfil de pelo menos metade do conjunto de trabalhadores desta pesquisa. Por assim ser, estes trabalhadores partilham as mais variadas situações de moradia. Como narrou Gabriel:

A gente somo novo, não temo luxo. Qualquer coisa tá bom pra gente. O que a gente queremo mermo é ganhar dinheiro, então quanto menos a gente gastar é melhor (...). Não é o melhor lugar, mas é o que dá pra gente pagá (...). Não temo outras opções. É essa aqui e pronto. Eu nem ligo tanto. Já me acostumei e pronto (...)¹⁰⁸.

¹⁰⁸ Gabriel. Op. Cit.

O caráter de insatisfação com a moradia é recorrente na fala de Gabriel, mas é intrigado pelo comodismo de ser a mais acessível para a sua renda. Ser jovem, trabalhador ambulante aparece como justificativa a se sujeitar às condições precárias de moradia. Novamente é perceptível o caráter provisório que é partilhado por estes trabalhadores, que embora tenham objetivos parecidos, acabam por ocorrer estranhamentos e conflitos entre os próprios moradores das quitinetes, como nos explicou Gabriel:

O mais difícil aqui é lidar com as diferenças. É muita gente diferente aqui dentro (...) tem gente daqui mermo, tem a gente que somo da Paraíba e tem esses haitianos. A convivencia aqui não é tão boa não visse? É bem difícil. Já vi gente aí brigando de faca. E olha que aqui é pequeno¹⁰⁹.

A convivência com o preconceito talvez seja o maior desafio de sobrevivência em qualquer que seja o local e mais ainda na condição desses trabalhadores que em muitas das vezes são hostilizados pelos nativos como narra Francisco:

Não é tão bom não. Mas a gente aprende a lidar, né. Faz tempo que tamo por aqui, então aos poucos a gente vai sabendo lidar. Eu mermo já fui chamado de pobre, de doente, de cabeça chata miserável, que a gente tinha que simbora. Essas coisas, sabe. Sempre coisa negativa. Dizem que só mora gente miserave aqui. O problema também é por causa dos haitianos. Não é fácil. É muita bagunça, mas como a gente só tá por aqui mermo a noite ou no final de semana, então da pra ir levando. Mas não é fácil. A gente quase não temo descanso¹¹⁰.

Observa-se que embora seja rechaçado e sofra com preconceito dos nativos, Gabriel reproduz o preconceito em relação aos haitianos que embora também tenham mesma condição social, são vistos como outro grupo, o estrangeiro. Pela sua fala, observa-se que o principal motivo de conflito e reclamação vizinhos condiz a própria condição de classe: os moradores das quitinetes são vistos como pobres, miseráveis formados por trabalhadores vindos da região do Nordeste e do Haiti. São assim, classificados como um grupo que embora não seja homogêneo, vivem em condições semelhantes. Sua fala, desta forma indica para conflitos e disputas que existem entre os

¹⁰⁹ Ibidem.

¹¹⁰ Francisco. Op.Cit

trabalhadores que vivem nestas quitinetes e que muitas vezes, também espaços de trabalho.

Nas falas tanto de Gabriel como de Francisco narraram a presença dos haitianos. Esses imigrantes estavam na cidade para trabalharem em atividades que muitas das vezes há uma escassez de mão-de-obra, como nos frigoríficos e na construção civil, por exemplo. No dia 31 de janeiro de 2012 o Jornal Gazeta do Povo noticiou a seguinte matéria:

Cascavel se torna a casa de 44 haitianos

[...]

*Ontem, 44 haitianos de--sem---barcaram em Cascavel, onde vão trabalhar nas obras do Hospital São Lucas, que pertence à Faculdade Assis Gurgacz (FAG). Eles também vão construir um novo bloco na faculdade. "Há seis meses nós procuramos mão de obra e não conseguimos suprir toda a necessidade. Mas o que pesou muito também foi a questão social", explica o engenheiro responsável pelas obras, Carlos Oya[...]*¹¹¹

Nesta matéria o Jornal noticia um grupo que foi arregimentado por um determinador para cubrir a falta de mão de obra. Entretanto, este não se refere a outras levas de trabalhadores que podem ter chegado a cidade e ocupado outros trabalhos. Neste sentido, embora o jornal tenha noticiado a existência desse grupo, não exclui a possibilidade de que outros trabalhadores haitianos tenham precedido a sua chegada na cidade de Cascavel, inclusive como trabalhadores imigrantes ilegais desempenhando as mais diferentes atividades na cidade.

Os trabalhadores haitianos e nordestinos formam assim um grupo de moradores do Bairro Alto Alegre, que embora tenham origem e experiências diferentes, integram um conjunto de moradores que frequentemente vivem de forma precária e provisória, e por isso, são identificados pelos nativos como pobres e miseráveis.

Ser estranho em um bairro de características próprias é ser intruso e diferente. E se o estranho é olhado com certa hostilidade pelos moradores do bairro, com desconfiança ou receio, aqueles que são diferentes da maioria também são vistos atravessadamente por não conviverem “simpaticamente”

¹¹¹ Jornal Gazeta do Povo. <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/cascavel-se-torna-a-casa-de-44-haitianos-7mm89ruwe0f8lbi21dfu730b2>. Acesso em 14 de setembro de 2016.

com os demais moradores. Diferente do estranho, o morador “antipático” é reconhecido, mas em alguns momentos pode incomodar por ser indiferente e de convívio mais individualizado. Desconhecido, o estranho invade a privacidade de um público (moradores) que preza pelo bom convívio social. Assim também é o “antipático”, todos sabem quem é ele, não por ser estranho, mas por ser impessoal e preferir a individualidade do espaço privado da casa.

Desta feita o Alto Alegre, de certa forma, se torna o privado que é público, ou seja, participar e compartilhar de um estilo de vida comum e cotidiano, em que os moradores reconhecem seus semelhantes, faz do bairro um grande espaço privado, mas que ao mesmo tempo é público por não ser fechado e restrito.

É que o podemos observar na fala de Evelin Moura, solteira, deficiente físico e, reside na rua Cuiabá no bairro desde os anos 1980, quando o bairro não tinha a estrutura que tem hoje:

Esse bairro é bom porque tem muita gente conhecida, a gente conhece vários moradores, é um bairro de gente trabalhadora, honesta, tem os haitianos e esses nordestinos que moram aí que as vezes tem umas baguncinhas (...), furdunço até altas horas. A polícia passa por aí, mas isso tem em todo canto... Se o bairro tem problema, principalmente essas perturbações, é por causa desse pessoal que veio morar aqui, eles são mal educados, não estou dizendo que lá não tenha gente boa, não é isso, mas eu moro aqui há mais de vinte anos e depois deles ficou pior por aqui¹¹².

Evelinn evidencia conflito e disputas existentes entre os moradores nativos, que vivem há mais tempo no bairro e os novos moradores, trabalhadores outsiders nordestinos e haitianos. Do seu ponto de vista da moradora, a violência e aumento da “bagunça” refere-se unicamente a circunstância da mudança de trabalhadores de diferentes origens que passaram a ocupar as quitinetes e casas do bairro, que ela avalia como problema.

Essa questão me fez pensar sobre uma concepção de Bourdieu (1997) em que um indivíduo ou uma coletividade representam particularidades diferenciadoras em si e ao mesmo tempo complementares. Segundo ele, os

¹¹² Entrevista realizada pelo autor. A entrevistada chama-se Evelinn Moura. A gravação foi realizada em 27 de Maio de 2015, na cidade de Cascavel.

espaços relacionais não são constituídos apenas por posições de status e prestígios, mas também se reconfiguram simbolicamente, na medida em que as classes sociais adquirem uma nova posição de acordo com suas ocupações funcionais e práticas habituais. É o que percebi na fala de Evelinn, o bairro é bom porque existem conhecidos, pessoas trabalhadoras e honestas e se há problemas no bairro, não são os nativos, mas os outros, que vindos de fora, atrapalham o bom convívio dos que já estão estabelecidos. Na fala da moradora também se percebe o olhar hierarquizante quando se refere aos habitantes vizinhos, os outros, que talvez não sejam tão diferentes economicamente, são postos sob um olhar estigmatizante, pois se há bagunça no Alto Alegre é porque os trabalhadores de fora que estão tirando o sossego dos moradores.

Evellin ainda generaliza e coloca os trabalhadores nordestinos e os imigrantes haitianos no mesmo barco:

Pra mim é tudo a mesma coisa. São de fora, fazem baderna, são mal educados, moram no mesmo local. Um local que, por sinal, não é cuidado. Eu sei que todos vieram pra trabalhar. Os nordestinos pelo menos vendem suas mercadorias por aí. Uma vez ou outra em até já comprei. Mas os haitianos não, né. É um tipo de trabalho diferente dos moradores daqui. Quem é de Cascavel não vive de baderna ou festinha dia de semana. Se você passar ali na frente onde eles moram qualquer horário ou qualquer dia vão tá lá bebendo cerveja, ouvindo música na maior altura. Quem mora aqui não faz isso (...)¹¹³.

A ideia de trabalho também define a diferença pontuada por Evelinn. Quem é morador nativo vive o trabalho de uma forma diferente do redeiro. Ela cria uma fronteira que marginaliza os de fora na não aceitação destes enquanto moradores da cidade e na estigmatização dos trabalhos e do lazer deles.

Para Evellin esses de fora são responsáveis pela instabilidade e a desordem no bairro, tirando sua situação de conforto que poderia ter na ausência destes. A moradora, na sua situação evidencia isso por ter uma relação de estranhamento com estes. Em outro momento que tem medo desses homens por morar sozinha teme sofrer algo provocado por eles¹¹⁴.

¹¹³ Evelinn.Op.Cit.

¹¹⁴ A entrevistada pediu para que eu não publicasse essa parte da entrevista nos seus detalhes.

Conversei com outro morador nativo da cidade. Luciano Cotiensch Motta, 39 anos. É comerciante e também morador do bairro do Alto Alegre. Perguntei a ele sobre os trabalhadores ambulantes que vivem no bairro:

Esse negócio de tá olhando a vida dos outros, de tá vendo o que fulano tem ou deixa de ter, não é coisa que eu faço não, o que faço é ter as coisas através do meu suor, do meu trabalho e num invejo ninguém não. Se eu tenho as coisas é porque Deus quis que eu tivesse, porque me deu força pra trabalhar e se eu tiver algo a mais na vida dou graças a Deus, se não, tá bom do jeito que tá. E vejo esses homens como trabalhadores, são homens de bem. Eles vêm aqui no meu bar. Estão sempre aqui. O convívio é bom. Todos os dias eles empurrrando suas carroças (...) Trabalhando (...) Não sou como esses daqui, que vivem discriminando.¹¹⁵

Luciano ao falar sobre os trabalhadores ambulantes, também se coloca na condição de trabalhador. Neste sentido, pontua a diferença entre a sua condição de trabalho e dos outros que realizam a atividade a partir do deslocamento continuou e outras condições definidas pelo caráter ambulante. Entretanto, não os enxerga em uma relação de disputa por clientes, já que os trabalhadores ambulantes formam o grupo que frequenta seu pequeno comércio. E, obviamente, o fato desses trabalhadores serem clientes de Luciano permite que ele tenha uma relação diferente e, portanto, avalie também diferente a condição do trabalhador redeiro.

Percebo na fala de Evelinn Moura e na fala de Luciano Contieschi, ou seja, um convívio em que o outro se torna referência para situar sua posição de homem trabalhador. Se no primeiro relato a moradora diz que o problema do aumento da desordem decorre dos moradores outsiders, o segundo argumenta que estes vizinhos são trabalhadores e que os enxergam como “homens de bem”. Assim no primeiro caso, o vizinho se mostra como aquele que pode quebrar o bom convívio social e no segundo, os vizinhos são clientes que alimentam o comércio e gera renda.

Mas a relação com o nativo não acontece apenas de forma conflituosa como a narrativa de Evelinn ou comercial como a narrativa de Luciano, ela ocorre também de uma maneira mais amistosa como me narrou Maluco:

¹¹⁵ Entrevista realizada pelo autor. O entrevistado chama-se Luciano Cotiensch Motta. A gravação foi realizada em 27 de maio de 2015, na cidade de Cascavel-PR

Cara, aqui onde eu moro como te falei é cada um no seu canto, mas tudo mundo se ajuda. Há uma cooperação. Se eu precisar de algo ou alguém precisar também se ajuda. Esses dias merro meu menino mais novo tava doente e aí quem levou pro hospital foi a vizinha porque minha mulher não tava em casa. Por falar nos meus meninos, eles vivem aí junto brincam, jogam bola tudo aí junto. As vezes eu tomo uma junto com o vizinho aqui da frente. É que eu merro não só de tá na casa dos outros. Gosto do meu canto¹¹⁶.

Apesar dos conflitos entre nativos e os “de fora”, observo que também existem alguns momentos de solidariedade, como é evidenciada na fala de Maluco. Na vizinhança podem se firmar sentimentos de amizade, de solidariedade, de lazer. É nos encontros com o vizinho que percebo o jogo de futebol e de dominó dos filhos de Maluco nas calçadas, que percebo jovens e crianças brincando nas praças ou ruas, é na vizinhança que eles trocam conversa e que tomam a cerveja e, assim, se estabelece e a normalidade do cotidiano se torna possível, o que acaba por constituir relações de vizinhança diversas e possibilidades de encontro mais próximos e familiares.

A noção do outro também se entrelaça sob um olhar de conflitos, solidariedades ou afetos que parecem permear o bairro, uma vez que o convívio mútuo pesa para um controle social dos indivíduos que nele habitam, construindo uma rivalidade que hierarquiza, divide, criando fronteiras entre sujeitos, como por exemplo, na relação com os estabelecidos

No contexto brasileiro, os redeiros são especialmente marcados pelo preconceito, na medida em que, ao nordestino, está vinculada uma imagem de que são retirantes, miseráveis e famintos, que inspiram piedade e medo. Como se pode perceber no relato de Evelinn Moura:

Eu não sou preconceituosa, mas acho que poderia ter seus lugares. Vem esse povo de fora pra cá e se fixa aí em qualquer canto. É claro que isso não é certo. É um pessoal diferente, alguns eu acho que até passa fome de tão magros que são. Pode observar (...) dá até pena, mas não dá pra ficar de papo, ajudando um aqui e outro acolá (...). Eu acho que precisa ter um local específico na cidade pra esses nordestinos. Porque aqui no Alto Alegre olha só onde eles moram. Só faz o bairro ficar mais feio. Eu acho (...) ¹¹⁷.

¹¹⁶ Maluco. Op.Cit.

¹¹⁷ Evelinn. Op.Cit.

A fala de Evelinn me dá indícios da forma como este outro é visto por alguns dos nativos, que excluem os outsiders pela sua condição de trabalhadores ambulantes e pobres, bem como por sua origem, “os de fora”. A moradora se incomoda com a presença do outro, mas ainda, com a pobreza que aparenta ter estes trabalhadores. Fator que tornaria o bairro mais feio e menos amistoso em sua concepção. Neste aspecto, o conflito e o incomodo está no fato destes trabalhadores ocuparem moradias que são precárias, do seu ponto de vista, e que o colocam em uma condição inferior aos outros moradores. Embora no início da fala tente se defender afirmando não ser preconceituosa, sua narrativa é permeada por este sentimento de diferenciar e estigmatizar, questão recorrente na narrativa desta moradora do bairro, conforme já foi evidenciado anteriormente.

As relações de vizinhança e os conflitos que assinalo acima apontam para a reflexão de Rosane Prado (1995) que evidencia que os vínculos como o de vizinhança fazem parte de uma sociabilidade mecânica, onde, dificilmente, os indivíduos não se reconheçam como integrantes daquele local e daquela tradição. Neste sentido, se vivencia no bairro é um paraíso porque vários sujeitos se reconhecem, este conhecimento mútuo leva a uma vida “infernal” em virtude de todos controlarem a vida de todos, dificultando, desse modo, o anonimato. Neste caso, a fofoca se torna uma arma bastante eficaz no controle e vigilância dos indivíduos que vivem sob esse jogo relacional. É o que podemos perceber na fala de Francisco de Assis Macedo:

Tem uma coisa que eu não gosto aqui (...) porque as pessoas se acham no direito de invadir a vida de qualquer um da rua. De repente, quando você menos espera, tem um vizinho dentro de sua casa, isso é um incomodo, tira sua privacidade (...). A gente tamo numa cidade grande, não mais numa cidade pequena. Eu quero mesmo é sair daqui e ir para um bairro melhor, mais distante do povo daqui próximo (...). É um bairro que infelizmente (...), é até ruim falar disso, mas criou-se um mito no Alto Alegre que tudo é ruim, e não é um bairro tão feio assim, existem bairros mais precários, mas eu vejo que outras pessoas, de outros bairros, falam que o Alto Alegre é isso, é aquilo, é pobre, é distante (...)¹¹⁸.

A perspectiva de Francisco se contrapõe a fala de Evelinn. Para ele o bairro não é lugar tão ruim, embora marcado pelos conflitos e disputas entre

¹¹⁸ Francisco. Op.Cit

nativos e outsiders. O entrevistado, assinala a vigilância dos moradores do bairro sobre o cotidiano dos outsiders e a disputa pelo próprio bairro, que é alvo de críticas por outros moradores da cidade. Possivelmente vistos com certa hostilidade e desconfiança pelos nativos, os outsiders são alvo de fofoca e controle. Enquanto para Evelinn o bairro é lugar ruim a partir da chegada dos outsiders e imigrantes haitianos, para Francisco, o bairro é lugar bom, sendo que a vigilância e controle dos nativos, é que tornaria seu cotidiano conflituoso.

A fala de Francisco me permite recorrer as reflexões de Prado (1995) e Elias (2002), quando se referem a uma comunidade que se encontra submetida a um controle social amplo, que tradicionalmente é característico de comunidades mais fechadas, como pequenas cidades, vilas ou ruas. Nestas comunidades a fofoca atua como legitimadora de um sutil poder de regulação e vigilância.

Não obstante, percebe-se que a precariedade típica de bairros periféricos, é evidenciada na fala de Francisco a partir de um sentimento de viver em um local que se abastece de vínculos de outros bairros. Assim, o imaginário ou mito, como expressou o narrador, delimita os espaços através de uma situação de hierarquia e ambivalência. Segundo Prado (1995) e Elias (2002), são nestes locais em que proprietários e favelados, trabalhadores e bandidos, pobres e mendigos demarcam fronteiras antagônicas de reconhecimento e diferenciação, imbricadas sob uma construção de uma identidade social complexa e heterogênea.

As distinções entre estas categorias são feitas através da localização geográfica em que se encontram as casas dos moradores, a situação financeira e as obrigações morais.

Como a pobreza no mundo moderno é definida essencialmente pelo critério político e econômico – os pobres são os carentes de riqueza material e de poder – é no plano moral que se estabelece a igualdade e onde os pobres podem mesmo ser “superiores” (SARTI, 1994, p 18).

Neste caso, o nordestino magro, faminto, pobre na concepção da moradora Evelinn, faz parte deste plano moral de diferenciação e identidade social. A ambivalência entre iguais analisada por Sarti não é apenas a

diferenciação ou o estabelecimento de hierarquizações sociais, mas é também uma lógica de oposição e exclusão firmada por uma sociedade capitalista, desvinculada de valores morais e desiguais em sua própria organização.

Sob a ótica de Norbert Elias (1994), a sociedade se estrutura através de um longo processo de interdependências “humano-funcionais” rumo à civilização. Assim, a sociedade como projeto da modernidade tende a elaborar, constantemente e processualmente, novas formas de atitude e *habitus*¹¹⁹ incorporados subjetivamente na relação entre indivíduo e sociedade. Isso parece ficar evidente na fala de Gabriel:

Eu sei que muita gente daqui estranha a gente. Disrespeita, maltrata, tem gente que até humilha por causa da gente ser nordestino (...) Uma vez mesmo aconteceu de uma mulher na rua passar de carro e quase me atropelar. Eu tava na minha carrocinha empurrando e ela passou ligeiro quase me atropelando e ainda fez sinal que era pra eu sair do meio da rua, mas eu nem tava no meio da rua (...). E teve outro caso também com um colega da gente. Ele tava naquele [supermercado] Mufatto daqui do bairro e tinha um homem que é vizinho da gente e perguntou a ele se ele fazia compra lá (...). Como se a gente não pudesse comprar no Mufatto, com aquele jeito preconceituoso que muita gente tem. Nam! Mas eu não me importo não. Eu vivo do mermo jeito. Já me acostumei ¹²⁰.

Embora afirme não se importar, a fala de Gabriel evidencia o incomodo sente com a invisibilidade e o preconceito que estes trabalhadores sofrem cotidianamente. Os casos listados pelo narrador tanto o quase atropelamento, como o estranhamento da presença do trabalhador no supermercado, demonstram como o preconceito é naturalizado por ele. Esta naturalização pode ser compreendida como a forma como ele lida com essa quase invisibilidade, onde distingui o indivíduo Gabriel e a sociedade nativa.

¹¹⁹ Habitus: termo do latim que designa aspecto exterior, aparência. Na concepção de Bourdieu (1997), cada posição de classes está relacionada com uma questão de Habitus (ou de gosto) onde os indivíduos se reconhecem por características comuns e estilos de vida semelhante, em relação a estes habitus e aos demais integrantes sociais. Todavia não é apenas a semelhança que o habitus engendra, mas também uma dessemelhança, na medida em que os agentes se diferenciam, optando por características incomuns, estilos de vida diferencial, gostos e costumes específicos àqueles dos sujeitos ou grupos sociais referenciados. Encarnando no corpo e na personalidade dos sujeitos, o habitus reproduz as diversas condições sociais de nossa própria produção. Antes de Bourdieu “conceber” o conceito de habitus, Norbert Elias já havia mencionado, que uma das características fundamentais na elaboração da identidade “Eu – Nós”, seria um tradicional habitus que moldaria a estrutura da personalidade dos indivíduos, a uma identidade nós, possibilitando o surgimento de um sentimento nacional, grupal ou tribal, assim como a manutenção de algumas tradições e estilos de vidas.

¹²⁰ Gabriel. Op.Cit.

Sobre essa perspectiva, Norbert Elias procura dar um basta na discussão entre indivíduos e sociedade como categorias distintas enquanto conhecimento e apreciação de uma realidade pautada sobre a linearidade de um tempo uniforme e constante, em outras palavras, segundo ele, o que existe é uma sociedade de indivíduos, formada através de um processo de interdependência funcional e específico aquele momento histórico, sendo suscetível a modificação.

Nesses termos, no bairro onde Gabriel vive, sua organização e o olhar que é dado para ele enquanto distinto é resultado do próprio tempo, do momento histórico e que, claro, isso pode mudar. Tal premissa é possível perceber na fala do trabalhador José de Arimatea dos Santos, natural de São Bento-PB, é solteiro e tem uma filha que tem 30 anos, e desses 4 são como vendedor ambulante.:

Esse preconceito que o povo sente por a gente é momentâneo. Depois que eles vão conhecendo a gente eles vão mudando. A gente se acostuma e eles também se acostuma com a gente. No primeiro momento acharam que a gente iria destruir aqui a rua. Depois viram que não. Também já faz tanto tempo que tamo por aqui que quem não se acostumou ainda não vão se acostumar mais (...). Mermo aquela pessoa da cidade que ainda não se acostumou e fica com coisinha pra gente (...) a gente nem se importa mais(...). Pra mim mermo não faz diferença (...)¹²¹.

Embora reconheça que após um tempo os conflitos com os nativos tenham diminuído, o narrador, reconhece que o estranhamento da população nativa continua fazendo parte da rotina dos outsiders. Estes conflitos são naturalizados Arimatea, que mediante a persistência do olhar de estranhamento dos moradores do bairro e da cidade, permanece na cidade. A mudança das relações e experiências são outro ponto evidenciado pelo narrador, que percebe que ao longo quatros anos que viveu na cidade a receptividade e interação com moradores foram gradativamente sendo transformadas.

Essa interpretação me faz pensar para as acepções de tempo e história elaboradas por Norbert Elias. O autor defende que nem a história, nem o tempo, nem a sociedade e os indivíduos são categorias estanques e lineares.

¹²¹ Entrevista realizada pelo autor. O entrevistado chama-se José de Arimatea dos Santos. A gravação foi realizada em 30 de Março de 2015, na cidade de Cascavel-PR.

Todos os fenômenos sociais e culturais são marcados por um longo processo de aprendizado e interdependência que levou os seres humanos e, continua a levar, para uma nova forma de saber e evolução social, configurando, a todo o momento, as normas estabelecidas e o conhecimento vigente. Maluco é dos entrevistados que mais rememora essa questão quando diz que:

Eu convivo onde eu quero. Eu converso com quem eu quero, eu ando com quem eu quero, eu vendo a quem eu quiser (...) Eu moro onde eu quiser (...) Eu vou onde eu quero ir. Eu não sou obrigado a ir onde eu não quero (...) E faço o que eu quero também (...)¹²².

Maluco é ousado em sua percepção do cotidiano. Embora perceba os conflitos que pontuam sua realidade como morador do Bairro Alto Alegre, como evidenciei anteriormente, reafirma sua liberdade de transitoriedade na cidade e no bairro. Em alguns momentos, óbvio, ele será levado a agir conforme as convenções e organização da sociedade. Mas não se limita a estas convenções, como em perceptível em sua narrativa. Embora enquanto trabalhadores, tenha seu cotidiano determinado por fatores de cunho econômico social, é na convivência no bairro que ele enfrenta os conflitos e reelabora suas experiências a partir das condições que lhe são dadas.

Na sequência de sua narrativa Maluco ainda faz uma assertiva:

Minha vida não importa aos outros. Não fico de baderna por aí, não gosto de tá de casa em casa. Eu gosto de tá no meu canto(...). 'Boa romaria faz em quem em sua casa tá em paz'.¹²³ Se todo mundo ficar no seu cantinho não tem confusão. Ninguém vai tá falando da vida de ninguém.¹²⁴

Ele reivindica o teor privado de sua moradia. Neste sentido, afasta-se da realidade vivida pelos outros trabalhadores ao fazer opção de ocupar outro local, que não seja pontuado pela precariedade, bagunça e acanalhamento como ele citou anteriormente. Para Maluco os conflitos com os outros moradores do bairro podem ser evitados no momento em que preserva sua privacidade em sua individualidade.

¹²² Maluco. Op.Cit.

¹²³ Dito popular que quer dizer que há momentos em que é melhor ficar no aconchego do seu lar, que foradele exposto aos perigos.

¹²⁴ Maluco. Op.Cit.

Quanto a isso Gilberto Velho, na sua obra *Individualismo e Cultura* define o indivíduo moderno como o sujeito, que busca na individualidade, a concretização dos seus projetos pessoais, optando ou não por caminhos que a sociedade moderna pode oferecer.

E na sociedade moderna cada vez mais cobra-se isso, seja da mulher que se deve tornar independente, do jovem que precisa se autonomizar ou do trabalhador que tem de lutar pelos seus interesses. Ou seja, é preciso definir e descobrir o que se quer. Em outras palavras, o que o indivíduo sujeito moral quer e pretende (VELHO, 1997 p. 44).

O projeto ou as possibilidades que os sujeitos tendem a optar não são característicos de classes sociais mais desfavorecidas, e sim de classes médias, que queiram ou não, possuem algum prestígio no sistema hierárquico brasileiro, seja este familiar, político ou de classe. No caso de Maluco ele é praticamente um nativo, já que mora há mais de 10 anos e construiu sua família na cidade de Cascavel e desta forma. Numa hierarquia ele seria mais nativo que os demais nordestinos da cidade. Ele afastasse da realidade dos outros ao passo que conseguiu se integrar ao bairro. Enquadrando-se nos parâmetros dos moradores nativos, ao ter se estabelecido e se incorporado ao conjunto do bairro. Maluco dessa forma, além de se portar como sujeito único e diferente, também prefere o anonimato e o isolamento em detrimento da exposição pública.

Esse comportamento de Maluco *blasé* a sociedade é contrário ao que José de Arimatea me relata:

Eu quero mais é ser visto. Quem não se é visto não existe. Eu quero que o povo me veja (...) Eu quero que o povo saiba que eu moro aqui. Eu quero mais é que saibam que eu sou de fora mermo. Não tenho problema com isso. Até porque o povo tem que me conhecer pra comprar minhas coisas (...) Eu vivo da rua mermo e aqui onde eu moro não é diferente(...)¹²⁵

Para Arimatea existe a necessidade de sua exposição pública devido a seu trabalho. Talvez a diferença de postura de Arimatea e Maluco seja porque o segundo já obteve um reconhecimento e integração que garante por

¹²⁵ José de Arimatea. Op.Cit.

exemplo, que este tenha seus clientes fixos. Para Arimatea, esse reconhecimento vincula-se ao próprio trabalho. Ser reconhecido e percebido garante que este amplie a esfera de clientes.

Nesse sentido, o bairro, como esfera pública, desempenham um papel ambivalente, na vida dos moradores, em virtude de ser um palco onde os valores, as tradições, a cultura, o lazer são postos sobre um movimento dual e contraditório. Arimatea expressa essa ideia ao me relatar que:

Eu sei que vivo na cidade de Cascavel. Eu sei que trabalho aqui e que moro aqui. Eu sei de algumas obrigações que tenho que seguir aqui. Ninguém precisa tá falando. Eu sei de tudo, mas eu também preciso ser respeitado pelo que eu sou. Pela minha diferença também. Pelo aquilo que eu sou.¹²⁶

O conflito novamente é evidenciado pelo narrador. Embora seja também um morador do bairro, ele reivindica este status de reconhecimento dos outros moradores, que por vezes, o enquadra como estranho ao local. Neste sentido, as diferenças sociais, econômicas e culturais, na perspectiva do narrador, são importantes para auto reconhecimento e a própria consciência em relação ao tratamento diferenciado com que é tratado. É no cotidiano como morador do bairro, mas também como indivíduo que os conflitos ocorrem.

O movimento dual e contraditório expressado na fala do narrador pode ser compreendido a partir da análise de Henri Lefebvre que observa em sua obra “A vida cotidiana no mundo moderno” que dentro de um cotidiano que por não ser percebido, esconde as frustrações e tragédias da vida moderna e da rotina do dia-dia.

A cotidianidade do “íntimo” escondido no coração do cotidiano se identifica com a rápida e fugaz recuperação dos dias, semanas, meses que passaram após a fadiga. Para todos o sentido da vida é a vida desprovida de sentido; realizar-se é ter uma vida sem história, a cotidianidade perfeita. Mas é também não vê-la e fugir dela assim que for possível (LEFEBVRE, 1998, p. 133).

Segundo Lefebvre, a vida cotidiana não possui nada de ingênua e se o cotidiano traz o lazer e os momentos descontraídos também é permeado pelo conflito como o que apontou o trabalhador Arimatea, tem consciência da

¹²⁶ Ibidem.

diferença e de seus compromissos. Assim é a vida cotidiana que precisa ter sentidos concretos, histórias para que seja satisfatória. Na fala do Arimateia o sentido é expresso pela necessidade de seu reconhecimento enquanto morador/trabalhador.

Lefebvre vai diferenciar os conceitos de cotidiano e cotidianidade como sendo o segundo (cotidianidade) o prisma para a elaboração do primeiro (cotidiano). Segundo ele, cotidianidade é um conceito que busca compreender as transformações do cotidiano através de uma filosofia irrealizável, de um não filosófico, daí a superação do conceito cotidianidade, pois a cotidianidade é tudo que verdadeiramente vivemos e não percebemos na vida cotidiana insignificante e fugaz. Para Lefebvre a cotidianidade é “À alienação filosófica, verdade sem realidade, corresponde ainda e sempre a alienação cotidiana, realidade sem verdade” (LEFEBVRE, 1998, p. 20). A visão do autor sobre o cotidiano não é apenas de um pessimismo, entretanto, todos parecem se perder na atrocidade da vida desprovida de sentido.

No conjunto das narrativas de meus entrevistados evidenciam que a falta de sentido é o sentido da busca do vivido, das possibilidades e impossibilidades que surgem momentaneamente, dos projetos de vida que podem ou não serem realizados, das paixões, das frustrações e anseios, alegrias e tristezas que estes trabalhadores apenas na ambiguidade do cotidiano, que vivem e fazem no e com o bairro Alto Alegre.

Percebo que o cotidiano no bairro desses trabalhadores é vivido de forma ambivalente e contraditória: se o no bairro mantém uma forma peculiar de sociabilidade que propicia o encontro mais estimado com o outro, fazendo do seu vizinho conterrâneo uma fonte de segurança, mas também de receios ou tensões com os nativos, o que torna esse convívio ambíguo.

Neste sentido e retomando a epígrafe que abre esse capítulo falar do cotidiano é falar de relações que se constroem nas tramas do dia a dia e se materializam enquanto instrumento de identidade deste grupo de trabalhadores. Mais do que ressaltar os fazeres que marcam as dinâmicas pessoais e coletivas do dia a dia, como a rotina e andanças, o cotidiano me aponta para uma perspectiva de reflexão sobre as concepções que emergem dessas rotinas, onde novos pontos de vista se abrem e novos conhecimentos históricos puderam ser produzidos.

Me inspirando no pensamento de Certeau (1996) e Lefebvre (1998 e 2004) não quero aqui assumir uma postura pós-moderna, mas o que me deparei, no convívio com esses trabalhadores que são meus conterrâneos e nos aspectos fugazes da vida no cotidiano, foram expectativas e buscas de um sentido que se não for abstrato (viver, reconhecer, projetar, individualizar, de ser, amar, etc.) pode ser concreto (consumir, vender, produzir, etc.) ou real (explorar, hierarquizar, estigmatizar, etc.).

Estas expectativas abordarei com maior atenção no próximo capítulo onde tratarei sobre o sentido e o significado do retorno destes trabalhadores a sua terra natal.

4.

AS TRAJETÓRIAS DOS REGRESSOS:
OS RETORNADOS, AS MOVIMENTAÇÕES E O TRABALHO EM SÃO
BENTO-PB



Imagen: Chegada de um redeiro em São Bento. Foto gentilmente cedida por um dos entrevistados. (Abril-2015)

O migrante (...), ao retornar. Já não é o mesmo(...). O que encontra, quando retorna, já não é aquilo que deixou. Ele nem mesmo se reencontra porque já é outro procurando ser o mesmo. Já não pode ver o mundo da mesma maneira que via antes (MARTINS, 1988, p.45).

Considerando tanto a dinâmica dos espaços em termos de sociabilidades como a dinâmica da vida, é importante pensar que o retornar precisa ser pensado na perspectiva das movimentações sociais da prática do trabalho desenvolvida pelos próprios trabalhadores. Isto não significa que ela não possa ser estudada como um momento ou uma variedade desta multiplicidade de movimentos.

Embora o conjunto de trabalhadores aqui investigados tenha uma vida marcada pelo permanente movimento, há sempre uma localidade que representa a referência de fixação como é evidenciado na fala de Emanuel Firmino que afirmou que “*a gente roda, roda, roda (...) mais sempre vamo se lembrar do lugar da gente. Não tem jeito. Vamo se lembrar sempre. Quando falamo com alguém de lá. Quando tamo trabalhando mermo. Sempre vamo se lembrar*”¹²⁷. Na fala de Seu Antônio: “*Mesmo quando eu estava fora eu não esqueci de São Bento. Aqui foi onde a gente nasceu e se criou. Não tem como se esquecer(...)*”¹²⁸ e na de Paulino de Souza: “*(...) A gente só viaja porque é uma necessidade. Mas estou aqui[Cascavel] e estou lá[São Bento]. As vezes meu corpo tá aqui e minha cabeça tá lá (...)*”¹²⁹.

Deste modo, essas movimentações são constituintes de seu próprio fazer-se, ou seja, da própria construção identitária destes trabalhadores (THOMPSON, 1978). O que quero dizer é, me parece que esses trabalhadores constituem-se nas tensões e ambiguidades no espaço da moradia e do trabalho como destaquei nos capítulos 2 e 3 dessa tese. Nesse sentido, não se trata de verificar as opções por ficar ou sair, por uma condição de trabalho ou outra, por um lugar ou outro, mas de compreender como os indivíduos tratam subjetivamente essas possibilidades objetivas de trabalho e vida. A condição de mobilidade não expressa, portanto, desenraizamento, desagregação familiar, mas, antes, uma permanente recomposição e ressignificação de suas redes de relações sociais como reiterou Paulino de Souza:

O mais interessante é que a gente tá por aqui e tá lá, mas também pode não tá em nenhum desses lugar. A gente muda, né não? Porque é como se aprendesse outra coisa. A gente nem

¹²⁷ Emanuel. Op.Cit.

¹²⁸ Seu Antonio. Op.Cit.

¹²⁹ Paulino. Op.Cit.

é daqui e nem é de lá ou é dos dois canto. Passo mais tempo viajando do que aqui ou lá (...). Quando tô aqui eu vivo isso aqui e quando eu tô lá eu volto a ser o de lá (...). O de lá que eu digo é com aquele jeito do povo de lá, como os costume, entendesse? ¹³⁰

O lá e cá ou o aqui da fala de Paulino expressam o caráter da movimentação que esse trabalhador vivencia em sua rotina justamente porque a mobilidade de seu trabalho possibilita esse caráter de não fixação em um local.

Rosana Baeninger na obra “Fases e faces da migração em São Paulo”, explica que durante a fase do chamado milagre econômico brasileiro¹³¹, no período de 1968 a 1973, a economia nacional vivenciou um período de crise e as possibilidades de fixação nas cidades diminuíram em relação às décadas anteriores. Assim, até finais da década de 1960, os movimentos migratórios no Brasil se caracterizavam por lugares de origens e destino mais definidos e precisos. A partir da década de 70, começou a ter maior visibilidade à ocorrência das migrações sem um destino pronto e acabado como essas que, o conjunto de trabalhadores que investigo, praticam. As trajetórias itinerantes desses trabalhadores tornam-se indefinidas no contexto do próprio fazer-se do trabalho. O que redefine os conceitos de origem e destino ou cá e o lá, narrado por Paulino.

Esse cá e lá também é evidenciado ainda na fala de Geraldo Domingos da Silva, morador de São Bento, ex-trabalhador ambulante e, por sua vez, ex-migrante. Geraldo tinha a época da entrevista 52 anos, casado e pai de 4 filhos, todos moram na cidade paraibana. Ao falar sobre o período em que era trabalhador ambulante explica que:

Tu tá pensando que a gente ia pra lá pra quê? Eu ia por causa do trabalho mermo. Porque eu precisava. O povo tem isso de dizer que a gente é desbravador (...) é isso, é aquilo (...). Trabalhava assim por necessidade. (...) Isso naquele tempo(...) já faz um tempinho que eu

¹³⁰ Ibidem.

¹³¹ No período entre 1969 e 1973, o crescimento econômico no Brasil alcançou níveis excepcionais, e por isso ficou conhecido como “Milagre Econômico”

deixei esse tipo de trabalho. Hoje vendo por aqui mermo nessa lojinha que tenho (...). Aqui é bem melhor do que lá naqueles tempo.¹³²

Verifica-se que é a necessidade que fez esse trabalhador migrar (ir para lá) e também é esta necessidade que faz ele retornar (vir para cá). O cá e lá aparecem como situação inerente a condição deste trabalho e o cá, inclusive, a origem é vista por Geraldo como melhor.

Comumente, o lá e o cá, os lugares de origem e destino se combinam e se alternam durante a vida do trabalhador. A esse respeito, Geraldo comenta que: “A vida de um vendedor nessas condições, é até trinta e cinco anos, passou disso ele não aguenta mais. A gente tem que aproveitar até os trinta e cinco, passou disso já vai ficando difícil. A gente não ganha mais nada”¹³³. Geraldo, ao falar das perspectivas quanto ao futuro e presente, indica a inconstância do próprio trabalho vivida por esta categoria de trabalhadores. Com o avanço da idade e a necessidade de constante deslocamento, são colocadas as dificuldades do ir e vir, e a diminuição da produtividade.

Geraldo refere-se ao trabalho de vendas ambulante. As viagens de ida e volta, os transtornos e humilhações que muito desses trabalhadores sofrem no estranhamento com os nativos. As horas de trabalhos que não são limitadas e que nas palavras dele “a gente não tem hora pra para quando começa a vender”¹³⁴. Os movimentos repetidos nas atividades e mesmo o peso de carregar as mercadorias que podem ser variadas como cintos, carteiras, redes, panelas entre outros provocam degradação em seus corpos, com visível diminuição do tempo de vida ativa.

Ao falar destas dificuldades, Geraldo explicou quê:

Tem muita coisa que a gente passa quando se aventura a vender no mei do mundo. É bem dizer uma aventura mermo. É um sufoco. A começar por sair de casa. Fica aquele xororô. Aí tem a viagem. As vezes a gente já fumo de carona, dentro de caminhão, levando troço, até passando fome (...). Aí chega lá é tudo diferente, as vezes a gente não se adapta. La faz frio, aqui não. O povo lá também é diferente, né. (...) As vezes não querem comprar, trata a gente mal (...). Agora talvez esteja melhor, mas a uns cinco, dez anos era mais pior. Então não é

¹³² Entrevista realizada pelo autor. O entrevistado se chama Geraldo Domingos da Silva. A gravação foi realizada em 11 de outubro de 2015, na cidade de São Bento-PB.

¹³³ Geraldo. Op.Cit

¹³⁴ Ibidem

tão bom, né. É um negócio pra ser passageiro porque a gente não aguentamo direto¹³⁵.

As condições de transporte da mercadoria e a viagem, a má receptividade e a inconstância do lucro, são pontuadas como elementos que podem ocasionar a desistência do trabalho de ambulante. Quando estes trabalhadores não conseguem se firmar dentro do comércio, ou mesmo não se adapta as condições de trabalho e ao próprio trabalho que exige alguma desenvoltura para vendas. As diferenças culturais e ambientais entre o lá e o cá é outro fator ressaltado por Geraldo. Oriundo de São Bento, cidade do sertão paraibano e, portanto de temperaturas quente, ao chegar ao sul, deparam-se com um clima mais frio e com costumes que muitas vezes se dissociam dos que estão acostumados como culinária, o trato com as pessoas, a vestimenta, etc. O choque de costumes aliado às más condições de trabalho neste aspecto pode ser uma das causas do frequente retorno destes trabalhadores que de quando em quando retornam aos seus locais de origem.

Assim, perguntei a Geraldo Domingos, que alternativas de sobrevivência teriam os trabalhadores que retornam definitivamente para a terra natal. Ao me responder, ele apontou o comércio na cidade como alternativa e continuar fazendo a mesma coisa. Para Geraldo, o trabalho fora deve ser projetado para além do sustento da família, para comprar terra, casa, moto, loja dentre outras possibilidades. Segundo ele,

Eles têm que juntar o que ganhou lá fora. Porque aqui não tem muita opção e quando voltarem terem como se manterem aqui(...) abrindo seu próprio negócio (...). Tendo condição de comprar e fazer as próprias mercadorias pra viverem¹³⁶.

Portanto, Geraldo justifica o trabalho do redeiro com um trabalho temporário e como uma necessidade de arrecadar fundos para abrir seu próprio negócio em sua terra natal e, assim garantir um futuro melhor. Apesar dos pontos negativos que ele mesmo ressaltou, migrar tem esta finalidade.

Neste momento a migração não significa uma ida sem volta, mas no contexto aqui exposto, vem marcar o início de várias idas e vindas, um deslocamento para o trabalho, uma movimentação social que num constante

¹³⁵ ibidem

¹³⁶ Ibidem.

transitar de experiências demarcam e ampliam os horizontes de vida desses migrantes. Penso que além de proporcionar uma nova definição diante da comunidade de origem, a qual nunca deixarão de pertencer, e que estará sempre presente no seu cotidiano através das relações sociabilidade, constituídas a partir de relações baseadas no parentesco, amizade e conterraneidade como já destaquei em capítulos anteriores pelas narrativas desses trabalhadores.

Estas narrativas evidenciam um entrelaçamento de fatores que motivam o retorno à terra natal, sendo uma das características que definem o tipo de migração em estudo. A migração de retorno como aponta a narrativa de Geraldo fundamenta-se na ideia de um ponto de origem e um de retorno. Porém, o próprio trabalhador não identifica sua volta enquanto retorno. O migrante não abandona a origem para se integrar no destino, ao contrário, a migração representa um ponto de contato permanente entre um e outro local (SILVA, s/d, p.6). Ou seja, a relação estabelecida com o local de destino é demarcado pela sua origem. É esta origem, inclusive, como já mencionei no capítulo anterior que é acentuada na prática cotidiana desses trabalhadores: na sua identidade enquanto vendedor ambulante de mercadorias provenientes de suas cidades natais.

Nas narrativas dos entrevistados, percebi que a diminuição das possibilidades de sobrevivência em São Bento, devido às poucas oportunidades de trabalho e manutenção no local de origem, fez com que esses homens passassem a depender cada vez mais do trabalho temporário em outras regiões do país, como pontuei no primeiro capítulo desta tese. Ao comentar sobre a saída destes trabalhadores, em particular vendedores de redes e outros artesanatos na cidade de São Bento, apontados como a maioria dos migrantes da região, Maria Cristina, irmã de Geraldo, 32 anos, moradora de São Bento, dona de casa, casada e mãe de duas meninas diz: “É difícil manter esses trabalhadores na terra aqui em São Bento, porque eles já pegaram uma ansiedade tão grande em viajar, que não tem jeito, embora ele tenha meio de sobreviver aqui”¹³⁷.

¹³⁷ Entrevista realizada pelo autor. A entrevistada se chama Maria Cristina da Silva. A gravação foi realizada em 11 de outubro de 2015, na cidade de São Bento-PB

Diante do exposto, perguntei a Maria Cristina quais seriam as possibilidades de sobrevivência na cidade de São Bento. A entrevistada respondeu de forma categórica:

O comércio aqui. É abrir um negócio e viver dele. Antigamente isso era mais difícil porque não tinha oportunidade nenhuma. Hoje em dia tem. É só ajuntar um dinheiro e vir pra cá. E tem outras coisas também. Se não abrir um negócio aqui já tem onde trabalhar. Vai fazendo a vida por aqui mermo. Faz uma coisa aqui e outra acolá e vai dando. É melhor do que tá no mundo (...). O problema é que o povo acostumou em ir embora e não ver a hora de ir simbora.¹³⁸

Apesar de existirem outras formas de trabalho, o trabalho ambulante, parece ser ainda a atividade que oferece maiores expectativas de guardar algum dinheiro para se reinvestir na própria cidade. Fato que demonstra o próprio caráter transitório deste trabalho. Neste aspecto, Maria Cristina parte de duas realidades, uma anterior quando não existia uma possibilidade de se manter no local por falta de trabalho, e a atual, onde começa a existir outras possibilidades. Entretanto, a mesma assinala que uma das alternativas é a integração no mercado local a partir de condições obtidas pelo próprio trabalho ambulante. A migração ocorrida pelo trabalho ambulante neste sentido, surge nesta fala como elemento da cultura local, iniciada em tempos de grande dificuldade econômica, e que hoje, continua como prática entre aqueles que têm expectativas de melhorar os rendimentos ou mesmo abrir negócio próprio.

Ao mesmo tempo que Maria Cristina, indica que existe possibilidade de se manter na terra natal, reconhece a inconstância do trabalho que atualmente existe. Como ela relatou, aos trabalhadores que fazem opção de ficar existe trabalho aqui e acolá. Entretanto, a melhor alternativa continua sendo o trabalho ambulante, que poderia fornecer subsídios para a inserção no mercado interno a partir do dinheiro acumulado com a venda em outras regiões.

Nas duas circunstâncias em que fui ao encontro de Geraldo Domingos, em sua casa, procurei observar suas condições materiais. A construção da casa era recente, ele não migra e não trabalha como ambulante desde o início dos anos 2000. Em seu discurso sobre o trabalho fora, predomina a concepção de aproveitamento do tempo para o acúmulo de bens. No entanto, ele

¹³⁸ Ibidem.

comentou vagamente que, mesmo passados de uma década de trabalhador ambulante no Paraná, ele só fez duas viagens com um pequeno proveito financeiro. Perguntei, então, como ele construiu a casa onde mora com a família e ele me respondeu que seus filhos a construíram com o dinheiro obtido com o trabalho de ambulante no Sul.

A casa construída de alvenaria com uma arquitetura diferente e de primeiro andar destaca-se das outras existentes na mesma rua onde ainda existem casas feitas de pau-a-pique. A garagem da casa abrigava um carro popular e três motos à espera de seus donos, cada uma pertencente a um filho.

Segundo ele:

Eles têm uns contatos lá e vão por conta própria. [...]. Meus filhos estão viajando, trabalhando lá no sul, vendendo as coisas, dois no Paraná e um no Mato Grosso do Sul. Estou sozinho agora. Agora eu fico trabalhando por aqui e eles lá. No começo do ano eles voltam ficam por aqui um tempo e depois voltam de novo. Eles ligaram ontem, eles estão bem (...) ¹³⁹.

Pode até aparecer um tipo de trabalho sazonal que os redeiros realizam. Mas essas trajetórias são mais do que idas e vindas como tenho evidenciado nesta tese. A entrevista com Geraldo foi realizada em 2015, ele e seus filhos só retornariam para São Bento no início de 2016.

Geraldo continuava trabalhando como comerciante. Ele e sua esposa tinham uma loja na cidade onde vendiam os mesmos produtos que ele comercializava quando era ambulante. O trabalho de seus filhos no Paraná e no Mato Grosso do Sul ajudava a sustentar e manter a casa, já que parte dos ganhos os filhos enviariam em espécie ao pai.

Geraldo foi trabalhador rural antes de trabalhar no comércio ambulante e ter ido para na cidade de Cascavel. Ao se referir aos demais moradores que migraram da cidade, comenta que: “*todo mundo aqui é dono de seu negócio. Ninguém é mandado por ninguém*”¹⁴⁰. Geraldo evidencia que aqueles que retornaram do comércio, assim como ele, conseguiram ter seu próprio negócio.

Conta também que, quando ainda criança e adolescente, ele viveu sob condição de morada com seus pais e irmãos na zona rural do município. Nesta

¹³⁹ Geraldo. Op.Cit.

¹⁴⁰ Ibidem.

época sua família vivia como trabalhador braçal e de aluguel como ele nos explicou:

Quando eu era menino eu morava com meus pais na Fazenda de Seu Ninão (...) dá quase uns 20km daqui. Lá a gente viveu no trabalho na roça (...) arrancando toco, limpando mato (...). A casa que a gente morava não era da gente. Só tinha aquilo pra viver e ainda ficava devendo favor ao dono. Meu pai nunca assinou carteira e trabalhava quiçó lá (...). Aí depois que a gente vê que pode ter outra vida a gente quer, né?!¹⁴¹

Submetidos a uma produção voltada para subsistência e com a utilização de instrumentos rústicos, estes trabalhadores viviam em sistema de patronagem. Neste sentido, a produção garantia acesso apenas o que era necessário para a sobrevivência e o trabalho duro e as condições de manutenção no campo, levaram a migração extensiva de trabalhadores do campo para cidade. Ao assinalar que, embora os pais tenham trabalhado muito tempo no campo, nunca tiveram os direitos considerados atualmente mínimos ao trabalhador, este parte da experiência vivida no tempo presente, quando o trabalho no comércio, permitiu garantir a sobrevivência, sem as determinações de um sistema autoritário de patronagem.

A primeira vez que cheguei à casa de Geraldo, ainda na calçada, ele me recebeu com a carteira de trabalho e CPF nas mãos. Perguntei-lhe sobre aquela documentação e ele me respondeu que era para sua aposentadoria. Entendo que, naquela circunstância, aquela documentação estivesse ali para obter de mim alguma informação ou ajuda, ou talvez ele aguardasse a chegada de um dos agentes do Governo que costumam circular pela região para fiscalização ou para prestar algum tipo de assistência comunitária.

Geraldo, quando o entrevistei, ainda não estava aposentado, mas não escondia a ansiedade para realizar tal desejo. Embora tenha a todo momento ressaltado que o trabalho ambulante e no comércio, havia oferecido melhores condições de vida, sua carteira de trabalho nunca foi assinada.

Durante a entrevista, ele demonstrou preocupação com o presente/futuro de seus filhos, mediante as condições de trabalho oferecida pelo comércio ambulante e diminuição da oferta de trabalho. Essa preocupação

¹⁴¹Ibidem

ficou evidente ao comentar o caso de seu irmão, um dos homens que atua como um “gato” na região. Diz ele:

[...] Tenho um irmão que leva [trabalhadores] para o Sul. Mas nesse ano ele não levou ninguém. Até porque disse que por lá [Cascavel?] as coisas não estão tão boas. Não se vende mais como antigamente. Tem muita gente vendendo. Agora tem mais fiscalização. Lá em Cascavel mesmo tem uma lei que não querem que a gente venda lá. Pedem papel e mais papel pra poder vender. O povo também não compra mais porque nas loja tudo tem, né. Tem coisa que até mais barato. O negócio, as vezes, é levar uma coisinha diferente pra ver se o povo gosta. Mas tem muita gente vendendo. Eu acho que o povo tá se enchendo de tanto negócio (...). Meu menino não estudaram, não sabem fazer outra coisa e aí fica difícil. A crise, meu fi, atingiu todo mundo. O povo tá é vindo simbora.¹⁴²

A mudança do mercado e a instabilidade do trabalho ambulante aparecem como um elemento de preocupação. Dentro do quadro que Geraldo constrói, apesar do trabalho ambulante anteriormente ter permitido acesso a bens materiais (como casa de alvenaria e veículo), mediante a mudança das leis que regulamentam o trabalho dos ambulantes (como tratei no segundo capítulo) e a diminuição das vendas, existe um temor quanto ao futuro dos filhos.

Para Geraldo, o problema se apresenta de outra forma: a ameaça da diminuição das vendas prejudicando o trabalho dos filhos e seu próprio negócio, não tendo como se manter. Esse quadro seria agravado devido a insegurança por não se apresentar no presente outras possibilidades para garantir a sobrevivência. Como ele ressaltou os filhos não estudaram e por isso, não sabem fazer outra coisa.

A diminuição da demanda, representa assim para estes trabalhadores uma insegurança quanto ao futuro e as possibilidades de trabalho. As formas de trabalho que se circunscrevem parecem superar esses estranhamentos, essas humilhações e a marginalização que esses trabalhadores possam sofrer em outros locais que não sejam os seus de origem, como foi discutido no primeiro capítulo.

Por ocasião da primeira entrevista que realizei com Geraldo, conheci Aparecida de Jesus, sua vizinha que é casada com João Paulo. Ele é um dos

¹⁴² Ibidem

trabalhadores que vivem em Cascavel e região. Foi com João Paulo, que eu tive a primeira conversa sobre o trabalho e as condições de vida dos ambulantes na região. O primeiro contato que tive com ele foi na rodoviária de Guaíra-PR.

Desde o primeiro contato, Aparecida manifestava ansiedade em falar sobre as viagens de seu marido. Embora, a princípio, eu não tivesse como objetivo entrevistá-la, sua fala aparece como intervenções na fala de Geraldo, seu vizinho. Aparecida relatou questões ligadas à migração, ao ritmo de trabalho ao qual o marido se submete, seus desejos, doenças, a sobrevivência da família no lugar de origem. A noção de tempo que aparece na fala de Aparecida é o tempo de vida, organizado a partir de seu casamento, o nascimento do primeiro de seus três filhos, a primeira e a última migração de seu marido. Na ausência do marido, o sustento da família é mantido pela roça, na qual planta arroz, feijão e milho. A pequena produção é destinada ao consumo.

Ela me chamou para ir até sua casa. Uma construção bem diferente da de Geraldo, possui apenas uma sala, um quarto e uma cozinha. Ela me relatou que, além de manter a roça na zona rural de São Bento, no tempo de inverno trabalha na indústria têxtil¹⁴³, na fabricação de redes na cidade. Também aproveita parte dos tecidos das sobras das redes para fazer artesanatos que tem em casa. Como ela me contou:

(...) com esses pedaços de tecido de algodão que trago das sobras das rede eu faço essas boneca aqui que você está vendo e aí vendo por aqui mesmo. Tem gente que leva pra Patos, Campina Grande e até pra João Pessoa. O povo gosta de artesanato da terra¹⁴⁴.

Aparecida é também uma artesã. Ela faz bonecas de pano e outros produtos com fios do algodão, conhecido como algodão cru (também conhecido como algodão mais escuro, sem ter passado pelo processo químico de tingimento ou clareamento do fio). Ela afirma que tal atividade como um dos suportes essenciais para a sobrevivência de sua família, assim como de muitas famílias da região, sendo também uma atividade que atravessa seu cotidiano,

¹⁴³

¹⁴⁴ Entrevista realizada pelo autor. A entrevistada se chama Aparecida de Jesus. A gravação foi realizada em 11 de outubro de 2015, na cidade de São Bento-PB

toma em sua fala ares de rotina. Assim, ela articula trabalho no roçado, nas oficinas têxteis e de artesanato. O roçado oferece produtos de subsistência e a produção de redes e artesanato gera renda para a manutenção dos outros gastos domésticos.

Aparecida diz que nos últimos tempos tem dias de muita angústia, enquanto marido está fora. Teme, sobretudo, não ter como manter sua família. Ela comentou:

Eu não aguento mais ficar aqui sozinha, esperando uma notícia de alguém que venha de lá, ou esperando uma ligação, ou esperando que ele venha simbora. É muito difícil. Quando engravidéi do meu filho mais novo, de dois anos, ele viajou para o Mato Grosso, e quando voltou o menino já tinha seis meses. Passei um sufoco sozinha. Já disse pra ele, eu não quero mais ficar sozinha. Casamos em 98, e desde esse tempo ele vive viajando. Ele tá ficando velho (...).¹⁴⁵

Aparecida narra sua história a partir dos períodos que o marido passa longe de casa. Entre as idas e vindas, ela fica encarregada com os afazeres da casa, trato dos filhos, e garantir o sustento de todos. Os grandes períodos de ausência do marido são vistos como momentos de insegurança e temor: pelo que pode acontecer com marido em locais distantes onde não consegue ter notícias com grande frequência. A circulação de pessoas entre a região e sul, como podemos observar é uma das formas de ter notícias do marido, e assim, trazer maior tranquilidade quanto às condições de vida que este tem vivido.

Além da distância do marido, a insegurança da Aparecida e refere-se à própria manutenção da família. A remessa de dinheiro enviada pelo esposo, ou trazida por ele após o término da empreitada, não é suficiente para o sustento da família, e por isso, tem que realizar outras atividades na indústria, no roçado para subsistência e como artesã. Diferentemente de Geraldo, pude observar que o marido da Aparecida não conseguiu acumular bens materiais com o trabalho ambulante. Sua casa muito simples e pequena quando comparada com a de Geraldo, indicam a diferença entre os dois vendedores ambulantes. Observei entre os entrevistados que estes se diferenciam: enquanto alguns viajavam na perspectiva de acumular algum capital e conseguem ao retornar abrir pequeno negócio (loja, bar, etc.), outros talvez tenham viajado nesta

¹⁴⁵ Ibidem

mesma perspectiva, entretanto, mediante a diferentes fatores não conseguiram tal feito. No caso de Geraldo e do esposo de Aparecida, a diferença das condições financeiras deva-se ao fato de não apenas Geraldo ter saído, mas também os dois filhos. O que permitiria ter uma sobra maior em relação às economias que por ventura tenham sido feitas na tentativa de guardar algum dinheiro.

A narrativa de Aparecida demonstra frustração pelas suas condições de vida e a dependência criada em relação ao trabalho fora: *“Ele viaja, passa um bom tempo por lá, e quando chega é muito magro e doente. Aí, fica triste pelos cantos, doente e magro. Eles dizem que lá não é bom, mas na hora de voltar, vai todo mundo alegre”*.¹⁴⁶

Voltei a entrevistar Aparecida em outra circunstância, dessa vez na presença do marido, foi quando descobri que o marido dela tivera sido aquele homem que conversei na rodoviária de Guaíra em 2011. Assim, quando perguntei se o trabalho do marido traz compensação financeira para a família, ela evidenciou a existência de relação combinada de trabalho:

[...] ele trabalha para um lado, eu para o outro. Aí eu estou aqui, ele manda cem reais. Tudo ajuda. Aí eu faço uma feira, aí eu vou trabalhar para arrumar cinquenta reais, pra quando aquela feira que ele arrumou acabar, eu já ter aqui já, para comprar a carne e o arroz .¹⁴⁷

Apesar do trabalho como ambulante ter sido pontuado pelos entrevistados como algo que tem maior rentabilidade, podemos observar que no caso de Aparecida, o mesmo não tem garantido vida com “folga”. Desta forma, os ganhos do marido têm que ser combinado com um esforço pessoal em gerar parte da renda e assim garantir a sobrevivência da família que ficou no local de origem. Tomando como base sua fala, o modo como administra os gastos com alimentação, perguntei a Aparecida se ela e o marido possuem vontades e sonhos em comum. Ao me responder, ela ensaiou um sorriso encabulado e traçou o perfil do marido como um homem vaidoso. Ao narrar sobre o destino de seu ganho, comentou:

¹⁴⁶ *ibidem*

¹⁴⁷ Entrevista realizada pelo autor. A entrevistada se chama Aparecida de Jesus. A gravação foi realizada em 20 de janeiro de 2016, na cidade de São Bento-PB

Ele é uma pessoa que não gosta de andar sem as coisas dele, o perfume bom dele, a roupa, o calçado, ele não gosta não. Aí ele trabalha três meses, compra lá as coisas pra ele, aí chega, compra roupa e calçados para os filhos, e aí acabou o dinheiro.¹⁴⁸

Quando iniciei as pesquisas sobre este tema, senti a necessidade de estabelecer contatos com alguns destes trabalhadores em Cascavel. Lembrei que em uma dessas conversas, um deles comentou que quando retornava a sua cidade depois de uma viagem mal sucedida, ou seja, que não havia conseguido juntar muito dinheiro, ao desembarcar na rodoviária de São Bento, mesmo só lhe restando dez reais no bolso, preferiu pegar um táxi até a sua casa, na zona rural. Entendo que tal acontecimento, assim como o perfil de João Paulo, traçado por sua esposa, evidencia algumas das necessidades deste trabalhador em condição de retorno à terra natal. Para além de garantir o sustento da família, querem também ter o reconhecimento da comunidade.

Em algumas visitas que realizei a São Bento antes no início do trabalho desta conversei com vários moradores da cidade a respeito do trabalho ambulante. Em uma dessas visitas conheci Maria Madalena Costa, 39 anos que é dona de um restaurante na cidade. Quando conversei com Madalena, a mesma me informou do desaparecimento do filho mais jovem que havia se deslocado para o interior de São Paulo trabalhar como vendedor ambulante. A entrevistada nos contou falou sobre o filho, as dificuldades para garantir educação formal ao mesmo e mesmo para conseguir trabalho na cidade.

Madalena explicou que pertence a uma família marcada por várias gerações de migrantes: irmãos, primos, marido e filhos haviam se dedicado ao trabalho ambulante. Perguntei a Madalena sua opinião sobre a saída em busca de vender fora, ela respondeu: “*Não, eu não acho isso bom. As famílias não acham isso bom, mas eles são jovens, são pessoas trabalhadoras, batalhadoras, você sabe, quem não estudou é difícil arrumar um emprego, para quem estudou é difícil, imagine para quem não estudou*”.¹⁴⁹

Madalena em sua fala demarca a visão entre os trabalhadores ambulantes e a família (no caso, mães, irmãs e esposas) que fica à espera dos familiares que saem a trabalho. Enquanto para os homens o trabalho

¹⁴⁸ Ibidem

¹⁴⁹ Entrevista realizada pelo autor. A entrevistada se chama Maria Madalena Costa. A gravação foi realizada em 12 de outubro de 2015, na cidade de São Bento-PB

ambulante se apresenta como uma expectativa de acumulação de renda, para os que ficam, sobram as incertezas do trabalho e a distâncias são encaradas como algo negativo.

Nesta narrativa, a educação formal parece ser a saída para que as famílias da região pudessem alterar o que Madalena avalia que parece ser um destino inexorável. Madalena ressalta que seu filho teve oportunidade de estudar, porque tinha escola perto de sua casa, mas não o fez pela necessidade de trabalhar desde cedo.

Nestes termos, ela realça o seu papel de mãe com o dever de educar e orientar os filhos. Ao falar sobre os jovens que fazem a opção de vender fora, comenta:

Eu vejo a juventude virada de perna pro ar. A juventude, a maioria não ouve os conselhos de mãe, pai, eles gostam da aventura. Eles não pensam que tanto sofre quem está fora, quanto a família que fica aqui. Eu não sei se o meu filho está preso ou morto, porque, em um mundo daquele, ele é sujeito a qualquer coisa. Agora recentemente apareceu o caso de um rapaz que tava vendendo queijo na praia e foi morto.¹⁵⁰

A fala de Madalena expressa às preocupações e incertezas do trabalho ambulante. Para ela, a ânsia dos homens em poder ganhar mais com o trabalho, se contrapõe a insegurança e a aflição que a família passa, enquanto estes estão longe. Neste sentido, ela identifica o trabalho com a juventude, que sem muitas expectativas de se manter no local, se aventura no desconhecido.

Observo assim, que enquanto muitos retornam para o lugar de origem sem terem seus sonhos realizados, os que permanecem ali continuam no dia-a-dia de trabalho domiciliar e no comércio, necessários para o mínimo vital. Desta sorte, os sonhos são compartilhados pelos que saem com os que permanecem. Esposas e mães catalisam medo, frustrações e desejos face às incertezas dos caminhos de seus errantes.

Para além dos sentimentos de saudade, os entrevistados apresentaram um lamento contido por não terem realizado alguns sonhos, ficado ricos, comprado uma moto, construído uma casa grande, comprado um carro, dentre

¹⁵⁰ Ibidem

outras possibilidades. O que implica dizer que suas idas e vindas para o trabalho não renderam isso.

O meu interesse aqui é no modo como esse passado é reiterado pelos entrevistados como uma conquista ou como derrota. Para essa leitura do passado, entendo que é conveniente ressaltar que a memória se faz a partir de interesses do vivido no presente, onde a narrativa é filtrada de forma sedutora de modo que venha a melhorar suas vidas, como uma fonte de inspiração.

Quanto à compreensão do estudo dessas memórias dos lugares de destino, destaco o pensamento de Bosi (1987):

É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma história dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiência e embates. Parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos dissessem o seu ponto exato da entrada em nossa vida. Elas foram formuladas por outrem, e nós, simplesmente as incorporamos ao nosso cabedal. Na maioria dos casos creio que esse não seja um processo consciente (BOSI, 1987, p.331).

Esses laços de convivência, sejam familiares, sejam profissionais, favorecem o desenvolvimento de uma memória, que se compõe de vestígios, de fragmentos das experiências destes trabalhadores. Assim, ao conversar com os trabalhadores ambulantes ou seus familiares, observei que estes não apenas narravam sobre suas experiências, expectativas e frustrações, mas ainda, se referência a outros casos de sucesso ou fracasso.

Aparecida me relatou que no ano de 1996 foi junto com o marido para o Paraná, por ocasião de um convite que o mesmo tinha aceitado de um dos trabalhadores que já estava por lá. Assim, enquanto o marido se encontrava na lida das ruas, ela permanecia em casa para cozinhar para os demais. Ao se referir a este período Aparecida conta que:

Lá tudo era com fartura. Entrando no Paraná é farto. Lá é um lugar tão bom (...). Duas horas da madrugada eu tinha que me levantar pra fazer o café, em duas marmitas bem grandes. Aí eu ia fazer o cuscuz era fazendo e os menino comendo. Aí quando eu tirava a água do café do fogo, já botava o feijão. Aí já ia cuidar nas outras coisas.¹⁵¹

¹⁵¹ Aparecida. Op.Cit.

A narradora não descreve somente o acontecido: ela vai além, ela interpreta o vivido conforme um conjunto de elementos circunscritos no seu cotidiano, como desejos, necessidades, dentre outros.

Aparecida e o esposo haviam estabelecido uma relação de amizade com o “gato” antes da partida de São Bento. O “gato”, aliás, era primo do seu esposo, de modo que este acabou por arrumando o trabalho como cozinheira. O dizer de Aparecida ressalta o período de três anos que passou naquela região, incluindo os retornos periódicos a São Bento, como os anos mais fartos de sua vida. O medo da fome sentido por ela salta de forma quase constante em sua fala. Entendo que o dia-a-dia de Aparecida é construído para não morrer de fome. Em vários trechos, ela retorna ao tema da alimentação diária, ressaltando, especialmente, carne e leite. Segundo ela:

Lá era bom, bom mesmo, nunca me esqueci de lá. Lá tudo era farto, aqui um litro de leite é dois reais, e lá não. Lá a gente comprava de sacos de açúcar, o povo tem confiança na gente, na gente pagar o que deve. Eu ia pegar o que faltava e o dono do comércio me dava. Aí ele dizia para trazer cinco fardos de açúcar, lá era de fardo, não era de quilo não, era de fardo, bolacha era em fardo, tudo era em farto lá(...)¹⁵²

Embora em outros momentos Aparecida tenha se referido a dificuldade que a família tinha em manter as despesas da casa com salário do marido e a renda com produção do artesanato, ao se recordar do período em que viveu no Paraná, se refere a período de fartura. Essa lembrança de fartura atravessa as falas especialmente daqueles que não migram mais. O contexto descrito evidencia a permanência de uma abundância que me fez lembrar no simbolismo das lendas do Eldorado da região da Amazônia brasileira, dado, dentre outros aspectos, as suas enormes reservas naturais expressa nos trabalhos de Josué de Castro.¹⁵³

¹⁵² Aparecida. Op.Cit.

¹⁵³ Nos discursos de Josué de Castro há uma preocupação em entender o processo de construção da identidade nacional. Para ele, a identidade brasileira é marcada pela fome. O Brasil é um país faminto e, portanto, a organização social e a qualidade do povo são prejudicadas e o Estado, por sua vez, era incapaz de servir de poder equilibrante entre interesses privados e públicos. Na visão dele, o Estado brasileiro não tem força contra os interesses privados, deixando desamparados os esfomeados da nação. Nesse sentido, Castro defendia uma política pública baseada na “reforma agrária racional que liberte as suas populações da servidão da terra, pondo a terra a serviço de suas necessidades” (CASTRO, 2008, p. 244).

Para além das questões em torno da obra de Castro publicada em 1954, a qual se compromete com o regionalismo nordestino e com o discurso das disparidades regionais difundido na circunstância histórica em que foi escrita¹⁵⁴, é importante refletir sobre as condições de pobreza que assolam notoriamente a grande maioria da população de São Bento, em especial da sua área rural. No dizer de Castro (2008), o Sertão Nordestino, ao qual se incluem a cidade de São Bento, vamos encontrar um novo tipo de fome, não mais a fome permanente, condicionada pelos hábitos de vida cotidiana, mas a que se apresenta em uma vontade de ter e sempre ganhar mais. Em outras palavras a migração não ocorre devidos ao flagelamento e a fome natural como um bando de retirante que foge da seca, mas como uma condição *sine qua non* do próprio sistema capitalista que impulsiona esse pensar.

Outrossim, nem sempre foi assim, ao discutir as imagens criadas em torno da região da Amazônia pelos migrantes cearenses, nos anos de 1942 e 1943, Rios (2008, p.50) comenta que as descrições sobre aquelas terras evidenciavam uma infinidade de narrativas fantásticas:

O nordestino, o sertanejo, o flagelado, o peregrino, o herói, o monstro, o Judas (...) são todas faces de indivíduos com histórias em eterna marcha. Corpos inquietos e perpetuamente seduzidos pela estrada. Habitantes de lugares onde a seca, a miséria constante, a exploração, mas também a altivez, os desejos e os delírios são partes de uma vida sofrida e fabulosa. Elementos que se entrelaçam na ordem do viver encantado de homens, mulheres e crianças que falam da luta pela sobrevivência nas formas do mundo e do além-mundo (RIOS, 2008 p.52).

Os elementos descritos por Rios (2008) são comuns nas narrativas de alguns dos entrevistados desta tese. Mas sempre ressaltando que a migração no período que realizei as entrevistas, não acontecia como fuga da seca e da fome do Nordeste. Aliás, como se percebe ao longo deste trabalho a migração assume um papel de movimentação social de ida e vinda , do cá e do lá, sem que esses trabalhadores, em sua maioria, não tenham se estabelecidos definitivamente em outra região.

¹⁵⁴ A este respeito ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval. O nordestino: a miséria ganha corpo. In: CAVALCANTI, Helenilda e BURITY, Joanildo (org.) Polifonia da miséria: uma construção de novos olhares. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2002.

Sobre isso, conversei com algumas pessoas que me indicaram as diferenças entre migração realizada pelos trabalhadores ambulantes e as entrevistas realizadas anteriormente. Seu Leandro Moura de Assis, um aposentado de 62 anos ao lembrar das suas idas a São Paulo, nos falou sobre tempos muito difíceis, pois foi enganado pelo “gato” que o contratou e o levou em um caminhão de sua propriedade. O “gato”, ao qual Seu Leandro se refere, trata-se de um conhecido comerciante da cidade, que atuou ali e em municípios vizinhos, na prática de aliciamento de jovens trabalhadores rurais, por toda a década de oitenta. Segundo ele:

Ele levava a gente e quando chegava lá ele soltava a gente, feito bicho no pasto. Vendia a gente como quem vende gado, por cabeça. Levava cinquenta, cem homens. Deixava lá no meio das cobras, no meio do mato, sofrendo. Levava duas, três carradas aqui, todo mundo no cativo. Ele chegava aqui e fazia a proposta. Mas eu fui só dessa vez com ele.¹⁵⁵

Ao recordar os seus tempos de migrante, Seu Leandro comenta ainda: “em 79 encontrei uma barra pesada, tinha onça, tinha todo tipo de cobra, mas eu era novo [...]”¹⁵⁶. A narrativa dele está associada ao desconhecimento da região de destino seguindo por seu estranhamento ao se surpreender com situações que até então não havia vivenciado.

Segundo o narrador, uma das promessas feitas pelos “gatos” aos trabalhadores famintos da região era a disponibilidade de alimento: “quando eles queriam levar a gente, eles diziam: rapaz lá é bom, lá a gente come carne, ganha dinheiro”¹⁵⁷. Assim, abandonados no meio do mato ao deus-dará, alguns não conseguiram voltar para casa. Seu Leandro sobreviveu, mas não comeu carne por lá e nem tampouco ficou rico. E, no seu retorno Seu Leandro, passou a atuar como “gato”.

Quando eu voltei e não queria mais voltar do mesmo jeito que eu era antes e nem pro mesmo lugar. Eu queria conhecer outros lugares. Viver outras coisas sabe. Aí eu comecei a ir e levar uns meninos pra outros lugares (...) Minas, São Paulo, Mato Grosso (...). O Paraná já foi mais recente. Mas nunca levei gente pro Paraná não. Eles foram depois como os meus filhos foram (...).

¹⁵⁵ Entrevista realizada pelo autor. O entrevistado se chama Leandro Moura de Assis. A gravação foi realizada em 12 de outubro de 2015, na cidade de São Bento-PB

¹⁵⁶ Ibidem

¹⁵⁷ Ibidem

Eu fui um desbravador. Eu não conhecia nada praqueles quantos. Os patrões ameaçavam. Eu fui perdendo o medo. Hoje em dia não tenho de mais nada. Pego até em cobra (...).¹⁵⁸

Para Leandro, a estratégia de sobrevivência foi também se tornar gato, já que por ter se mudado para São Paulo, havia adquirido algum conhecimento no local. Sua narrativa mostra a que foi ameaçado pela natureza e pelo patrão, ele sobreviveu como um herói e afirma não sentir medo de nada. Seu Leandro iniciou seus 4 filhos como desbravadores em busca de trabalho no mundo lá fora. Com exceção do filho mais velho, hoje todos os seus filhos homens estão trabalhando fora. Três deles vivem do comércio ambulante, um, inclusive pela região de Cascavel e os outros dois no sul do Mato Grosso do Sul. Um outro filho, trabalha de porteiro no Rio de Janeiro.

Questionado sobre o porquê do filho dele mais velho não está fora ele responde: “só o *Francisco* está aqui. *Ele está adoentado, nervoso. Ele é medroso, está tomando remédio*”¹⁵⁹. Em seguida, ele adverte as diferentes entre ele e o filho:

Porque eu não tenho medo de nada. Eu digo: Rapaz, deixa de ser medroso, quando eu tinha a tua idade, eu mordia uma cobra viva. A gente tem que pensar positivo. Quando eu saía daqui eu dizia: eu não tenho medo de nada, eu vou sem medo.¹⁶⁰

Leandro vê a doença do filho como sinal de fraqueza para enfrentar as incertezas que o trabalho lá fora, pode apresentar. Embora reconheça os perigos e dificuldade de ir em busca de trabalho em outros locais, afirma que as expectativas de obter sucesso é o que o motivou e, talvez motivou os outros quatro filhos. A falta de medo se estende também à perspectiva de morte. O seu ideal é o trabalho a todo custo. Em certo momento da entrevista, seus dizeres sobre aqueles confins se cruzam com os dizeres de Aparecida, pois segundo ele, “(...) lá tem muita fartura, tem muita carne, leite. A gente trabalhando a gente consegue. Lá era melhor que aqui”¹⁶¹. E faz uma ressalva, “lá tinha muita coisa boa, era mais fácil para o camarada ganhar. Podendo andar bem calçado, bem vestido. A saúde é que não era muito boa”¹⁶².

¹⁵⁸ Ibidem

¹⁵⁹ Ibidem

¹⁶⁰ Ibidem

¹⁶¹ Aparecida. Op.Cit.

¹⁶² Ibidem

Leandro ao se referir as dificuldades enfrentadas ao migrar, refere-se a questão da saúde. Além da incidência de epidemias comuns na região de destino migratório, o narrador me contou que não tinha horário para se alimentar e fator que era agravado pelo dispêndio de força exigida nas atividades laborais.

Apesar disso, voltou para São Bento. Considero importante destacar aqui, os laços familiares que unem os retornados, para a construção de suas memórias.

As vivências dos sujeitos apontam para várias temporalidades. Aqueles que não se deslocam mais, como é o caso de Leandro, são considerados dentro do grupo social ao qual pertencem como homens que “já viveram suas vidas”, pensamento este que atravessa suas narrativas. Neste sentido, comprehendo que viveram suas vidas, refere-se ao fato de terem contribuído com parcela da produção familiar ao terem se deslocado. Alguns com algum sucesso, teriam conseguido acumular algum dinheiro, construído casa, “criado” os filhos. E por isso teriam mais tranquilidade no tempo presente, vivendo do trabalho local. No dizer de Bosi (1987, p.23), esse é o momento da “velhice social”, cuja função é lembrar, e lembrar bem:

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade (BOSI, 1987, p.22).

O “lembrar bem” de Seu Leandro assume tom didático. A função dele é ensinar aos mais jovens os traquejos do trabalho e, assim, se (re) inventam dentro de suas falas. Se faz mister destacar aqui que quando cheguei em São Bento, no mês de outubro de 2015, e ao me aproximar dos moradores da cidade, no sentido de buscar informações sobre quem migrava, eles me sugeriam que eu fosse conversar com as pessoas mais velhas, os que já não migravam mais, que tinham se tornado guardiões das memórias daquele grupo

social. Em suas narrativas, reconheci a “velhice social”: um sujeito que não vai migrar mais, tem agora o ato de lembrar como função dentro do grupo ao qual pertence.

Os trabalhadores que vivenciaram este cá e lá na busca de trabalho fora, apresentam-se em suas falas como sobreviventes do mundo do trabalho como mencionou Seu Leandro: *“Eu sou um vencedor. Eu digo isso pra tudo mundo. Veja ai que eu consegui construir uma coisa boa, criar meus seus filhos, educar eles. Hoje to por aqui aposentado e vivendo até quando Deus quiser”*¹⁶³.

Seu Leandro é presidente da Associação dos Redeiros¹⁶⁴ e é muito conhecido como um contador de histórias. Sua história de vida está ligada à luta pela terra no município, e, assim, passa a entrelaçar presente e passado, referindo-se ao passado como algo superado pelo tempo. O fato de considerar o passado como superado ressalta também a necessidade de valorização de suas vivências como trabalhador ambulante.

Quando eu deixei o Paraná, a gente começou um trabalho de Associação, nessa época que a gente conseguiu fundar uma Associação, até então não existia nada. Só que com o trabalho da gente, do Sindicato, a gente conseguiu melhorar um pouco, porque nós tomamos a iniciativa de criar a associação e conseguimos nos organizar melhor. Temos algo que nos represente, né.¹⁶⁵

Evidencio, dentre outros aspectos, a necessidade de valorização do associativismo, em um contexto de fixação de moradia. Diferente do que aconteceu com os demais entrevistados, percebi que, na narrativa de Seu Leandro, suas lembranças do trabalho como migrante desembocam em questões relacionadas à importância do associativismo, do Sindicato. Isso se faz diante do lugar social que este sujeito ocupa no presente, a moradia fixa que ele construiu corroborando a afirmação de Portelli (1993, p.43), “a narrativa depende de fatores pessoais e coletivos”.

Seu Leandro ainda nos falou sobre as mudanças ocorridas na relação entre trabalhador/ patrão, em relação ao tempo que era criança:

¹⁶³ Ibidem

¹⁶⁴ A associação dos redeiros de São Bento-PB foi criada em 2013 com o intuito de agrutinar o conjunto dos trabalhadores que comercializam rede da região.

¹⁶⁵ Ibidem

Naquele tempo a gente tava deitado aqui, com o meu pai, aí chegava o patrão e chamava a gente para ir trabalhar. Se o pai da gente, porque naquele tempo eu era criança, dissesse que não ia, aí ele mandava desatar o nó da rede e cair no mundo. Hoje as coisas mudaram graças aos Movimentos, as associações e os sindicatos. Agradeço muito a Deus e as pessoas que deram seu sangue pela luta.¹⁶⁶

Embora não esclareça como as mudanças teriam ocorrido, é notável que para ele os Movimentos Sociais e o sindicato teria garantido maior estabilidade e segurança do trabalhador. A insegurança e o mandonismo do patronato, aparece na fala do Leandro como um dos principais problemas para aqueles que viviam do trabalho. Ou se cumpria a ordem do patrão ou era mandado embora. Conforme discuti no primeiro capítulo, a migração também se apresentou para esses moradores, como um meio de romper com esse sistema. Nesses termos, o ato de migrar significou uma tentativa de não se submeter ao controle imposto pelos detentores do trabalho e do poder local sejam eles os empresários ou os governantes. A esse respeito, ressalto que todos os entrevistados afirmaram que são de famílias de migrantes, o que indica para certa tradição entre algumas famílias que ao longo do tempo optaram por migrar. Essa tradição pode ser explicada por certa facilidade que as novas gerações encontravam em seguir o trajeto que anteriormente pode ter sido “aberto” por irmão, pais ou tios.

É a partir do lugar social vivenciado que Seu Leandro descreve o seu passado. Sua fala atende às expectativas do presente em relação ao passado, configurando um passado pelo presente. A interpretação das vivências destes sujeitos deve levar em consideração que, ao narrar, o sujeito se inventa, transforma ideias e imagens, construindo diferentes passados, atendendo às necessidades do presente.

Comumente, o tempo de trabalho desses trabalhadores é severamente curto. Além de ser um trabalho temporário para a maioria por uma questão mesmo as opções que são apresentadas, a distância da família e as condições de deslocamento e trabalho que muitas vezes acabam por adoecer o

¹⁶⁶ Leandro. Op.Cit.

trabalhador como eu já mencionei anteriormente. Em relação à saúde física desses trabalhadores, Madalena me relatou:

E assim, a nossa preocupação hoje, é uma questão mesmo da idade deles, porque 35 anos é um homem ainda novo, e já estão cansados. E aumentou o número de doenças, aumentou o número da perda da qualidade de trabalhador. A única atividade que tem é a de vendedor. Não tem outra que possa ser reconhecido como trabalhador, ele não tem direito de pegar um financiamento no banco. Tem uns que perdem o direito à aposentadoria, e ainda ficam doentes. Porque a maioria destes trabalhadores que viajam, com o tempo, eles vão ficar doentes, porque eles vivem viajando, não comem direito, dorme em qualquer quanto. Quando começam no trampo não tem hora pra para. Eles têm um padrão de vida bem diferente do que teriam, se eles estivessem aqui... porque ao invés dele durar cinquenta anos, ele dura só quarenta. Passam frio lá e calor. Porque para eles vender, eles forçam muito. ¹⁶⁷

Para Madalena é curta a vida profissional de um ambulante. As condições ao que o trabalhador ambulante é submetido e a falta de segurança social, com a cobertura de direitos obtidos por outras categorias profissionais tornaria penosa e curta o tempo dedicado a este trabalho. Segundo a narradora, os trabalhadores que não se dedicam a esta profissão e ficam na cidade realizando outras atividades, teriam condições melhores de trabalho, e maior longevidade. Neste sentido, do seu ponto vista, o desgaste devido a precariedade vivido pelos ambulantes, não justificaria o ganho que estes poderiam ter ao migrarem para outras regiões.

Madalena destaca ainda o desejo de migrar vinculado à ansiedade e às cobranças da família:

Mas a ganância pelo dinheiro é tão grande que tem mulher que, quando o marido não gosta de viajar, ela fica brigando porque ele não viaja. Eu tenho visto muita mulher reclamar dizer: "Ah, eu tenho tanta vontade que meu marido viaje, fulano viaja, manda dinheiro, tem as coisas, e nós não tem nada porque ele não quer viajar (...)" A vaidade é grande, é a vaidade mesmo (...) viaja para manter um padrão de vida bem diferente, comprar uma moto. A loja de moto daqui de São Bento não para. No final do ano eles já começam a abastecer a loja. Quando ele chega, se ele tinha uma moto velha que deixou com a mulher, ele vai lá troca por uma nova, por uma maior. Aqui é assim. ¹⁶⁸

¹⁶⁷ Madalena.Op.Cit.

¹⁶⁸ Madalena.Op.Cit

Embora Madalena afirme em alguns casos é a “ganância” por ter acesso a alguns bens materiais que levem a migração de alguns trabalhadores, podemos observar que aparentemente, são as dificuldades de manter sobrevivência e a falta de opções que levam estes trabalhadores a se dedicarem ao trabalho ambulante. A ganância, para Madalena seria o desejo de ter uma casa ou meio de transporte. Entretanto assinalo que não podemos generalizar as afirmações feitas por Madalena. Este fragmento me reporta à fala de Aparecida, que expressa sentimentos de frustração por não possuir ainda uma boa casa, ou mesmo condições mais tranquilas de vida.

Na época que falei com Aparecida ela havia mencionado que o marido andava doente. Quando a reencontrei perguntei se o marido estava melhor, Aparecida explicou que o mal do marido é o medo que ele sente, que ela não entende como uma doença e sim um como um “nervoso”. Comentando o assunto elas nos contou que:

Ele não está doente não. Ele tem é frescura. É nervoso, é nervoso demais. Tem medo, mas ele é mal criado, quando ele quer me dizer as coisas ele diz. Se você disser alguma coisa pra ele, ele come calado. Mas quando ele se passa pra mim ele desconta, quer tirar o que você disse e o que eu disse pra ele. É brabo.¹⁶⁹

Embora mencione que o marido esta com frescura, Aparecida assume que o marido tem um comportamento psicologicamente desequilibrado, o que poderia se referir possível depressão. Ao citar o comportamento do marido, ressalta a ambiguidade no comportamento do mesmo dentro e fora de casa, que hora é calado, hora é bravo.

Aparecida comenta que o marido toma constantemente remédios controlados e possui outros problemas de saúde, como pressão alta. Embora apresente problemas de saúde, Aparecida nos contou que o marido havia migrado novamente, só que agora para o Paraná (anteriormente o marido de Aparecida havia migrado para Mato Grosso do Sul). Perguntei por que ele havia mudado de destino migratório, já que o Mato Grosso tinha sido opção para o mesmo nos últimos anos, e ela respondeu:

¹⁶⁹ Aparecida.Op.Cit.

O tio dele era quem levava, mas agora o tio dele decidiu ir pro Paraná. Ele não saiu sujo, meu marido. O tio dele foi quem decidiu, como eu acabei de falar(...). Ele leva, faz de tudo, eles vêm pegar aqui, saem da frente da Igreja, eles se organizam e vão. E quando está com três ou quatro meses querem vim simbora ou porque não gostaram ou porque não se adaptaram ou por saudade ou querem vim simbora mermo, mas tem uns que vêm só pegar coisa, aí se juntam uma leva e vem simbora.¹⁷⁰

A condição de retornados, por varias razões como Aparecida pontua, para a maioria deles é uma condição tensa e, nesse sentido, expressam-se em falas e gestos como se estivessem em uma corda bamba entre o adeus e a contrapartida. O retorno para muitos é breve. Aparecida comenta que o seu marido não sossega enquanto não migra novamente. Essa afirmação é contraditória a anterior quando ela afirmou que o marido era “medroso” e “estava com frescura”. Observo que na narrativa de Aparecida fica um possível cansaço físico e mental que seu marido pode ter adquirido com tantas viagens e condições a que foi exposto. Neste aspecto, embora esteja doente, mesmo assim, devido as condições que a família vive, o trabalho ambulante continua ser uma importante fonte de renda para esta família.

Nesse sentido, a ideia de retorno é gerada pelo desejo de sentirem-se acolhidos, pois longe da terra o estranhamento invade a alma, provocando a saudade e doença. E, chegam cheios de notícias, do trabalho duro e da exploração, do pouco lucro, das ilusões, das agruras, do engodo praticado pelos “gatos”, do que os fazem ter vontade de voltar para o seu mundo. Desta sorte, todos, familiares, vizinhos e conterrâneos, inteiram-se do que acontece nos lugares de destino, cujas impressões atravessam as gerações.

Assim, desde tenra idade, essas populações são invadidas por informações sobre os lugares de destino de seus pais e parentes. De modo que o real e o irreal se misturam e se confundem nas narrativas dos que sobreviveram àqueles confins de mundo. Neste aspecto, o real refere as dificuldades vividas pelos trabalhadores ambulantes em outros estados, a dureza do trabalho, a rejeição e preconceito que são obrigados a suportar. O irreal, seria suprido pela imagem de bonança e fartura, do ganhar o dinheiro fácil que possibilitaria a estes homens acumular algum dinheiro, e ter condições

¹⁷⁰ Aparecida.Op.Cit.

de construir casa, comprar moto, montar o próprio negócio. Expectativa que nem sempre condiz com a realidade.

A propaganda gerada em torno dos lugares de destino é fortemente empreendida pelo “gato” nas regiões de origem. A decisão de deslocarem-se para outros destinos carrega fantasias de bate-papos contados à soleira das portas, nas roças, quitandas, dentre outros, mas também carregam advertências sobre os perigos do mundo lá fora. E, nesse emaranhado de sentimentos, os trabalhadores partem vestidos em suas melhores roupas como em um dia de festa, imbuídos pelo desejo de materializar sonhos, maravilhados por um mundo cujos perigos lhes impõem desafios. Entretanto, a realidade que se deparam nem sempre, ou dificilmente atende as expectativas, como já demonstrei nas narrativas anteriormente.

Alguns trabalhadores retornados passam a atuar como “gatos”, valendo-se das relações de parentela, na medida em que procuram negar o conflito, que se mesclam com práticas coercitivas, constituindo estratégias para arregimentação de homens que sonham com riqueza através do trabalho. Tal fato, pode ser observado, por exemplo, pela figura do Seu Luciano, que já apresentei. Depois de ter se deslocado para São Paulo, inclusive vivendo na condição de cativo, retornou e passou a agir como gato, agenciando a ida de outros trabalhadores.

Ao perguntar a Aparecida sobre a origem dos “gatos” que atuam no município, ela me respondeu:

Entre os próprios trabalhadores, tem aquele mais esperto que leva. Aí quando ele passa a ser “gato”, ele sai da condição de trabalhador, ele passa a ser coordenador de turma, ele vai coordenar a turma que ele está levando, mas também é vendedor como os outros, entendesse. Hoje a situação é essa. A diferença é que eles não são de empresa, é dos próprios trabalhadores, parentes, vizinhos, que descobre que essa condição pode ser melhor, porque, chegando lá, ganha uma porcentagincha na venda dos outros, né, ele vai se tornar conhecido, respeitado(...)¹⁷¹

Entendo que o poder de divulgação do trabalho fora cabia ao “gato”, que, diferentemente como era utilizado por várias empresas para buscar mão-

¹⁷¹ Aparecida.op.Cit

de-obra, aqui ele desempenha uma função de parceria, até porque parte deles são parentes, vizinhos, amigos, ou seja, já conheciam o trabalhador.

É interessante ressaltar na fala de Aparecida o reconhecimento do poder do “gato”, antigo companheiro de viagem, parece ser um “gato do bem”, embora seja adjetivado como esperto, por conseguir ganhar algum lucro sobre o trabalho dos outros. E, no sentido de descrever o impacto e o significado da presença de um “gato” entre os demais trabalhadores, Aparecida primeiramente o diferencia, ao afirmar que ele sai da condição de trabalhador. Neste aspecto, assinalo que apesar do “gato” continuar realizando a atividade de vendedor ambulante com os demais trabalhadores, ele passa ter status diferente: aquele coordena, e tem seu lucro a partir também, das vendas dos outros.

Esta rede de relações permite a construção ainda de uma estrutura que cadencia e promove a frequente renovação do quadro destes trabalhadores, mantendo contingente significativo de trabalhadores que circulam pelo país. As relações de trabalho travada entre os redeiros vendedores, gatos e donos das redes.

O trabalho realizado pelo redeiro vendedor encontra-se inevitavelmente subordinado aos interesses e controle do gato ou do redeiro proprietário, como já mencionei nos capítulos anteriores, visto que precisa de dinheiro para se manter e desenvolver suas atividades que vão desde a viagem até a venda das mercadorias. Embora nenhum entrevistado tenha me narrado que sofria pressão por parte de alguém para vender mais e todos os dias, a grande maioria dos redeiros vendedores entrevistados não admitiu ser pressionado por seus patrões no sentido de ser obrigado a trabalhar mais e todos os dias. Neste contexto, inseri-se no campo das relações pessoais, já que o aliciamento dos homens, frequentemente são geridas por parentes, vizinhos, amigos ou sujeitos que anteriormente, era de convívio comum. A presença do “conhecido” inclusive aspecto importante para dar confiabilidade para levar novos trabalhadores para os diferentes lugares do país.

Ao prosseguir seu comentário sobre o “gato”, Aparecida diz:

Ele vai passar a ser visto de outro jeito, quando ele chega aqui os caras dizem: Ah, fulano de tal está levando carradas de gente

e tal. O trabalhador acha que, por isso, ele tenha certo poder e, afinal de contas, ele passa a ter mermo. Né não?! Pelo menos vai levar a fama e o povo fica satisfeito com isso¹⁷².

Na tentativa de compreender melhor essa relação do “gato” e os demais trabalhadores conversei com Silviano José da Silva, 57 anos, começou a migrar para o estado de São Paulo, no final da década de 80, para o trabalho na agricultura. Hoje em dia ele atua como um aliciador desses trabalhadores, entretanto ele não viaja junto com a “turma”, ele apenas “ajunta o pessoal” como explicou.

No trabalho em São Paulo, Silviano esteve na condição de trabalhador e, posteriormente como “gato”. Durante a entrevista, ele rememorou circunstâncias em que esteve em condição de cativo em fazendas daquela região, trabalhando sem receber nada em troca:

(...) eu já caí num golpe do “gato”. Lá ele negociava um preço com o dono da fazenda e quando chegava aqui ele passava pra gente um preço menor. Por isso eu não saia com o “gato”. Eu saia daqui num grupo de dez pessoas, mas tinha que ser de cinco em cinco pessoas para o acampamento, senão o Ministério pedia pra ver as carteiras, e se as carteiras não tivessem assinadas a gente ficava preso. Na ida às vezes acontecia da gente negociar com o pessoal da fazenda pra trabalhar sem carteira. Mas só sendo com pessoas conhecidas (...). Hoje tem fiscalização. Eu passei mais de seis anos em São Paulo, em 88 eu trabalhei de graça (...). Cheguei sem nada, nada. Fiquei mesmo em cativeiro. (...) Hoje eu tô meio que no trabalho do gato, né. Mas eu não alicio os menino como a gente era aliciado antigamente. Os meninos vão porque querem ir.¹⁷³

Ao se colocar na situação de gato, o entrevistado faz questão de construir sua narrativa a partir da comparação das condições de trabalho que experimentou anteriormente. Para ele, as condições de trabalho, associado ao controle rígido do Estado sobre a circulação desta população, era o que em certa medida, fazia com que alguns trabalhadores acabassem caindo situação de exploração pelos gatos e grandes fazendeiros. Como ele explicou, a exigência de uma “carteira assinada” na fiscalização que ocorria nas fazendas no Estado de São Paulo, fazia com que muitos trabalhadores se submetessem as propostas dos gatos, que nem sempre coincidiam entre o acordado e o feito.

¹⁷² Aparecida. Op.Cit.

¹⁷³ Entrevista realizada pelo autor. O entrevistado se chama Silviano José da Silva. A gravação foi realizada em 03 de Outubro de 2015, na cidade de São Bento-PB

Assim, ao falar das relações estabelecidas entre gato e trabalhador hoje, ele assumiu que o trabalho ambulante sem carteira assinada é irregular, porém não é trabalho escravo. Embora alicie trabalhadores para realizar atividade de ambulante, sem garantias e direitos trabalhistas, ele se coloca como uma espécie de “gato” mas justo. Entretanto, assinalo que a exploração continua existir sob novos aspectos e formas de controle.

A sua narrativa está intrinsecamente relacionada ao contexto que vivencia na circunstância da entrevista. Em outras palavras, ao lugar social ocupado por ele atualmente, como “gato” ou auto avaliado como “gato do bem”. Para tal compreensão, é preciso reconhecer que as memórias estão carregadas de valores e necessidades sociais, que dão sentido ao passado. Aqui, o poder da fala está no lugar social ocupado pelo narrador. A esse respeito, conforme Jelin (2002, p.18), “*el passado que se rememora y se olvida es activado em um present y em función de expectativas futuras*”.

A memória de trabalho de Silvino é impregnada de sacrifícios e exploração de seus trabalho, mas ainda da exploração dele sobre o trabalho dos outros. A sua narrativa foi bastante alongada ao falar da sua infância, na falta de educação formal, que se apresenta como determinante para ter se tornado um migrante e, por conseguinte, um trabalhador escravizado. Observo que ele evidencia pelo menos dois momentos que diferenciam sua trajetória migratória: o passado em que esteve impedido do direito de ir e vir, quando segundo ele “ainda existia cativeiro”, e o contexto vivido no presente em que ele costuma formar turmas para trabalhar no comércio ambulante no sul do Brasil. Embora atuando na condição de “gato” da região, Silviano se diz não aliciar os trabalhadores e que a migração desses trabalhadores é uma opção, embora ele utilize das relações de parentagem para seduzir e aliciar trabalhadores para formas novas turmas.

Entendo que a noção de tempo evidenciada na narrativa de Silviano é o de tempo de vida, o qual está dividido em três circunstâncias: o trabalho na roça, na fazenda em que vivia com sua família sob condição de morada; a condição de migrante trabalhador rural escravizado em São Paulo; e a atuação como empreiteiro, ou “gato”.

No sentido de elucidar a estratégia de aliciamento e deslocamento identificada na fala de Silviano, ressalto aqui o comentário de Aparecida sobre

os meios utilizados pelos trabalhadores para burlar a fiscalização: “*tem alguns que não saem daqui como qualquer uma pessoa normal, bem vestido e com sua mala e alguns que já levam mercadoria e vão vendendo, né (...). Então tem muita gente aí que viaja por conta própria, que é a maioria*”¹⁷⁴.

A fala de Aparecida, me permite pensar nas várias dimensões que o trabalho ambulante pode tomar. O trabalhador pode ser tanto agenciado por um gato, bem como trabalhar por conta, como comentamos no primeiro capítulo. Neste sentido, os arranjos e as formas como estes realizam o trabalho como vendedor ambulante diverge de caso para caso.

Segundo Silviano,

Hoje em dia existe muita forma de controlar e fiscalizar, mas antigamente não. Lembro muito bem que no tempo que eu ia pro cativeiro não existia nada. O cativeiro hoje em dia acabou. Hoje em dia tá tudo mais fácil, é tudo mais fácil. Porque hoje em dia existe a lei. Existe lei em todo canto. O povo não sai mais pra ser escravizado por isso que eu junto os menino pra ir porque não tem isso de ser escravizado. Tem lei hoje em dia¹⁷⁵.

Silviano reafirma a ideia de que não existe mais cativeiro devido a fiscalização e as leis trabalhistas. Embora em sua narrativa tente afirmar que existiam leis que garantiam a liberdade e direito dos trabalhadores, estas leis não se aplicam ao caso do trabalho ambulante. Para Silviano apesar de não partilharem de direitos adquiridos por outros trabalhadores, o principal ganho do vendedor ambulante começa com a liberdade de escolha do ir e voltar. Neste sentido, as relações estabelecidas entre ele (o gato) e os trabalhadores, são forjadas a partir de uma teia de sociabilidade e confiança, onde são negociados pessoalmente os ganhos e lucros a serem obtidos por ambas as partes. Para Silviano, o gato, não existe conflitos. Entretanto comparando as condições de trabalho e condições de saúde que são sujeitados, como me narrou Aparecida, Madalena, Emanoel e outros, as relações entre gatos e trabalhadores aparentemente são carregadas de exploração e sujeição.

Silviano, assim narra como ele alicia um grupo de trabalhadores:

A gente monta um grupinho de quatro ou cinco aí nós viajamos daqui. Aquele grupo ali é como se fosse tudo da mesma família.

¹⁷⁴ Aparecida. Op.Cit.

¹⁷⁵ Silviano. Op.Cit

É um grupo de quatro, então são quatro irmãos, aí é pra lhe ajudar na hora do serviço, na hora da doença, na hora da fome. Quatro é um grupo, né. (...) É um grupinho, como se fosse quatro irmãos.¹⁷⁶

A turma de trabalho, conforme o fragmento acima, também funciona como um apoio, um meio de manter a segurança do grupo em relação ao outro, ao de fora. Para além das estratégias de aliciamento que o “gato” monta, o narrador do seu ponto de vista tenta evidenciar uma cadeia de solidariedade e reciprocidade, embora configurada de forma assimétrica. Para os trabalhadores, o aliciador assume um duplo papel, o de amigo do lugar de origem e chefe.

Ao recordar o tempo em que esteve em cativeiro, com um de seus irmãos, Silviano relata que se sentia isolado do resto do mundo, sem qualquer contato com membros da sua família, parentes ou conterrâneos. Por várias vezes, teve oportunidade de fugir, como fez parte de sua turma. No entanto, continuou trabalhando e tentou uma negociação como o “gato”, e assim sair limpo, como comenta:

E eu estava devendo sem condição nem de ir embora, não tinha comunicação com nada, não tinha comunicação com os meus pais, não tinha nem como mandar pedir o da passagem pra eu vir embora, são 2800 quilômetros daqui até lá. Aí como é que eu vinha sem dinheiro, sem nada, eu sei que nessa época sempre foi embora um bocado, foi embora um bocado, e eu fiquei com meu irmão. Aí eu disse: Irmão, nós vamos fazer o seguinte, a gente pode passar um ano aqui, mas nós só sai daqui quando sair liberado. Eu não vou sair pra ir me buscar pra mim voltar, porque se me buscarem e me pegarem, e eu voltar, eu vou me sentir mal.¹⁷⁷

A fala de Silviano é contraditória. Embora admita que não existia condições de sair do local em que se manteve cativo, afirma em seguida que não quis sair da situação, com medo de ter que retornar a força. Essa contradição insere-se sobre a memória e o tempo vivido. Hoje em condição de gato e também de trabalhador ambulante, talvez fizesse mais sentido reafirmar os laços de lealdade e cumprimento do dever. Elementos importantes para relação que estabelecia com os trabalhadores ambulantes no momento em que realizei a entrevista.

¹⁷⁶ Silviano. Op.Cit

¹⁷⁷ Silviano. op.Cit.

Na condição de gato e trabalhador ambulante, Silviano manteve seu comércio de redes no seu local de origem aos cuidados de membros de sua família, que permaneceram naquele local como garantia da subsistência familiar. Enquanto isso, ele alicia trabalhadores e leva para trabalharem no comércio ambulante no sul do país. Tais práticas são entendidas aqui, como necessárias para a manutenção de boas relações na terra natal. Segundo ele:

Enquanto eu ajeito alguns menino pra trabalhar fora. Os pessoal aqui de casa fica trabalhando aqui. Além disso é como se eu tivesse fazendo um favor pros menino que já estão lá. Do mermo jeito que me levaram eu quero levar também pra recompensar, né. Porque eu sei que precisa de gente. Os menino que tão lá a mais tempo sempre me ajuda e eu quero retribuir.¹⁷⁸

Fiquei tentando entender que tipo de ajuda é esta que Silviano se refere e o questionei: “é que assim as mercadorias que alguns dos menino vende são minhas. Aí quando eu levo os menino, eu levo também troço pra eles venderem”¹⁷⁹ Nesse caso, entendo que a não-ruptura existe com as antigas relações de trabalho em sua terra natal, o trabalhador migrante é um braço do comércio que Silviano desenvolve na sua terra natal. Deste modo passa a coexistir um sistema de exploração e geração de lucros, que se mascara em forma de trocas de favores. Essas relações são articuladas nos lugares de destino, possibilitando estratégias para o recrutamento dos trabalhadores nas suas regiões de origem, a partir das redes sociais de parentesco e amizade. Então, na condição de “gato” da região, Silviano chegando na unidade de produção, ele passa a exercer vigilância e controle sobre os mesmos, sendo o responsável pelo desempenho no trabalho e pela disciplina dos trabalhadores.

Silviano comenta que adquiriu a confiança de todos por ter boas referências o que pode significar ser conhecido pelos familiares na cidade de origem. Segundo ele tornou-se uma pessoa bastante conhecida naqueles confins, especialmente porque não gosta de confusão. É importante perceber que ele atribui sua boa personalidade e espírito trabalhador a um dom divino. Diz ele:

(...) eu sou um sujeito que graças meu bom Deus eu me concentro em todo lugar que eu chego, todo lugar que eu chego

¹⁷⁸ Silviano. Op.Cit

¹⁷⁹ Silviano. Op.Cit.

tenho uma amizade, tanto faz tá aqui como na Paraíba, como no Paraná, não gosto de discussão. Se vier com discussão comigo, não respondo, e eles gostam de mim, gostam dos meus amigos (...).¹⁸⁰

Em vários momentos de sua fala, Silviano afirma ser católico. No fragmento acima a religião aparece como responsável pelo seu equilíbrio e sucesso nas relações estabelecidas no trabalho, tanto em relação aos demais trabalhadores, já que nesse caso ele fornece mercadoria e enquanto “gato” fornece mão-de-obra para o trabalho, quanto em relação aos trabalhadores que arregimenta. Nesse último caso, entendo que o objetivo do “gato” é forjar um ambiente propício para negociação e controle.

As relações construídas por Silviano, assim como tantos outros que decidiram por não migrarem e residirem por residir definitivamente em São Bento, evidencia uma situação recorrente nos dias de hoje, de homens que cansados, doentes ou frustrados pelas experiências anteriores, deixaram de se deslocarem ou de buscarem no trabalho ambulante formas de sobreviver.

Quando decidem retornar ao Nordeste, esses migrantes continuam a reproduzir a estratégia de sobrevivência do Paraná, envolvendo os familiares e amigos próximos na produção de confecções de redes e tapetes. Dá-se, em grande medida, como já mencionei, pelo fator idade desses trabalhadores, mas não é determinante haja visto que encontrei trabalhadores migrantes realizando o comércio ambulante com idade superior a 40 anos.

Assim e fazendo jus a epígrafe que inicia este capítulo, esses trabalhadores, ao retornarem, já não são os mesmos; e, por ter que sair, nas condições em que sai, modificam as relações sociais do seu grupo de origem, altera a organização da família, a divisão do trabalho familiar, o lugar de cada um. O que encontra, quando retorna, já não é aquilo que deixou. “Ele nem mesmo se reencontra porque já é outro, procurando ser o mesmo. Já não pode ver o mundo da mesma maneira que o via antes”.

Na lógica desta movimentação, os que ficam (os de cá) sofrem pela ausência e acabam por criar novas reproduções que condizem com o trabalho que era efetuado por quem foi (os de lá). Ressaltando que apesar de ausentes, estes sujeitos ainda possuem um quarto na casa, uma moto na garagem, um

¹⁸⁰ Silviano.Op.Cit.

lugar à mesa, de um jeito ou de outro vivo na rotina da família e nas lembranças do cotidiano.

A memória é o elo que une o este trabalhador e a família. É através dela que ele cria forças para continuar longe de casa, e que a família utiliza para está sempre presente na vida de quem foi.

CONCLUSÃO:
OS DESEJOS ESQUECIDOS QUE RENDERÃO OUTRAS PAISAGENS.

O discurso histórico disciplinado da prova consiste num diálogo entre conceito e evidência, um diálogo conduzido por hipóteses sucessivas, de um lado, e a pesquisa empírica, do outro. O interrogador é a lógica histórica; o conteúdo da interrogação é uma hipótese (por exemplo, quanto à maneira pela qual os diferentes fenômenos agiram uns sobre os outros); o interrogado é a evidência, com suas propriedades determinadas. Mencionar essa lógica não é, de certo, proclamar que ela esteja sempre evidente na prática de todo historiador, ou na prática de qualquer historiador durante todo o tempo. (THOMPSON, 1981, p. 49)

Por meio do diálogo entre sujeito (que comporta múltiplas dimensões em sua compreensão de homem e de mundo) e objeto (que tem evidências ou não), é possível o questionamento em relação às visões, que negam ou comprovam o envolvimento do sujeito historicamente situado no ato de sua produção de conhecimento, de sua relação com o conceito de verdade, sociedade, política, educação, entre outros, e também a problematização de concepções históricas nas quais eu, enquanto pesquisador pude me ancorar para indagar das leituras sua validade, delimitação e atualidade ou não frente a algumas analogias que apresentam pistas distintas e novas.

Sob esse olhar, esta tese que aqui se finda teve como problemática investigar as experiências vividas, compartilhadas e remoradas pelos redeiros que realizavam o comércio ambulante na cidade de Cascavel-PR. Utilizei-me como dimensão de tratamento do objeto uma pesquisa de cunho qualitativa, centrada na interpretação de narrativas orais e na abordagem teórica metodológica da linha de pesquisa de Trabalho e Movimentos Sociais do programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, tendo E.P.Thompson como um dos principais teóricos que me subsidiou no desenvolvimento deste trabalho. Confesso que alguns momentos meu eu historiador tenha sido suprimido pelo meu eu de sociólogo, mas penso que ambas as áreas de minha formação se complementaram na escrita deste trabalho.

A escolha por encerrar retomando E. P. Thompson não foi aleatória. Além do seu talento, sua paixão e intelecto que o conduzem a pensar, analisar e redigir a história de um modo diverso, chamo atenção para atitude crítica do pesquisador diante das evidências, sua compreensão acerca do necessário embate entre a teoria e a empiria no processo de produção do conhecimento, sua crítica à noção de que a teoria tenha uma sede independente da realidade, ou ainda, à ideia inversa de que a empiria, por si mesma, pode revelar espontaneamente sua significação.

Partindo disso, tomei como suporte a movimentação social provocada pelos trabalhadores ambulantes na comercialização dos objetos oriundos das tecelagens nordestinas.

Talvez esta pesquisa pudesse ser feita em qualquer que fosse lugar, qualquer que fosse a cidade, mas Cascavel-PR aparece no conjunto de suas contradições, conflitos e tensões como fiz menção ao longo dos capítulos desta tese, sobretudo por ser uma cidade constituída por migrantes para além daqueles sujeitos deste trabalho e por mesmo assim acontecer os estranhamentos diversos em relação aos de fora.

Concentrei-me em perceber como a movimentação social, os deslocamentos mexeu com os modos de viver e trabalhar. Nas trajetórias dos entrevistados busquei elementos para refletir sobre os significados que o trabalho ambulante teve na constituição e no reconhecimento deles como trabalhador, o que abarcava não só as relações vividas no espaço da rua, do trabalho, mas também de suas sociabilidades diversas.

Foi nesta análise que pude perceber que as trajetórias desses trabalhadores que investiguei são bastante diversas: Se enquanto alguns entram para o comércio ambulante porque não tiveram uma outra oportunidade de trabalho, há outros que veem neste trabalho uma forma de guardar, de poupar dinheiro para no retorno a sua terra natal poder investir no seu próprio negócio. Além disso há a presença do suposto “gato” ou o encarregado que pode ser um micro-empresário detentor destas mercadorias e que junto com esses outros trabalhadores se desloca para a venda destas mercadorias.

Com a intenção de delinear o conjunto das relações que envolviam o tema desta pesquisa, indo além de questões como migração e identidade nordestina. Embora em alguns instantes eu tenha feito menção ao ser

nordestino até por ter aparecido nas narrativas dos entrevistados preferi chamar tão somente de redeiros ou trabalhadores ambulantes.

Os sujeitos com os quais dialoguei deixaram a região de origem em busca de alguns sonhos/ e ou objetivos, cada um carregava consigo as suas próprias expectativas. Pude perceber ao longo da pesquisa que, com exceção de Maluco, eles viviam a cidade de Cascavel de forma temporária, as moradias, como bem destaquei, apontam para isso. Essa direção está relacionada às expectativas e a forma de trabalho desses homens. Embora o Nordeste e a cidade de São Bento, na Paraíba, em particular seja o espaço “do lá” para aqueles que estavam em Cascavel, este lá não se apaga nas memórias dos trabalhadores. Pelo contrário a impressão que tive é que eles nem vivem no sentido literal da palavra a cidade, por isso usei a expressão outsider para ainda reafirmar esse caráter de “estranho” na cidade. A relação que mantém com a cidade natal fica evidente pela manutenção dos costumes e pela própria vivência no grupo de conterrâneos.

Pude perceber ao longo do trabalho na análise das entrevistas que as opiniões quanto ao motivo do deslocamento do Nordeste são divergentes, isso possibilitou-me trabalhar com as diferenças em meio a um mundo que muitos apresentam como homogêneo ou como na historiografia tradicional, sobretudo dos escritos da década de 1980 colocava os nordestinos migrantes na condição de retirante fugindo da fome e da sede. Nesta pesquisa como pude perceber o maior anseio motivador foi à expectativa de guardar dinheiro para quando a sua terra natal retornar poder construir seu próprio negócio.

Para Aparecida e Leandro que entrevistei em São Bento-PB o lá, ou seja, o local de chegada é rememorado com um local bom, de fartura, de viver bem.

Não posso afirmar que todos os redeiros que se dirigiram à Cascavel tivessem boas condições de vida no nordeste, mas posso inferir pelos seus próprios relatos, que muitos a tinham e não deixaram a região de origem devido a dificuldades como fome e seca, mas sim, devido a algumas expectativas de melhorar ainda mais as condições de vida. Faça menção aqui de um relato de um dos “gatos”, trabalhador ambulante que na ocasião me disse que pagava a faculdade de Direito da filha de 18 anos e que os outros

dois filhos dele estudavam em escola particular. Sua entrevista não foi utilizada nesta pesquisa porque ele não autorizou.

Neste sentido, o migrar ou o deslocar para esses sujeitos significa a determinação pelo trabalho e a luta por outras condições de vida em relação a que tinham no Nordeste ou talvez isso faça parte da tradição de alguns trabalhadores como Pedim narrou que “se danar no mundo estaria no sangue”. Este trabalho de ambulante como pude perceber muitas vezes traduzia-se em ter uma renda para ajudar na casa dos pais, para comprar um bem material, como uma moto ou um carro, por exemplo. Sustentar a família que ficou na Paraíba, bancar os estudos dos filhos etc.

Quanto ainda a pesquisa ter sido realizada em Cascavel, embora não tenha sido feito aqui um trabalho sobre a cidade, muitas das questões levantadas por estes trabalhadores, fizeram-me indagar: que cidade era esta que ao mesmo tempo em que anuncia a “capital do trabalho”, celeiro do migrante e que mesmo assim esses homens de foram sofrem um certo rechaço na cidade ora pela lei dos ambulantes que parece não os reconhecerem na cidade ora pela própria população nativa que quase os hostilizam no bairro.

Percebi ao longo da pesquisa que a presença desses trabalhadores em Cascavel é constituída pelas relações sociais conflituosas. Nesse sentido, embora tenha o bairro do Alto Alegre como local de moradia, não pude delimitar um lugar de nordestinos na cidade, os lugares são múltiplos espaços, por isso o uso da categoria espaços de sociabilidades, presentes nas formas de morar, trabalhar e se viver onde se estabelecem relações de sociabilidade constituídas no bairro, na rua, no terminal de passageiros, nos ônibus nos deslocamentos para outras cidades e no retorno à cidade natal.

FONTES UTILIZADAS

Fontes Orais:

Alexandre de Assis Sobrinho. A gravação foi realizada 09 de Maio de 2014, na cidade de Cascavel-PR.

Alfredo de Matos. A gravação foi realizada em 12 de dezembro de 2015, na cidade de São Bento-PB.

Antônio Alves da Silva. Toim. A gravação foi realizada em 24 de Setembro de 2013, na cidade de Cascavel-PR.

Antônio da Silva Santos, Neguim. A gravação foi realizada em 09 de Setembro de 2014, na cidade de Cascavel-PR

Antônio Carlos da Silva Sousa. A gravação foi realizada em 06 de Agosto de 2015, na cidade de São Bento-PB

Aparecida de Jesus. A gravação foi realizada em 20 de janeiro de 2016, na cidade de São Bento-PB

Carlos Norberto de Assis. Carlinhos. A gravação foi realizada em 11 de Março de 2014, na cidade de Cascavel-PR

Emanuel Firmino da Silva. A gravação foi realizada em 18 de agosto de 2014, na cidade de Cascavel-PR

Evelinn Moura. A gravação foi realizada em 27 de maio de 2015, na cidade de Cascavel-PR

Francisco de Assis Macedo. A gravação foi realizada em 26 de Setembro de 2014, na cidade de Cascavel-PR

Gabriel de Souza Silva. A gravação foi realizada em 09 de Setembro de 2014, na cidade de Cascavel-PR

José de Arimatea dos Santos. A gravação foi realizada em 30 de maio de 2015, na cidade de Cascavel-PR

Josemiro Assis de Moura. A gravação foi realizada em 05 de Março de 2016, na cidade de São Bento-PB

Júlio Bernardo da Silva. A gravação foi realizada em 03 de Outubro de 2015, na cidade de São Bento-PB

Luciano Cotiensi Motta. A gravação foi realizada em 27 de maio de 2015, na cidade de Cascavel-PR

Marcos da Silva, Maluco A gravação foi realizada em 09 de Maio de 2014, na cidade de Cascavel-PR.

Marlene Vieira. A gravação foi realizada em 03 de Março de 2014, na cidade de Cascavel-PR.

Maria de Lurdes. A gravação foi realizada em 09 de Setembro de 2014, na cidade de Cascavel-PR

Osvaldo Ricardo. A gravação foi realizada em 03 de Março de 2014, na cidade de Cascavel-PR

Paulino de Souza. A gravação foi realizada em 29 de Janeiro de 2014, na cidade de Cascavel-PR

Pedro Francisco Maciel. A gravação foi realizada em 20 de setembro de 2015, na cidade de São Bento-PB

Robertinho Magalhães, vereador de cascavel, idealizador da Lei dos ambulantes. A gravação foi realizada em 18 de outubro de 2014, na cidade de Cascavel-PR

Rodolfo Bortoloto. A gravação foi realizada em 08 de abril de 2014, na cidade de Cascavel-PR

Solange Diel. A gravação foi realizada em 08 de abril de 2014, na cidade de Cascavel-PR

Zacarias Azevedo. A gravação foi realizada em 08 de abril de 2014, na cidade de Cascavel-PR.

Fontes Jornalísticas:

Nova lei dos ambulantes deverá receber emendas - Projeto quer banir ambulantes 'paraquedistas' e enquadrar ambulantes nativos.

Disponível em: <<http://cgn.uol.com.br/noticia/52309/nova-lei-dos-ambulantes-devera-receber-emendas>> Acesso em 14 de abril de 2014

Apenas um vendedor ambulante em Cascavel conseguiu Alvará". "O Paraná" online. Disponível em: <http://www.oparana.com.br/noticia/apenas-um-vendedor->

ambulante-em-cascavel-conseguiu-alvara/4882/ Acesso em 02 de maio de 2016

Fiscalização termina em pancadaria e detenção de vendedor. O Presente. Marechal Cândido Rondon-PR. 15 de abril de 2014

Cascavel se torna a casa de 44 haitianos. Jornal Gazeta do Povo. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/cascavel-se-torna-a-casa-de-44-haitianos-7mm89ruwe0f8lbi21dfu730b2>. Acesso em 14 de setembro de 2016.

Fontes Documentais(Leis)

CASCAVEL. Câmara Municipal. Lei No. 6147/2012, de 14 de novembro de 2012. Regulamenta o comércio ambulante e atividades afins, denominada de lei dos ambulantes, e dá outras providências.

Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/cascavel/lei-ordinaria/2012/614/6147/lei-ordinaria-n-6147-2012-regulamenta-o-comercio-ambulante-e-atividades-afins-denominada-de-lei-dos-ambulantes-e-da-outras-providencias> Acesso em: 05 de maio de 2014.

CASCAVEL. Câmara Municipal. Lei Complementar No. 78/2014, de 27 de agosto de 2014. REGULAMENTA O COMÉRCIO AMBULANTE NO MUNICÍPIO DE CASCAVEL, E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/pr/c/cascavel/lei-complementar/2014/7/78/lei-complementar-n-78-2014-regulamenta-o-comercio-ambulante-no-municipio-de-cascavel-e-da-outras-providencias>> Acesso em: 28 de setembro de 2015.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval. **O nordestino**: a miséria ganha corpo. In: CAVALCANTI, Helenilda e BURITY, Joanildo (org.) Polifonia da miséria: uma construção de novos olhares. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2002

ALVES, F.H. de A. **A importância da indústria de redes para o desenvolvimento socioeconômico de São Bento-PB** (monografia). Curso de Geografia. Faculdades Integradas de Patos-FIP: Patos, 2010

ANDERSON, Benedict R. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho** - Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000

ARAUJO, F.C.M. D. de. **Os impactos ambientais da indústria têxtil em São Bento-PB**(monografia). Curso de Geografia. Faculdades Integradas de Patos-FIP; Patos, 2011

AUGÉ, Marc. **O sentido dos outros**. Petrópolis, Vozes, 1999.

BAENINGER, R. **Fases e faces da migração em São Paulo**. Campinas: Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp, 2012.

BAPTISTA, D.M.T. **Nas Terras do "Deus-Dará"**: nordestinos e suas redes sociais em São Paulo. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancia no ar**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

BORGES, Selma Santos. **O Nordestino em São Paulo**: Desconstrução e Reconstrução de Uma Identidade. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: Sobre a teoria da ação. Papirus, 1997.

_____. “A economia das trocas simbólicas”. In, Sergio Miceli (Org), 2º edição, São Paulo, Perspectiva, 1987.

CARNEIRO, R.N.A. **A indústria têxtil em São Bento-PB**: Da manufatura à maquinofatura. Monografia. Curso de Geografia. Universidade Estadual da Paraíba: Campina Grande, 2001

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**: o dilema brasileiro: pão ou aço. 8.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008

CERTEAU, Michel De. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 16. ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2009.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2 – Morar, cozinar. Petrópolis – RJ: Vozes, 1996

DaMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar.2000

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. V 1, Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1990.

_____. **O Processo Civilizador**. V 2, Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1993.

_____. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1994.

_____. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1998.

_____. **Envolvimento e alienação**. Rio de Janeiro, BertandBrasil, 1995.

FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. Trabalhadores e cidadãos — Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50. São Paulo, Annablume, 1997

FRÚGOLI JÚNOR, H. **Espaços públicos e interação social**. São Paulo: Marco Zero, 1995.

_____. **A questão dos camelôs no contexto da revitalização do centro da metrópole de São Paulo.** In: SOUZA, M. A. A. de et al. Metrópole e globalização - conhecendo a cidade de São Paulo. São Paulo: Editora CEDESP, 2004.

GARCIA JR, A. **O sul: caminho do roçado.** Rio de Janeiro: Marco Zero. 1989

GOMES, P. C. da C. **A condição urbana.** Ensaios de Geopolítica da Cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

HOBSBAWM, Eric. **Introdução: A invenção das Tradições.** In: HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (orgs.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997. 316p.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

ITIKAWA, L. **Geometrias da clandestinidade:** o trabalho informal no centro de São Paulo. Disponível em: <<http://www.centrodametropole.org.br/>>. Acesso em: 23 de out de 2014.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria.** Buenos Aires: Siglo XXI, 2002 (Colección Memorias de la Represión

KOURY, Mauro G. P. **As violências invisíveis:** Paraíba-1993. In, Política e trabalho, 8/10, PPGS/UFPB, p. 3-12. 1994.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno.** São Paulo: Ática, 1991.

_____. **O direito a cidade.** São Paulo; Centauro Editora, 2004.

LEITE, R. P. **Contra-uso da cidade:** lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas: Editora da Unicamp, 2004

LOPES, R. **A economia informal no Rio de Janeiro:** problema ou solução. Rio de Janeiro: Mauad, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaço:** cultura popular e lazer na cidade. São Paulo, Brasiliense, 1984.

MALAGUTI, M. L. **Crítica à razão informal - A imaterialidade do salarizado.** São Paulo: Boitempo, 2000.

MARTINE, G. “Populações errantes e mobilidade da reserva de mão-de-obra no Brasil.” In: Comunicação simpósio sobre crescimento demográfico na base da pirâmide social. Campinas, São Paulo: SBPC, 1982

MARTINS, José de Souza. **Fronteira**: A degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucite, 1997

MARX, K. **Introdução à crítica da economia política**. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1987. p. 103-125.

_____ ; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1987.

MENEZES, Marluci. **Do espaço ao lugar**. Do lugar às remodelações sócio-espaciais. Rio de Janeiro, UERJ, Horizontes Antropológicos, a. 6, n. 13, 2000

MENEZES, Marilda Aparecida de. “Juventude, família e migrações”. Trabalho apresentado no Simpósio Feminismo, Ação Política e Agroecologia. Recife: FAGES/PPGA/PPGS/ UFPE, 2010.

_____ Migration patterns of Paraíba Peasants. Latin American Perspectives, v. 31, n. 2, Issue 135, p.112-134, mar. 2004.

_____ Redes e Enredos nas Trilhas dos Migrantes. Um Estudo de Famílias de Camponeses – Migrantes. Rio de Janeiro: Relume Dumará/JP/UFPB, 2002.

_____ “Da Paraíba prá São Paulo e de São Paulo prá Paraíba [migração, família e reprodução da força-de-trabalho]”. Dissertação de Mestrado Sociologia Rural. Campina Grande: Universidade Federal da Paraíba, 1985.

MONTESSORO, Claudia. **Centralidade Urbana e Comércio Informal**: Os Novos Espaços de Consumo no Centro de Anápolis. Presidente Prudente, 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006

MOTA, Dalva Maria da. **Trabalho e Sociabilidade em espaços rurais**: Os Trabalhadores da Fruticultura do Platô de Neópolis. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

MULLER, Dalila. **Feliz a população que tantas diversões e comodidade goza**: espaços de sociabilidade em Pelotas (1840 – 1870). (Tese de doutorado) UNISINOS, 2010.

OLIVEIRA, K e JANUZZI, P. **Motivos para Migração no Brasil e retorno ao Nordeste:** padrões etários por sexo e origem/destino. São Paulo em Perspectiva. Vol.19.n.4.2005

PARK, Robert Ezra. **A cidade:** Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In, Velho (Org). O fenômeno Urbano. Rio de Janeiro, Guanabara, 1979.

PATARRA, N e CUNHA, J.M. **Migração:** Um tema complexo. São Paulo em Perspectiva, v.1. 1987. P.32-35

PENNA, Maura. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: _____ SIGNORINI, Ignes (org). Linguagem e identidade. Campinas, Mercado de Letras: São Paulo, Fapesp, 1998.

PIAIA, Vander. Terra, sangue e ambição - a gênese de Cascavel. Cascavel: EDUNIOESTE, 2013.

PRADO, Rosane M. Cidade Pequena: Paraíso e Inferno da Pessoalidade. Cadernos de Antropologia e Imagem, nº 4, pp 31-56, 1995.

PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. História da vida privada: da primeira guerra aos nossos dias. Vol V. São Paulo, Cia das Letras. 1992.

RABOSSI, Fernando. Nas ruas de Ciudad Del Este: Vidas e vendas num mercado de fronteiras. Tese de doutorado em Antropologia – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro - RJ. 2004

RAMIRES, F. J. Severino na metrópole - A negação do trabalho na cidade de São Paulo. 218 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2001.

SÁ. A.J.A. A produção do espaço e os circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento-PB. Revista de Geografia. Recife:UFPE-DCG-NAPA.v.22, n.2, 2005

SAMUEL, Raphael. Documentação. História local e história oral. Revista Brasileira de História. São Paulo, SP: Vol. 9, nº 19. p. 219-243. Set. 89/Fev90.

SAMUEL, Raphael. Teatros da memória. In: Revista projeto história. PUC-SP, n. 14, fev., 1997.

SANTOS, Carlos Meneses de Sousa. Trabalhadores em Movimento. Horizontes abertos em Marechal Cândido Rondon-PR. Segunda Metade do século XX e inicio do século XXI. Jundiaí, Paco Editorial: 2016.

SARTI, Cynthia Andersen. Ambivalência Entre Iguais: uma discussão sobre a moral dos pobres. XVIII encontro anual da ANPOCS, Caxambu. 1994

SAYAD, A. A Imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: EDUSP, 1998

SENNETT, Richard. O declínio do homem público: as tiranias da intimidade. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

SIMMEL, Georg. Questões Fundamentais da Sociologia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In.: Velho (Org). O fenômeno Urbano. Rio de Janeiro, Guanabara. 1979.

_____. “O segredo”. In, Política e Trabalho, PPGS/UFPB, n 15, p. 221-226, 1999.

SMITH, Neil. Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem-teto e produção de escala geográfica. In: ARANTES NETO, Antônio Augusto (org.). O espaço da diferença. Campinas/SP:Papirus, 2000

SUPERANÇA, Alceu. Cascavel: a história. Curitiba: Lagarto, 1992.

SUPERANÇA, Alceu. Cascavel: a história. Cascavel: Editora Gráfica Positiva, 2011.

SUPERANÇA, Alceu A.; SUPERANÇA, C. Pequena história de Cascavel e do Oeste. Cascavel: J.S. Impressora LTDA, 1980.

THOMPSON, E. P. A Miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____. Senhores e caçadores: a origem da lei negra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

_____. **Violência, reciprocidade e desigualdade**: uma perspectiva antropológica. In, G. Velho e M. Alvito (Orgs). Cidadania e violência. 2a ed, Rio de janeiro, Ed. UFRJ/FGV, pp. 11 a 25, 2000.

YAZIGI, E. **O mundo das calçadas** - Por uma política democrática de espaços públicos. São Paulo: Humanitas - FFLCH/USP, 2000.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a Revolta**. São Paulo, Brasiliense, 1985.